

Sheila Adriana Bissolati Camillo



1290002990



TCC/UNICAMP C146r

# **Representações Construídas por Professoras Sobre o Trabalho Docente**

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
2006

2006/19/107

UNICAMP - BIBLIOTECA

Sheila Adriana Bissolati Camillo

## **Representações Construídas por Professoras Sobre o Trabalho Docente**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, sob orientação da Profa. Dra. Aparecida Neri de Souza.  
Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Comissão julgadora:

---

Profa. Dra. Aparecida Neri de Souza

---

Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão Sadalla

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
2006

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	2490
	123/06
	11,00
DATA.....	31.09.06
Nº CPD.....	386311

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C146r Camillo, Sheila Adriana Bissolati.  
Representações construídas por professoras sobre o trabalho docente /  
Sheila Adriana Bissolati Camillo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Aparecida Neri de Souza.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1.Trabalho docente. 2. Formação de professores. 3. Condições de  
trabalho docente. 4. Representação social. I. Souza, Aparecida Neri de. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-280-BFE

Dedico este trabalho a minha mãe, Ida, que sempre me apoiou e acreditou em meu potencial, e a minha amiga Cleusa, a responsável por eu ter feito este curso.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo que me concedeu;

À minha família, pais e irmãos, pela educação, pelo cuidado e preocupação comigo, por estarem sempre presentes em minha vida;

A meu marido, Alessandro, pela paciência;

Às amigas de curso, Débora, Joice, Luana e Mariana, que tornaram estes quatro anos e meio tão preciosos e inesquecíveis;

Às colegas de trabalho, que tornaram possível esta pesquisa, pela colaboração e apoio;

À professora Aparecida Neri de Souza, pela paciência, apoio e ensino.

"A educação faz um povo fácil de ser liderado,  
mas difícil de ser dirigido; fácil de ser governado,  
mas impossível de ser escravizado."

Henry Peter

## RESUMO

Análise das representações sobre a profissão docente construídas pelas professoras que ministram aulas nas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental numa escola municipal da cidade de Vinhedo, no estado de São Paulo. As representações são compreendidas, nesta monografia, como elaborações mentais sobre as condições materiais e subjetivas de existência; e foram também analisadas a partir de duas perspectivas: as relações de gênero e a construção da profissão, esta última apreendida no movimento ambíguo entre a proletarização e a profissionalização. Os depoimentos orais de quatro professoras que ministram aulas em séries diferentes – amostra intencional – foram analisados buscando apreender as trajetórias de formação profissional, as relações entre o espaço privado (a casa e família) e o espaço público (a escola); as trajetórias profissionais (como construíram suas carreiras ou percursos na docência), as condições de trabalho e as representações sobre a docência. As representações construídas se movem em duas direções, que por vezes parecem contraditórias, de um lado as precárias condições de trabalho (intensas jornadas de trabalho, baixos salários, espaços físicos inadequados, estudantes que parecem não realizar uma trajetória de aprendizagem significativa) e de outro, um trabalho que é portador de sentido, pois se trata da formação de gerações para que possam se inserir nos espaços sociais. As representações também se movem entre as concepções de formação destas jovens gerações, que ora privilegia os aspectos morais e disciplinadores em detrimento da formação intelectual, ora privilegia a formação da cidadania como inserção social. Face a estas contradições o professor ora se move na direção de saída da profissão, ora de permanência na mesma.

**Palavras chaves:** *trabalho de professoras; condições de trabalho; trajetórias profissionais; trajetórias de formação.*

## LISTA DE TABELAS

<b>Quadro 1.</b> Distribuição das classes por série e número médio de alunos por classe ....	38
<b>Quadro 2.</b> Número de funcionários em 2005 e 2006 .....	39
<b>Quadro 3.</b> Número de professores em 2006.....	42
<b>Quadro 4.</b> Características gerais das professoras entrevistadas .....	44

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

HTPI – Horário de Trabalho Pedagógico Individual

FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

CPI – Classe Preparatória para Inclusão

EJA – Educação de Jovens e Adultos

CEMES – Centro de Ensino Municipal de Educação e Suplência

HTPC – Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

Proesf – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PROEPRE – Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental do Laboratório de Psicologia Genética da Unicamp

## SUMÁRIO

Introdução.....	02
Capítulo 1. Os caminhos teóricos-metodológicos da pesquisa .....	10
1.1 Um breve histórico da profissionalização docente.....	10
1.2 Uma análise sociológica do trabalho do professor.....	13
1.3 Mudanças sociais e trabalho docente .....	19
1.4 Construindo as categorias de análise.....	26
1.4.1 Das representações .....	26
1.4.2 Relações sociais de gênero .....	29
Capítulo 2. A escola: espaço e a organização do trabalho .....	33
2.1 A caracterização da escola .....	36
Capítulo 3. As professoras: uma análise sócio – econômica.....	42
Capítulo 4. Trajetórias de formação profissional .....	49
Capítulo 5. Trajetórias profissionais: do ingresso à construção da profissão .....	55
Capítulo 6. Na vivência das condições de trabalho a construção das representações sobre a profissão professor .....	66
Considerações Finais .....	76
Referências .....	80
Anexos.....	83

## Introdução

Este trabalho teve por objetivo a análise das representações que as professoras das quatro séries iniciais do ensino fundamental constroem sobre seu trabalho, a partir da compreensão das condições e relações de trabalho vivenciadas por elas numa escola municipal na cidade de Vinhedo, no estado de São Paulo.

Esta monografia pretende analisar as representações que as professoras de uma determinada escola constroem a cerca de seu próprio trabalho. Por representações compreende-se as elaborações mentais que os professores<sup>1</sup> fazem sobre suas condições materiais de existência, isto é, sobre as condições e o exercício da profissão, bem como as condições subjetivas vivenciadas. Este noção foi construída a partir da noção de *habitus*<sup>2</sup> de Pierre Bourdieu e trabalhada por Souza (1996). A análise sobre trabalho de professores pode ser elaborada para além das reações às condições de trabalho, há que entender como são articuladas as vivências ou experiências e como elas refletem sobre as subjetividades.

Para além da noção de representações também serão consideradas as categorias de gênero e classe social, pois acredita-se ser de grande relevância para entender o contexto das representações nesta profissão, visto que o professorado é fortemente representado pelo gênero feminino e marcado pela idéia de ser constituído pela classe média da população. O capítulo 1 desenvolverá as categorias de análise utilizadas nesta monografia.

“As representações que os professores fazem de si mesmo em função da auto-imagem e da auto-valorização que constroem de sua profissão [são elaboradas] com base nas experiências vivenciadas na escola, como um local de trabalho” (Souza, , 1996, p. 19)

O ponto de partida desta monografia era tentar compreender as mudanças nas representações que as professoras constroem sobre seu trabalho. As antigas professoras constroem as mesmas representações que as jovens professoras? Quais são as

---

<sup>1</sup> Será usado o termo *professor* ou *professores* no masculino genérico em vários momentos para facilitar a leitura, sem querer desprezitar a grande maioria de mulheres presente na profissão docente.

<sup>2</sup> As professoras realizam a aprendizagem das relações sociais mediante a assimilação de normas, valores e crenças sociais. As normas caracterizam as práticas tais como linguagem, comportamentos; os valores permitem a orientação dos comportamentos. Assim, o *habitus* é um sistema de disposições duradouras adquirido pelo professor durante seu processo de socialização. Bourdieu, 1996.

diferenças, similitudes ou singularidades nas representações? Essas representações incorporam o movimento que parece desvalorizar a profissão de professor?

De forma geral, muito se ouve falar em desvalorização do profissional docente hoje, não só pela redução de seu poder aquisitivo, mas também pelas suas condições de trabalho, pelas relações de trabalho, pelo acesso à cultura e pelo (des)prestígio de sua profissão. Souza (1996), em seu livro *Sou professor, sim senhor!*, sobre o salário do professor diz que

“os baixos salários históricos revelam como a mercadoria força de trabalho é economicamente pouco valorizada no mercado” (p.102),

“o número excessivo de horas de trabalho ocupa quase que totalmente a existência desses docentes” (p.104),

Referindo-se ao grupo de professores por ela pesquisado, mostra que

“a perda de prestígio, do *status*, foi decorrente do rebaixamento salarial que os professores têm enfrentado na história recente do país” (p.119).

Traz também, o fato de que

“as condições de trabalho, especificamente os baixos salários, têm levado alguns professores a se exonerar da escola pública” (p.108).

Como as professoras da escola municipal, em Vinhedo, vivenciam estas condições mencionadas por Souza (1996)?

Esta situação também pode ser percebida no cotidiano de estudantes de Pedagogia. Comumente percebe-se, ao dizer que é estudante de pedagogia ou que é professor, quase uma expressão de “sinto muito”, “que pena”, no rosto das pessoas, quando não falados claramente. O que aconteceu com esta profissão? Com a professora como profissional? Entre os depoimentos que Souza (1996) transcreveu em seu livro pode-se observar que os professores se sentiam valorizados e que vivenciaram um processo de desvalorização:

“Nós éramos valorizadas, o magistério era bom, você era acreditada. Hoje, o professor não tem crédito nem entre os alunos.(...) O valor era respeito.(...) O problema é o salário.(Professora CLT, 22 anos de magistério)” (Souza,1996, p.119).

O professor é o principal profissional na educação escolar de crianças e jovens, ainda não se é capaz de conceber uma escola sem professores, mesmo na educação à distância há alguém fazendo este papel. Mas sabe-se também que um profissional desmotivado, insatisfeito e desvalorizado não costuma realizar um bom trabalho, não

seria diferente com os professores. Qual é o papel do professor hoje é uma das questões que surge cada vez que se pensa na situação em que se encontram os docentes. Segundo Esteve em “O mal-estar docente”, os professores têm

“que redefinir junto à nossa sociedade o papel que estamos representando. Não faz sentido que o sistema de ensino continue o absurdo de manter em um ensino massificado os objetivos de um sistema projetado para um ensino de elite. (...) Nossa sociedade é hipócrita e ambivalente quando aplica a nós, professores, o velho discurso da abnegação e do valor espiritual e formativo do nosso trabalho, quando na verdade deprecia tudo o que não tem valor material” (1999, pág. 18,19).

Pior ainda é ver a maioria dos professores acreditando nesse discurso e tentando de várias maneiras valorizar o próprio trabalho enquanto sente a desvalorização deste pelos não professores, buscando na “vocação” e no “prazer” uma estratégia para continuarem no magistério, Devido a uma possível concepção de trabalho “arruinada”, a exclusão social, a violência na escola e em seu entorno, jornadas intensas de trabalho, baixos salários, perda de prestígio social, o professor de hoje parece estar sofrendo um verdadeiro “mal-estar”, como constata Esteve (1999). Frequentemente ouve-se falar de professores pedindo afastamentos por motivos de saúde, estresse, pânico, ou mesmo deixando a profissão, demitindo-se de seus cargos. É possível observar que em São Paulo parece haver o mesmo mal-estar que o encontrado no trabalho de Esteve (1999), embora este tenha sido realizado na Espanha.

Esta observação leva à necessidade de estudar se, aqui, como na Espanha de Esteve, essa concepção “arruinada” do professor também está presente, e o que leva a este mal-estar e degradação da educação escolar. Se a concepção de professor como profissional é tão ruim, por que ainda há estudantes cursando pedagogia e querendo ser professor (a)? E o que dizer dos alunos que enchem seus professores de presentes, cartinhas e declarações de seu afeto e carinho, e ainda dizendo que quando crescerem também querem ser professores(as)? Se a concepção da profissão parece ser tão ruim, a realidade, a vivência não se parece tanto com ela. Qual a relação entre essa concepção que se faz da profissão docente, a sua valorização, a organização e as relações de trabalho na escola?

A monografia pretende compreender a organização e as relações de trabalho e quem é o professor que trabalha hoje na escola pública municipal. No início do trabalho de pesquisa para o TCC, a intenção era também conhecer quais eram as imagens, as representações que se construíam sobre o professor da educação fundamental, o antigo

professor primário. De forma geral a imprensa e a população pareciam construir referências negativas dos professores, desqualificando o trabalho e a escola pública. Estas concepções sobre o professor pareciam confirmar a crise na qual está inserido o sistema de educação pública: a falta de professores para algumas disciplinas, a baixa qualificação de muitos professores, a desmotivação e ou a insatisfação profissional. Mas uma pesquisa desta amplitude só poderia ser feita com um tempo maior que o destinado ao Trabalho de Conclusão de Curso; assim no decorrer da pesquisa foi tomada a decisão de estudar somente as concepções que os professores constroem sobre seu trabalho.

No âmbito geral, este TCC pretende contribuir para reverter este quadro de desvalorização, de desprestígio e depreciação do professor e evidenciar quais são as dificuldades, problemas, tensões, contradições que as professoras estudadas vivenciam. As concepções negativas sobre o professor contribuem para o adoecimento - desvalorização e a baixa auto-estima - do professor.

Se a valorização do professor depende da valorização de seu trabalho, pergunta-se: como os professores se compreendem como profissionais? O que é o trabalho em educação escolar? Quais as condições de trabalho deste professor? Como são as relações de trabalho? Quem são as professoras que trabalham na escola pública de primeira a quarta série do ensino fundamental público numa cidade do interior de São Paulo?

Se o trabalho de professores parece, segundo Souza (1996, p.125), não se materializar em “coisa” ou “produto”, como as professoras se compreendem produzindo e reproduzindo a cultura? Entendendo que a cultura é o próprio mundo, “as coisas e os produtos”, os valores, o conhecimento e os saberes. Haveria uma depreciação do trabalho não material?

A hipótese que orienta este trabalho é que as concepções que são construídas sobre o professor (seja pela mídia, seja pela população em geral) têm reflexos sobre as concepções que os professores constroem sobre seu próprio trabalho, mas de forma contraditória as professoras constroem representações sobre próprio trabalho como um trabalho “bem feito” (portanto qualificado), um trabalho prazeroso (elas gostam da profissão de ensinar); um trabalho admirado pelos colegas, pelos alunos e pelos pais. Portanto, as representações construídas pelas professoras sobre o trabalho de ensinar

apresentam as contradições entre as concepções negativas incorporadas e as concepções positivas.

A pesquisa foi desenvolvida na escola em que a pesquisadora trabalha como professora, isto já de antemão coloca um problema, o de distanciamento desta do seu objeto de pesquisa<sup>3</sup>. Se de um lado a decisão foi tomada pelo fato de que a pesquisadora teria acesso aos dados, os professores, o tempo destinado ao trabalho seria ampliado, por outro, esta decisão trouxe alguns problemas, entre eles os juízos de valor já construídos como professora. Não houve distanciamento da professora que trabalha na escola da pesquisadora e estudante de pedagogia que investiga o trabalho que ela mesma realiza. Isto retardou bastante o trabalho.

Optar por pesquisar a própria escola em que trabalha não foi uma decisão fácil, foi decidido em conjunto com a orientadora do trabalho, havia o interesse da pesquisadora por estar envolvida no trabalho da escola, por presenciar os problemas que encontravam os professores que com ela atuavam e por questionar-se sobre quais seriam as representações que seus colegas de trabalho construíam sobre suas profissões. A decisão foi tomada partindo do princípio que seria mais fácil pesquisar esta escola, pois os documentos e os professores seriam mais acessíveis. Mas a pesquisa não se mostrou tão simples como parecia, o envolvimento com a escola, a equipe e o trabalho, problemas e angústias compartilhadas, tornaram-se, em vários momentos, quase que empecilhos para a continuidade da investigação.

O TCC começou com a disciplina “Metodologia de Pesquisa em Ciências da Educação”<sup>4</sup>, o primeiro projeto, como já escrito anteriormente, pretendia estudar as “imagens construídas” sobre o professor, mas o ponto de partida foi o livro de Aparecida Neri de Souza sobre as representações que os professores constroem sobre seu trabalho.

Considerando que a pesquisadora era simultaneamente professora e pesquisadora no mesmo espaço de trabalho, as observações do cotidiano escolar já se inseriam nas atividades profissionais. Mas decidiu-se fazer um Caderno de Campo, a partir de outubro de 2005 e durante o primeiro semestre de 2006, com o registro das

---

<sup>3</sup> A superação das pré noções construídas no cotidiano escolar apresentou-se no processo de pesquisa como necessidade de superação da cotidianidade (Conforme Agnes Heller, *O Cotidiano e a História*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989).

observações diárias dos acontecimentos que a pesquisadora presenciava durante o horário de trabalho, das reuniões pedagógicas, dos momentos de discussões e de descontração entre os profissionais que ali atuam.

O fato de trabalhar na escola desde o início de 2004, já possibilitava alguns conhecimentos sobre a escola. Assim já havia conhecimento sobre os espaços físicos, disposição das salas e outras dependências da escola; sobre a rotina de trabalho na escola, os horários de entrada, saída e intervalos; sobre as relações entre os professores, funcionários, alunos e pais de alunos; sobre as diferentes reuniões; e sobre o entorno da escola, o bairro e os moradores. Se isto facilitou a pesquisa também trouxe muito sofrimento na dificuldade de distanciamento afetivo com os sujeitos e objeto da pesquisa. Mas houve uma mudança, após o primeiro semestre da pesquisa, que exigiu mais trabalho investigativo e também contribuiu para o atraso na elaboração do TCC.

A escola mudou-se para outro prédio, durante a pesquisa em janeiro de 2006, próximo ao antigo endereço, no mesmo bairro. Esta mudança causou transtornos, pois seria necessário conhecer, como pesquisadora, o novo espaço de trabalho, os novos professores, funcionários e equipe pedagógica que passaram a fazer parte da escola. A observação do novo ambiente e as relações que nele foram construídas começaram no primeiro semestre de 2006. Num primeiro momento foi pedido à diretora da escola a permissão de realizar a pesquisa, muito gentilmente ela aceitou e se mostrou aberta a dirimir as dúvidas que tivesse e auxiliar no fosse preciso, apenas pediu que conversasse também com os professores, informando-lhes sobre a pesquisa, pois seriam os sujeitos da mesma, para que também concedessem autorização para pesquisar suas vidas profissionais dentro da escola. Foi apresentada a pesquisa aos professores nos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPCs) e iniciada a pesquisa.

Além das observações realizadas e mencionadas acima, também foram coletados e analisados os documentos da escola, como o Regimento Escolar e o Plano de Gestão. Estes documentos foram interrogados quanto à organização administrativa e pedagógica da escola; e, quanto à caracterização demográfica dos funcionários, professores, alunos e comunidade. Os dados coletados referem-se ao ano letivo de 2005, e conseqüentemente à antiga organização da escola e à antiga direção, coordenação, professores e funcionários. Se, no início da pesquisa foi possível levar os documentos

---

<sup>4</sup> Disciplina oferecida pela Professora Ivany Rodrigues Pino, Departamento de Ciências Sociais e

para casa e até copiá-los, para leitura e análise mais detalhada, num segundo momento voltando a requisitá-los já não podia mais retirá-los da escola, então boa parte das análises foram feitas dentro da escola, no horário oposto de trabalho, usando o laboratório de informática que estava desativado, mas com alguns computadores funcionando. A análise destes documentos encontra-se no capítulo sobre a escola como local de trabalho.

O Estatuto do Magistério Municipal<sup>5</sup> foi analisado e cotejado com os documentos da escola para identificar as mudanças recentes produzidas pela administração pública. Houve mudanças na direção da Secretaria Municipal de Educação, com a eleição de um novo prefeito; assim como houve mudança na direção da escola e das instalações físicas. A jornada de trabalho de professores, as formas de recrutamento e seleção serão analisadas no capítulo sobre a caracterização dos professores da escola e também serão cruzados com os depoimentos das professoras pesquisadas.

Após as observações das mudanças e o estudo dos documentos, foi possível ter um mapeamento do coletivo de professores da escola, identificado por série em que ministra aulas e tempo de trabalho no magistério (anexo 1). Deste mapeamento foi construída a amostra intencional de quatro professoras para entrevistas em profundidade sobre suas trajetórias profissionais, pessoais e de escolarização.

A escolha das professoras se deu, em primeiro lugar, a partir do mapeamento que permitiu construir os seguintes critérios: deveriam ser professores de séries, sexo, idade e tempo no magistério diferentes, em número que permitisse não só fazer as entrevistas como também a análise; em seguida os listados foram consultados sobre a disponibilidade ou aceitação em ceder seu tempo e vontade para realizar as entrevistas, nesta consulta deixou-se de lado o critério de sexo diferente devido a indisponibilidade; finalmente chegou-se às quatro entrevistadas: uma professora de 1ª série, outra de 2ª, outra de 3ª e outra de 4ª série. O roteiro de entrevista encontra-se no anexo 2.

As entrevistas foram realizadas todas na escola por escolha das entrevistadas. Três das entrevistas foram realizadas dentro do horário de aula, usando o tempo de HTPI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual) e alguns minutos em sala de aula, a

---

Educação, Faculdade de Educação, 2004

<sup>5</sup> Este documento foi encontrado em um manual da legislação municipal, dado aos professores em 2004, por uma professora da escola que era vereadora na época.

quarta professora preferiu fazer após o horário da saída. As entrevistas foram gravadas em fitas microcassetes e transcritas pela pesquisadora logo em seguida. As entrevistas na íntegra se encontram no anexo 3.

Com base nestas entrevistas, nos documentos e nas observações foram analisadas as representações que as professoras constroem sobre seu trabalho.

O TCC foi organizado em 6 capítulos, sendo o primeiro capítulo uma apresentação teórica sobre a profissão docente, dividida em 4 subtítulos, um breve histórico da profissão; uma análise sociológica da profissão, a partir da leitura de diversos autores, contemplando a situação de crise em que se encontra a educação e a ambigüidade entre proletarização ou profissionalização dos professores; uma reflexão sobre as mudanças atuais na sociedade e como afetam a profissão docente; e as categorias de análise da pesquisa.

O segundo capítulo trata da escola como local de trabalho, uma apresentação do ambiente em que está inserida, a cidade e o bairro, e a descrição da escola, com suas dependências, quadro de funcionários e professores, analisada através dos documentos escolares e das observações do caderno de campo.

O terceiro capítulo apresenta de uma maneira geral os professores da escola pesquisada e as quatro professoras entrevistadas, contendo uma análise da situação sócio-econômica das mesmas. O quarto capítulo trata das trajetórias de formação destas professoras, como escolheram a profissão. O quinto capítulo é sobre as trajetórias profissionais, a entrada no magistério, como controem a profissão, a permanência na mesma. O sexto capítulo traz as representações construídas por elas sobre a profissão, a partir das condições e organização do trabalho docente como se compreendem como professoras.

Por fim, as considerações finais deste Trabalho de Conclusão de Curso contempla uma reflexão sobre os resultados alcançados pela pesquisa e a abertura para novas pesquisas sobre a profissão docente.

## Capítulo 1.

### Os caminhos teóricos-metodológicos da pesquisa

#### 1.1 Um breve histórico da profissionalização docente

Ao analisar a história da profissão docente, a partir do texto de Rogério Fernandes (1998), intitulado “*Ofício de professor: o fim e o começo dos paradigmas*” vê-se como a sua constituição enquanto profissão foi, apesar de uma aparente evolução linear, um processo repleto de lutas e conflitos. Desde a Grécia clássica há um conflito entre “profissão e vocação” na docência, a disputa entre os socráticos, que viam o docente como mestre vocacionado que ensinava por amor ao saber, e os sofistas que têm no professor um profissional, cuja docência é uma opção de vida.

Na Europa, nos finais da Idade Média, tem-se a docência como algo muito ligado às práticas religiosas, a origem da profissão deu-se no seio de algumas congregações religiosas. Havia também alguns casos de professores particulares e o surgimento de escolas primárias para meninos. Surge então, por volta do século XV o início de um complexo diálogo entre os campanários religiosos e as escolas primárias. Nos séculos XVI e XVII, já existe, em Portugal, escolas financiadas por municípios, no entanto desde a época já não se pagavam bem os professores, acrescenta-se que, a este nível do ensino elementar, a condição do professor era dura de viver. Havia mestres que se achavam no limiar da sobrevivência. (Fernandes, 1998, p.6). Ainda assim, essa intervenção dos municípios no ensino, significou um avanço no processo de profissionalização dos professores e no desenvolvimento da profissão, em Portugal e também no Brasil. O processo de estatização e a profissionalização da atividade docente só se desenvolveu com o recuo das intervenções religiosas e com a substituição de professores religiosos por professores laicos.

No século XVII, é que começa uma nova fase da história da educação, a centralização estatal do ensino traz um novo componente para a profissionalização docente. No Brasil, pela primeira vez, surge o Estado como entidade empregadora de

professores. É com o estabelecimento do “ensino régio”, ou “ensino oficial”, que o professor passa a ser pago através de estruturas administrativas estatais e delas fica dependente sob o ponto de vista burocrático, pedagógico e disciplinar (Fernandes, 1998, p. 9). No entanto, este ensino régio e estatal não são muito bem aceitos entre os professores, pois, além de não terem prédios escolares tendo que lecionar em suas próprias residências, o pagamento dos professores não era satisfatório e muitas vezes vinha atrasado, e os professores ainda gozavam de poucos privilégios.

Na Europa, procurava-se o perfil ideal do professor para um movimento de secularização e estatização do ensino, um corpo docente recrutado pelo Estado e processos educativos também controlados por este, mas, ainda prevaleciam os modelos escolares ainda elaborados de acordo com a Igreja. É possível afirmar: o que institui os professores como corpo profissional é o enquadramento estatal. Os professores aderem ao projeto desenvolvido pelos reformadores do século XVIII, pois lhes assegura autonomia e independência em relação aos párocos e a população e a partir de então, não se permitiu ensinar sem uma licença ou autorização do Estado. António Nóvoa retrata a importância desta licença para a profissionalização dos professores:

A criação desta licença (ou autorização) é um momento decisivo do processo de profissionalização da atividade docente uma vez que facilita a definição de um perfil de competências técnicas, que servirá de base ao recrutamento dos professores e ao delinear de uma carreira docente (1995, p.17).

No século XIX, os professores passam a promover o valor da educação e buscar, com isso a própria valorização. Nóvoa (1995), afirma que em suas reivindicações socioprofissionais, os professores usam especialmente dois argumentos, o caráter especializado de sua ação educativa e a realização de um trabalho de mais alta relevância social. Com isso há uma consolidação do estatuto e da imagem dos professores e surgem as instituições de formação, uma conquista fundamental para a valorização do professorado, com a escola normal, a formação profissional de professores. No entanto os professores viviam várias ambigüidades, na segunda metade do século XIX, os professores não eram nem burgueses, nem povo, nem intelectuais, entretanto, deveriam ter bom acervo de conhecimentos, não deveriam ser miseráveis mas também não deveriam ostentar riquezas. Este processo se acentuaria com a feminização do professorado.

No processo de profissionalização de professores, é relevante o movimento das associações, são elas, segundo Nóvoa (1995), que construíram uma consciência de seus interesses como grupo profissional, e que no início do século XX reivindicaram melhores salários, controle da profissão e definição da carreira. Nesta perspectiva, as profissões se constituem pelo monopólio de um conhecimento, de carreiras organizadas, de controle sobre seu processo de trabalho e de formação profissional e se opõem à forma religiosa de organização da educação.

A análise que Nóvoa apresenta tem muitas similitudes com a constituição desta profissão no Brasil. Nos séculos XVIII e XIX, foram várias as experiências brasileiras de criação da escola pública e estatal, a reforma pombalina permitiu a organização das aulas avulsas, do Estado remunerando os professores e organizando os currículos, ainda que o local das aulas e os recursos pedagógicos fossem de responsabilidade dos professores. No final do século XIX, já se conhece, no Brasil, a organização pedagógica e administrativa mediante atividades de inspeção, controle e coordenação das atividades educativas; assim como a organização espacial, temporal com a seriação, das escolas e a concepção de professores ministrando aulas para um grande número de alunos. Há que destacar a organização do Estado, a partir de 30, como um processo importante para a profissionalização de professores com a criação do Ministério da Instrução Pública e a criação de Departamento Administrativo do Serviço Público, responsável pela profissionalização e carreira de servidor público.<sup>6</sup>

O Estado foi importante para organizar esta profissão. Os professores são entendidos, na perspectiva apontada por Nóvoa (1995) como aqueles que têm poder simbólico, que são os agentes das potencialidades da escola em formar cidadãos que conduziam à nação ao progresso. Se a profissão tem toda esta potencialidade o que ocorreu para que o trabalho docente fosse desvalorizado? Na ditadura militar (1964-1985) as políticas deliberadas de rebaixamento do salário mínimo, a massificação das profissões, o surgimento de novos postos de trabalho e a ampliação do setor público, a expansão do sistema escolar e difusão do sistema privado de ensino superior; o crescimento das desigualdades sociais parece se constituir em pistas interessantes para entender o que aconteceu com esta profissão.

<sup>6</sup> Ver CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da instrução pública. In: LOPES, Eliane M.T. et al. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. Ver também "Trabalho e assalariamento da função Pública", slide de aula para o curso de especialização em gestão educacional, disciplina "Relações de Trabalho e Profissão Docente", maio de 2006.

É preciso destacar também que a educação, nos anos 60, era compreendida como fator de mobilidade social, como fundamental para obter o sucesso econômico e social:

“As reformas educacionais dos anos de 1960 que, ampliaram o acesso à escolaridade, assentaram-se no argumento da educação como meio mais seguro para a mobilidade individual ou de grupos. Apesar de serem orientadas pela necessidade de políticas redistributivistas, essas reformas compreendiam a educação como mecanismo de redução das desigualdades sociais” (Oliveira, 2004, p. 1129)

Da mesma forma, é preciso destacar as mudanças nas décadas de 70 e 80, com o crescimento da rede física de ensino público, o crescimento desordenado, pouco planejado característico da ditadura militar. Quais foram os reflexos da expansão do ensino, do caráter excludente e seletivo da escola de massas no trabalho de professores? É expectativa, neste trabalho, observar nos depoimentos das professoras a resposta a esta questão. Após a ditadura militar, no processo de redemocratização do país e o surgimento do “novo sindicalismo” ganha expressão o movimento em defesa da educação pública e gratuita, da educação como direito, a defesa do acesso e da permanência na escola<sup>7</sup>. Nos anos 90 a Conferência de Jomtiem (Tailândia) é um marco para as reformas educacionais apontando para concepções educacionais ancoradas nos princípios de equidade, produtividade e redução do estado de pobreza que estão subordinados a uma lógica econômica. A reestruturação da educação visando aumentar a eficiência e a eficácia dos serviços sociais indica que a educação deve ser uma estratégia de competitividade da economia (Souza, 2005). Os professores são pressionados a serem mais produtivos e mais eficientes; a análise dos depoimentos observará como os professores reagiram a esta pressão.

## 1.2. Uma análise sociológica do trabalho do professor

Como visto anteriormente, nem sempre existiu entre o professorado a consciência profissional, esta foi construída através de muita luta e reivindicação, mas

---

<sup>7</sup> A professora Ivany Pino tem longa produção sobre esta temática. Ex.: Camargo, Elizabeth de Almeida Silveiras Pompêo de et al. “Educação: de direito de cidadania a mercadoria”. *Educ. Soc.*, set. 2003, vol.24, no.84, p.727-731. Pino, Ivany Rodrigues; “A Lei de Diretrizes e Bases da Educação: a ruptura do espaço

que hoje em dia parece ter sido desqualificada. Dentro da Sociologia das Profissões, dois enfoques divergem sobre a profissão docente, o enfoque estrutural-funcionalista e o enfoque neoweberiano. O enfoque estrutural funcionalista é criticado dentro da própria sociologia das profissões como uma teoria *normativa* para o professorado.

diversos autores têm coincidido em que as noções de “profissões” e “profissionalismo” no ensino, entendidas desta maneira, podem ser só uma ideologia compartilhada pelo professorado(...), com efeitos contraditórios para compreender sua própria situação e intervir no sistema educacional ou, talvez, uma cobertura para preservar o campo da educação da “intromissão” do grande público (Cabrera e Jiménez, 1991, p.193/194).

O enfoque neoweberiano, assim como estrutural-funcionalista, também parte da profissão como categoria analítica. Discute que o professorado ao interiorizar a ideologia “profissionalismo” toma diferentes atitudes em relação à sua profissionalização, como o fechamento social, o que faz com que situem-se numa posição diferenciada, não pertencendo à classe dominante, nem aos trabalhadores manuais. Isso porque características de uma profissionalização, como autonomia e autocontrole profissional, são difíceis de alcançar, principalmente em grupos como os de professores que desenvolvem seus trabalhos ligados à burocratização e hierarquização de sistemas de ensino estatizados. Segundo Cabrera e Jiménez (1991), a visão neoweberiana da profissionalização docente, apesar de avanço em relação ao enfoque estrutural-funcionalista também têm seus limites, como a centralidade de categorias como “profissão” e “socialização profissional” sendo determinantes na categoria docente, “acima de qualquer outro condicionamento ideológico, político ou social” (p.195).

A visão dos neomarxistas em relação ao professorado é bastante divergente das anteriores, é uma visão que aproxima os professores dos trabalhadores manuais, em vez de profissionalizar-se, o professorado estaria se proletarizando. Vêem o professorado e o ensino como um grupo de trabalhadores e um processo de trabalho submetido à lógica capitalista, ao implantar sistemas de ensino tecnocráticos, os professores ficam cada vez mais distantes do poder de tomar decisões sobre seu próprio trabalho, o ensino.

Este modelo traz consigo uma crescente desvalorização das condições de trabalho do professorado, porque tem como efeitos a progressiva desqualificação destes agentes, sua separação das funções conceituais (...) e uma crescente perda de controle sobre seu trabalho (Cabrera e Jiménez, 1991, p.196).

---

social e a organização da educação nacional.”, *LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam*, ed. 5, Cortez, pp. 24, pp.19-42, 2001.

Segundo esta concepção, pode-se entender a visão de aproximação do professorado à classe trabalhadora e porque a colocam como “destino final” dos professores. No entanto esta visão é excessivamente reducionista aos olhos da sociologia e politicamente determinista, ao passarem

por cima das particularidades que caracterizam a educação como âmbito de trabalho intelectual imerso nas relações sociais não estritamente econômicas da sociedade (Cabrera e Jiménez, 1991, p.197).

Os três enfoques, aqui apresentados e criticados por Cabrera e Jiménez (1991), demonstram que apesar dos enfoques neweberiano e neomarxista serem um avanço em relação ao estrutural-funcionalista, possuem limitações e portanto ainda não são suficientes para uma compreensão satisfatória da situação da categoria docente. Tanto os neweberianos como os neomarxistas têm razões em algumas de suas análises, como a insistência dos neomarxistas em analisar o professorado dentro do contexto geral das relações de classe no capitalismo, e a maneira como os neweberianos procuram não analisar o professorado apenas em suas implicações estritamente econômicas das dinâmicas profissionalizadoras. No entanto, os dois enfoques caem

no erro de prejudicar que a categorização sociológica dos trabalhadores intelectuais ou dos grupos profissionais condiciona inexoravelmente sua atuação ideológica, política e social ( p.198).

Cabrera e Jiménez (1991) sugerem, então, uma análise alternativa do professorado com base nas obras de N. Poulantzas, M. Nicolaus, Ch. Derber e os últimos escritos de E. O. Wright. Por vezes, essa análise poderá se aproximar com o enfoque da proletarização devido à burocratização dos sistemas educacionais e desqualificação do trabalho docente, no entanto, isto não significa uma homogeneização com o trabalho manual. Para tanto, os autores apresentam três razões, que são apresentadas abaixo.

A primeira delas diz que mesmo sendo a educação um trabalho improdutivo, do ponto de vista das relações econômicas, os trabalhadores intelectuais em geral e os professores enfrentam de forma diferenciada uma crise econômica e sua vinculação ao seu processo de trabalho. Enquanto trabalhadores intelectuais do Estado, os professores estão numa posição superior em relação ao trabalho manual, mesmo que dentro de sua categoria possam sentir-se excluídos das funções conceituais de seu trabalho, porém sua existência não depende dos níveis de controle que os agentes possam ter sobre seu trabalho.

A segunda razão para distanciar o professorado do enfoque da proletarização afirma ser diferenciado e específico o processo de racionalização do ensino. Apesar de percebermos uma certa depreciação das condições de trabalho do professor, isto não afeta tão gravemente o controle e a qualificação do mesmo. Os professores não perdem em qualificação ou em competência ao terem uma divisão por especialidades em seu trabalho, sua autonomia e participação em funções conceituais também não são totalmente anuladas pois ao trabalhar com seres humanos, requer planejamento, adaptação de conteúdos e materiais, além de trabalharem “sozinhos” com seus alunos em salas de aulas separadas de outros agentes da educação.

Em educação não é o capital diretamente que, a partir de sua condição de proprietário dos meios de produção, da força de trabalho e do produto final fomenta as medidas racionalizadoras. São os “administradores do Estado” os responsáveis por este processo. (Cabrera e Jiménez, 1991, p.202).

Os professores vistos como intelectuais é a terceira razão proposta por Cabrera e Jiménez, os processos de controle público na educação, com a interferência dos pais nas escolas, tem gerado uma resistência dos professores frente a isso, os objetivos do Estado podem ser de que o professorado perceba que está sendo julgado e avaliado, de maneira que dificulte o desenvolvimento de formas de organizações críticas e autônomas entre estes. A reação dos professores para reduzir este controle dando respostas rápidas e convincentes demonstra “o desenvolvimento de uma ‘dupla moral’ e de um grande esforço intelectual” (1991, p.203).

Outros níveis de análise ainda são sugeridos por Cabrera e Jiménez, afirmam que a categoria dos professores ainda tem estado bastante predisposta a se organizar em sindicatos, o que a aproximam da visão de trabalhadores intelectuais muito mais do que profissionais. Considerados como intelectuais, os professores o são muito mais pelo alto grau de decisão própria que precisam em seu trabalho que por sua formação. Assim sendo, os professores têm a possibilidade

de analisar, interpretar e compreender a sociedade em seu conjunto, o papel da escola na mesma e sua própria situação em ambas e, em conseqüência, de atuar crítica e conscientemente (1991, p206).

Com isto podem criar resistências e respostas às tentativas de controle de seu trabalho por parte da administração pública, enquanto intelectuais podem refletir coerentemente sobre sua própria situação, possuem concepções de mundo elaboradas,

com processos de compreensão críticos e autônomos, o que ajuda a desfazer a errônea concepção de que o professorado seria uma categoria uniforme.

Mariano F. Enguita (1991) traz uma discussão aprofundada sobre a ambigüidade da docência, destacando as relações do professorado com a proletarização ou a profissionalização. Lembrando da crise que, há tempos, vivem os docentes Enguita coloca a posição destes num lugar intermediário entre o proletário e o profissional, pois os qualifica como um grupo que compartilha características de ambos os extremos. No entanto é conveniente distinguir o profissional do operário:

Um grupo profissional é uma categoria auto-regulada de pessoas que trabalham diretamente para o mercado numa situação de privilégio monopolista. (...) Um operário é um trabalhador que não só perdeu ou nunca teve acesso à propriedade de seus meios de produção, como também foi privado da capacidade de controlar o objeto e o processo de seu trabalho, da autonomia em sua atividade produtiva (Enguita, 1991, p.43).

A partir daí, é possível verificar quais características do profissional e do proletário os professores compartilham. A partir de cinco características de “profissão” - competência, vocação, licença, independência e auto-regulação - Enguita analisa a profissão professor. O professor de 1ª. 4ª. série do ensino fundamental (professor primário na Espanha) tem reconhecida a competência para o exercício da profissão, embora sua formação superior possa ser bastante curta. O professor tem vocação, isto é seu trabalho profissional está a serviço da humanidade, embora o professor seja um trabalhador assalariado. Os professores possuem a licença (registro profissional) para dar aulas, entretanto é permitido que os não licenciados ministrem aulas. Os professores têm independência no seu trabalho na sala de aula, embora esta seja relativa. E, finalmente é uma profissão auto-regulada, pois quem define as normas são os professores que fazem parte dos Conselhos de Educação, entretanto esta auto-regulação é restrita pelas burocracias públicas e ou privadas.

Enguita (1991) afirma que, a favor da profissionalização docente existem fatores como a natureza específica de seu trabalho, a igualdade de nível de formação (ainda que hajam os formados em nível médio) entre os docentes e as profissões liberais, uma crescente atenção social dada à educação e a grande importância do setor público frente ao privado.

Se há elementos que permitem compreender os professores como profissão, há outros que permitem, igualmente compreender o professor como classe trabalhadora.

Enguita (1991) define a proletarização como o processo em que o trabalhador perde o controle sobre seus meios de produção e objetos de trabalho. O proletário é aquele que vende sua força de trabalho e que produz mais-valia, isto é trabalha mais do que o tempo necessário socialmente para produzir o correspondente ao seu trabalho.

A principal característica da proletarização entre os docentes é o fato de que são assalariados, não são profissionais liberais. Quem é o professor autônomo? Aquele que dá cursos em domicílio? Aquele que trabalha em cooperativas? Outro fato é a perda de autonomia e de capacidade de decisão sobre seu trabalho, sobre os currículos. Em algum momento da história da constituição desta profissão o professor teve esta autonomia? Nas aulas avulsas do século XVIII quem decidia sobre o currículo era a administração colonial. O processo de proletarização – entendida como o processo de desqualificação do trabalhador mediante a perda do controle sobre o processo de trabalho – nesta perspectiva atingiu professores e operários da mesma forma?

Novos argumentos são acrescentados aos até aqui expostos, contribuem para a proletarização dos docentes o crescimento numérico, a expansão das empresas privadas no setor educacional, a lógica controladora da administração pública e a repercussão de seus salários sobre os custos da força de trabalho adulta.

É possível notar que o professorado parece estar entre profissionalização e proletarização na perspectiva de Enguita (1991).

As mudanças sofridas pela categoria, assim como os conflitos em curso e as opções presentes, movem-se dentro de um leque de possibilidades cujos extremos continuam contidos dentro dos limites da ambigüidade própria das semiprofissões (Enguita, 1991, p.50).

Mesmo que permaneçam nesta ambigüidade, atualmente há uma reivindicação, por parte dos professores, para que a sociedade reconheça seu profissionalismo, o que expressa sua resistência à proletarização.

Consciente da grande maioria das mulheres entre os docentes, Enguita (1991) lembra também, como a “feminização” do setor contribuiu para sua proletarização, ou ao menos tem dificultado a sua profissionalização. Os baixos salários advêm, entre outros motivos, desta feminização, partindo de uma crença em que o trabalho das mulheres é sempre transitório e seu salário uma segunda fonte de renda, idéia que justificaria pagar menos. Também, esta mesma sociedade patriarcal é mais disposta a conceder autonomia no trabalho aos homens que às mulheres. Estes e outros fatores

levam a crer que a luta pela profissionalização da categoria docente é, além de um conflito de classe, uma relação de gênero.

Observando os anos recentes, no Brasil, Lüdke e Boing (2004) identificam uma mudança nos salários dos professores, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) permitiu equiparar alguns salários que estavam abaixo do salário mínimo nacional. Entretanto não é possível afirmar que os professores brasileiros tenham salários compatíveis com o trabalho que executam.

Sampaio e Marin (2004) afirmam que a precaridade do trabalho docente e a desvalorização salarial são consequência da desqualificação docente ligada à massificação do ensino desde finais da década de 1950, como já mencionado neste texto. Como crescimento alto e rápido da oferta de escolaridade “o recrutamento de docentes para efetivar tal escolarização da população certamente não contavam com quadros de reserva qualificada para a função em todas as décadas” (p.1206). Para superar tais dificuldades as administrações públicas tomaram determinadas decisões ao longo das décadas para suprir, especialmente, as escolas públicas, como a “contratação de pessoal sem habilitação por meio de medidas variadas de autorização para lecionar e medidas de certificação de pessoal por meio de certos tipos de exames” (p. 1207), situação freqüente nas décadas de 60 e 70, mas que ainda vigora no Brasil atual.

### **1.3 Mudanças sociais e trabalho docente**

Nas últimas décadas grandes transformações sociais, políticas e econômicas, aconteceram em todo o mundo, viu-se a globalização se instalar e realizar significativas mudanças no mundo do trabalho, como a heterogeneidade, fragmentação e complexificação deste. Como o professorado se aproxima cada vez mais da classe trabalhadora, como visto anteriormente, é imprescindível que se trate, ao menos superficialmente, destas transformações que ocorreram no mundo do trabalho para entender um pouco como tais mudanças interferem na educação e consequentemente no trabalho docente.

Antunes e Alves (2004), descrevem as diversas mudanças no mundo do trabalho e destacam várias características destas mudanças. Hoje, a classe trabalhadora é praticamente a totalidade dos assalariados, com um aumento significativo da força de trabalho feminino, que já atinge, segundo os autores, mais de 40% da força de trabalho em muitos países avançados. No entanto, a remuneração das mulheres ainda é, em média, inferior aos dos homens, mesmo com toda sua expansão no mercado de trabalho. Este fato é bastante relevante quando se trata do trabalho docente, no qual sua grande feminização refletiu-se no salário reduzido.

Outra expansão citada por Antunes e Alves (2004) nas últimas décadas foi a do setor de serviços, “que inicialmente incorporou parcelas significativas de trabalhadores expulsos do mundo produtivo industrial” (p.339). Há, ainda, a crescente exclusão dos jovens recém-formados e dos trabalhadores na faixa dos 40 anos. Com a era toyotista, trabalhadores polivalentes e multifuncionais estão substituindo os trabalhadores fortemente especializados da cultura fordista.

Neste contexto de capitalismo mundializado, o mundo do trabalho ficou cada vez mais transnacional e

Esse processo de mundialização produtiva desenvolve uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional, nacional com a esfera internacional. Assim como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho. (Antunes e Alves, 2004, p. 342).

Não se pode esquecer que esta nova forma de trabalho também atinge os trabalhadores “improdutivos”, isto é, aqueles que não geram diretamente “mais-valia” em seu trabalho, entre eles, os professores.

(...) a tendência dominante é de situar a educação no âmbito do não-trabalho. Daí o caráter improdutivo da educação, isto é, o seu entendimento como um bem de consumo, objeto de fruição (Saviani, 2002, p.151).

Todas estas mudanças no mundo do trabalho trouxeram novas formas aos indivíduos de ver o mundo e a sociedade, as transformações sociais, políticas e econômicas foram muito acentuadas, o que leva a uma transformação no ensino, na maneira de formar novos cidadãos e trabalhadores. “o trabalho foi, é e continuará sendo o princípio do sistema de ensino em seu conjunto” (Saviani, 2002, p.165). É neste sentido que diferentes sociedades produziram as reformas educacionais.

O trabalhador dos anos 90 é multifuncional, criativo, inquieto e pesquisador. Daí formar o aluno crítico e criativo. Os objetivos das políticas educacionais ocidentais

desmancham-se no ar e abrem uma grande lacuna em relação aos objetivos estratégicos da escola dos anos 90. Desencadeiam-se, assim, amplos movimentos de reformas educacionais, grande parte delas na Segunda metade dos anos 80 (Ricci, 1999, p.156).

No entanto, Esteve (1995) afirma que tais reformas foram feitas em épocas de desencantamento, quando a sociedade já não acredita mais na educação como promissora de um futuro melhor, nem mesmo os professores acreditam em sua profissão, conseqüência de uma gradativa degradação de sua imagem social.

Uma das principais mudanças no ensino e causas da crise em que este se encontra pode ser a massificação do ensino, a passagem de um sistema de ensino de elite para um ensino das massas. Essa passagem

implica um aumento quantitativo de professores e alunos, mas também o aparecimento de novos problemas qualitativos, que exigem uma reflexão profunda. Ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos. Fundamentalmente, porque não tem a mesma dificuldade trabalhar com um grupo de crianças homogêneas pela seleção ou enquadrar a cem por cento as crianças de um país, com cem por cento de problemas sociais que essas crianças levam consigo (Esteve, 1995, p.96).

As reformas educacionais dos anos 90, no Brasil, foram voltadas principalmente para a equidade social, buscando, os sistemas de ensino, formar indivíduos para a “empregabilidade” (Oliveira, 2004). A noção de empregabilidade - construída meio ao crescimento do trabalho precário, da queda generalizada dos salários, do aumento do emprego informal e do aumento do desemprego – responsabiliza o trabalhador pela sua condição de desempregado e pela sua condição de “inadequação às exigências do mercado de trabalho”. Tais reformas repercutem

diretamente na composição, estrutura e gestão das redes públicas de ensino. Trazem medidas que alteram a configuração das redes nos seus aspectos físicos e organizacionais e que têm se assentado nos conceitos de produtividade, eficácia, excelência e eficiência, importando, mais uma vez, das teorias administrativas as orientações para o campo pedagógico (Oliveira, 2004, p.1130).

As estratégias de gestão e financiamento buscadas por estas reformas vão, segundo Oliveira (2004), desde a focalização das políticas públicas educacionais ao apelo ao voluntarismo e comunitarismo. Esta nova regulação de políticas educacionais “traz conseqüências significativas para a organização e gestão escolares, resultando em uma reestruturação do trabalho docente, podendo alterar, inclusive sua natureza e definição” (OLIVEIRA, 2004, p 1132). Nestes tipos de reformas, identifica-se um processo de desqualificação e desvalorização dos professores, pois tais reformas na gestão e administração, ligadas especialmente ao voluntarismo e comunitarismo,

tendem a retirar a autonomia dos professores, o que coloca em dúvida a existência de uma “profissão docente” e conseqüentemente gera uma crise de identidade nos mesmos.

Ao mesmo tempo, que se democratiza a escola com políticas de gestão e administração públicas e abertas à comunidade, esse movimento também representa uma ameaça ao professores, ao seu trabalho.

Abrir os conteúdos e as práticas do seu fazer cotidiano é muitas vezes tomado pelos professores como um sentimento de desprofissionalização. A idéia de que o que se faz na escola não é assunto de especialista, não exige um conhecimento específico e, portanto, pode ser discutido por leigos, e as constantes campanhas em defesa da escola pública que apelam para o voluntariado contribuem para um sentimento generalizado de que o profissionalismo não é mais importante no contexto escolar (Oliveira, 2004, p.1135).

Essa “desprofissionalização do ensino” também é discutida por Lüdke e Boing (2004), mostrando que é a escola, ainda, o local onde o professor deve ser profissional.

Fora do estabelecimento de ensino, qualquer outro profissional pode exercer a docência, como no caso das aulas particulares. O único critério parece ser o da competência pessoal, de acordo com os diferentes graus de exigência da clientela (LÜDKE e BOING, 2004, p. 1174).

A precarização – aumento da insegurança do trabalho, crescimento do trabalho temporário, eventual ou voluntário, perda de direitos trabalhistas - do trabalho docente provoca, segundo Lüdke e Boing (2004), uma crise de identidade nos professores. De modo semelhante, Esteve (1995) afirma que perante estas mudanças sociais, os professores estão sofrendo de um *mal-estar docente*, pois eles enfrentam determinadas circunstâncias destas mudanças

que os obrigam a fazer mal o seu trabalho, tendo que suportar a crítica generalizada, que, sem analisar essas circunstâncias, os considera como responsáveis imediatos pelas falhas do sistema de ensino ( p.97).

É possível enumerar, segundo Esteve (1995), uma série de indicadores que resumem as mudanças na área da educação nos últimos anos. Referindo-se ao surgimento de novas concepções de educação e agindo diretamente sobre o trabalho do professor, tem-se:

1. O aumento das exigências sobre o professor, exigindo que este assuma cada vez mais um número maior de responsabilidades, realizando novas tarefas, que antes não lhes eram direcionadas, porém sem grandes mudanças na sua formação. Citando exemplos de modelos diferentes de reestruturação educacional da Alemanha e

da Espanha junto às necessidades empresariais, Ricci (1999), diz que nos dois casos, os professores sofrem impactos profundos, afirma que

Ele próprio torna-se um polivalente, incorporando à tarefa de lecionar novas tarefas, como: administração, relações públicas, psicólogo, entre outras. Como nas empresas, os níveis hierárquicos da estrutura escolar diminuem e o professor, pouco a pouco ocupa o espaço da direção pedagógica. Assim a formação do professor ganha centralidade. Deixa de ser realizada em etapas estanques, que induzem à ascensão na carreira (...) para ocorrer cotidianamente, em serviço (p.164).

2. A inibição educativa de outros agentes de socialização, em que a família aparece como caso mais significativo, deixando para a escola a responsabilidade sobre valores básicos que anteriormente eram transmitidos no interior das famílias, conseqüência, entre outras, da incorporação das mulheres no mercado de trabalho.

tende-se a considerar e atribuir à escola tudo aquilo que é educativo; a escola tem que absorver todas as funções educativas que antes eram desenvolvidas fora da escola (...). Há uma expectativa de alargamento das funções da escola. Nessa expectativa o que está acontecendo? A função educativa que antes se acreditava ser própria da família agora passa a assumir a forma escolar (Saviani, 2002, p.157).

3. O desenvolvimento de fontes de informação alternativas à escola, como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que obrigam o professor a integrá-los em seu trabalho e a rever sua função de transmissor de conhecimentos.

4. A ruptura do consenso social sobre a educação, seus objetivos e valores que devem fomentar, a expansão do ensino trouxe a diversidade de alunos, com processos de socialização diversos, com os quais os professores precisam aprender a lidar.

5. O aumento das contradições no exercício da docência, confrontando-se com a necessidade de realizar papéis contraditórios, os professores, ora precisam ser amigos, companheiros, dar apoio, contrapondo-se às funções seletivas e avaliadoras que lhe cabem.

6. A mudança de expectativas em relação ao sistema educativo, advinda da massificação do ensino, um sistema de ensino muito mais flexível e integrador, mas incapaz de assegurar totalmente um trabalho adequado ao aluno. “É absurdo manter num ensino massificado os objetivos traçados para um ensino de elite” (Esteve, 1995, p. 103/104).

7. A modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo, visto que a massificação do ensino não trouxe a igualdade e promoção social que se esperava, resultou na retirada do apoio à educação, muitos chegaram a conclusão, simplista, de que os professores são os responsáveis diretos pelos fracassos da educação. Se antigamente os pais estavam dispostos a apoiar os professores perante qualquer dificuldade de seus filhos, hoje há uma defesa incondicional dos alunos. A sociedade tem julgado os professores como principais responsáveis pelas deficiências do sistema de ensino, sem se dar conta de são tão vítimas quanto os alunos.

é injusto que nossa sociedade nos considere os únicos responsáveis pelos fracassos de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente à avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade (Esteve, 1999, p.19);

8. A menor valorização social do professor, pois se há algumas décadas os professores, de qualquer nível de ensino, gozavam de grande prestígio na sociedade, hoje, junto à desvalorização salarial, houve uma grande desvalorização social. É visto atualmente, principalmente o professor de ensino fundamental, como o que não foi capaz de arrumar uma profissão melhor e mais remunerada. A decadência do salário do professor é um fator importante no que se refere à dignidade e o respeito de uma categoria profissional, incide pesadamente sobre a precarização do trabalho docente.

“A pauperização profissional significa a pauperização da vida pessoal e suas relações entre vida de trabalho, sobretudo no que tange ao acesso aos bens culturais” (Sampaio e Marin, 2002, p.1210).

Nossa sociedade é hipócrita e ambivalente quando aplica a nós, professores, o velho discurso da abnegação e do valor espiritual e formativo, quando na verdade despreza tudo o que não tem valor material (Esteve, 1999, p.19).

9. A mudança dos conteúdos curriculares, devido ao grande avanço científico e exigências sociais, mas que causa insegurança em muitos professores, e receio de que se converta o “sistema de ensino num servidor submisso das exigências econômicas e profissionais do sistema de produção” (Esteve, 1995, p.106). Mais ainda, uma descaracterização da escola que

começa-se a introduzir no currículo toda uma série de atividades que se imagina que tenha alguma função educativa, portanto, deve ser tratada dentro da escola (Saviani, 2002, p.158).

Esteve (1999) aponta também outros indicadores, abaixo listados, referem-se mais às variações do trabalho escolar

10. A escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho, que se estabeleceu com uma expansão do ensino despreocupada com as condições materiais de trabalho para o professor, o que gera uma dificuldade de inovar suas práticas e conseguir um ensino de qualidade sem os recursos necessários.

11. As mudanças nas relações professor-aluno, se antigamente havia uma relação injusta de professores autoritários, hoje a situação é tão injusta quanto, com alunos agredindo verbalmente, psicologicamente e fisicamente professores e colegas. Atualmente as relações são muito mais conflituosas e desrespeitosas.

12. Por fim, uma grande fragmentação do trabalho do professor, que leva à incapacidade de alguns, de realizar um enorme leque de funções que antes não lhe cabiam.

Segundo Ricci (1999, p.156), “a escola deste final de século procura redefinir sua função, buscando vínculos que apontem demandas reais, numa sociedade em constante mutação”. Pucci (1991) afirma que é dentro de uma situação de ambigüidade ideológico-política, de tensão e de luta de classes “que vai sendo gestado o novo trabalhador em educação” (p.104). Perante tantas mudanças sociais que afetam diretamente o trabalho dos professores, estes têm enfrentado, de acordo com as pesquisas de Esteve (1995), uma crise de identidade, trazendo sérios problemas que afetam a personalidade dos professores, como depressão, stress, ansiedade e outros.

Na realidade aquela escola tradicional, transmissiva, autoritária, verticalizada, extremamente burocrática mudou. O que não quer dizer que se esteja diante de uma escola democrática, pautada no trabalho coletivo, na participação dos sujeitos envolvidos, ministrando uma educação de qualidade. Valores como autonomia, participação, democratização foram assimilados e reinterpretados por diferentes administrações públicas, substantivados em procedimentos normativos que modificaram substancialmente o trabalho escolar. O fato é que o trabalho pedagógico, foi reestruturado, dando lugar a uma nova organização escolar, e tais transformações, sem as adequações necessárias, parecem implicar processos de precarização do trabalho docente (Oliveira, 2004, p.1140).

Uma das conseqüências da “desprofissionalização” docente, da crise que atinge os professores, é o abandono da profissão, analisado por Lapo e Bueno (2003) em uma pesquisa com professores da rede de ensino do Estado de São Paulo, segundo as autoras

o que fica bastante evidente é que a questão salarial, embora tenha aparecido como o motivo mais referido, veio, na maioria dos casos, acompanhada de outros motivos, relacionados sobretudo à falta de perspectivas de crescimento profissional e às péssimas condições de trabalho, (...) a questão salarial, ainda que se mostre

como preponderante, não é um fator que, isolado, tenha desencadeado a saída da rede pública, pelo menos na maioria dos casos (2003, p. 73).

## **1.4 Construindo as categorias de análise**

Como já escrito na introdução, esta monografia pretende analisar as representações que os professores constroem acerca do trabalho docente a partir da noção de *habitus*, capital cultural e capital social, de Pierre Bourdieu e também considerará a categoria gênero, pois acredita-se ser de grande relevância para entender o contexto das representações sobre esta profissão, visto que o professorado é fortemente representado pelo gênero feminino.

### **1.4.1. Das representações**

De acordo com vários autores trabalhados neste capítulo, o professorado parece defrontar-se com uma crise de identidade, profissional e pessoal, caracterizada por uma desvalorização crescente de sua profissão nas últimas décadas. Torna-se necessário, então, discutir se os professores se percebem como profissionais, analisar as representações que eles constroem a respeito de sua profissão.

No entanto, para compreender o que são e como são construídas as representações sociais precisa-se esclarecer o conceito de *habitus*, criado por Pierre Bourdieu, um conceito que permite compreender como o ser humano se torna um ser social. Segundo Bonnewitz (2003), Bourdieu caracteriza a socialização a partir da formação do *habitus*, e esta socialização seria o conjunto de mecanismos através dos quais cada pessoa assimila as normas, valores e crenças de uma sociedade ou coletividade, para a aprendizagem das relações sociais.

Citando Bourdieu, Bonnewitz traz a definição de *habitus* como

um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão (Bourdieu, 1980, p. 88-89 apud Bonnewitz, 2003, p.77).

Deste modo, funcionando como princípio de ação, percepção e reflexão, é que o *habitus* é fundamental na construção das representações de cada indivíduo acerca do mundo, das pessoas, das profissões, etc.

O *habitus* possui dois componentes, o *ethos*, princípios ou valores em estado prático, a moral inconsciente que regula a conduta humana, e a *hexis*, corporal, correspondente às posturas e disposições do corpo, interiorizadas também inconscientemente pelas pessoas ao longo de sua história. O *habitus* está na maneira como as pessoas percebem e julgam a realidade e também é o produtor de suas práticas, está na base de tudo o que define a personalidade de um indivíduo, suas disposições, sensibilidade. Sua maneira de agir e reagir, seu estilo, suas preferências são produtos do *habitus*, seu modo de andar ou ser desajeitado demonstra as manifestações da *hexis* corporal, enquanto que achar alguém mesquinho ou generoso demonstra o *ethos*.

Bonnwitz (2003) explica que o *habitus* é construído através da trajetória social de cada indivíduo, a partir das primeiras lições que recebe ainda criança, e durante toda a vida. O *habitus primário* é aquele constituído das disposições adquiridas mais antigamente e são também mais duradouras. Neste, a família tem um papel fundamental, é a educação dada pela família que forma o *habitus primário*, portanto indivíduos situados em condições sociais diferentes adquirem disposições diferentes. Os *habitus secundários* serão introduzidos ao longo dos anos sobre as disposições estabelecidas pelo *habitus primário*, cada nova aquisição se integra no conjunto de disposições formando um só *habitus*, que sempre está se adaptando em função das necessidades inerentes às novas e inesperadas situações.

Com esta constante formação do *habitus*, as representações e práticas não são nem totalmente determinadas, nem totalmente livres. Desta forma, as personalidades individuais são apenas variantes de uma personalidade social, sendo esta um produto de um *habitus* de classe, da classe social em que vive o indivíduo.

Ⓢ princípio das diferenças entre os *habitus* individuais reside na singularidade das trajetórias sociais, às quais correspondem séries de determinações cronologicamente ordenadas e irredutíveis umas às outras. O *habitus* (...) realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, das experiências estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe (Bourdieu, 1980 apud Bonnewitz, 2003, p. 80).

O autor traz ainda a afirmação de Bourdieu de que os *habitus* são, além de princípios geradores de práticas distintas e distintivas, esquemas classificatórios, são princípios de classificação, de visão e divisão, dos gostos diferentes entre os indivíduos.

Mas, além de formado pela condição social, o *habitus* também se estrutura a partir das relações com um campo, e cada campo exerce sobre os indivíduos ações pedagógicas de modo a fazê-los adquirir os saberes necessários para as relações sociais daquele determinado campo. Sendo produto da condição social, da classe, do campo, o *habitus* é um forte fator de reprodução social. O *habitus* faz com que a prática coletiva seja parecida e coerente, e ainda “ajusta as chances objetivas e as motivações subjetivas; ele dá a ilusão da escolha nas práticas e representações, ao passo que os indivíduos apenas mobilizam o *habitus* que o modelou” (Bonnewitz, 2003, p.87), ele produz uma exteriorização da interiorização.

O *habitus* não é o destino que às vezes acreditou-se ser. Como produto da história, é um sistema de disposição aberto, que está incessantemente afetado por elas. É duradouro, mas não imutável (Bourdieu, 1980, apud Bonnewitz, 2003, p.90).

Ainda sobre as representações, Souza (1996) afirma que são elaboradas a partir da articulação entre os saberes e as vivências dos indivíduos, articulação esta, permeada por conflitos e contradições. Define representações como sendo a elaboração mental, subjetiva, que as pessoas fazem de suas condições de vida. No caso dos professores, chama a atenção para a concepção de trabalho docente, que sendo uma

construção de experiências singulares, pode ser identificada a partir dos valores, das trajetórias dos sujeitos que são interpretadas pelos professores, dando-lhes significado (Souza, 1996, p.18)..

Basso (1998) ao tratar dos significados da profissão docente busca, numa perspectiva histórico-social, o conceito de significado das ações dos indivíduos.

No decorrer da experiência social, o homem vai acumulando e fixando formas de realizar determinadas atividades, de entender a realidade, de se comunicar e expressar seus sentimentos, criando e fixando, pois, modos de agir, pensar, falar, escrever e sentir que se transformam com o desenvolvimento das relações sociais estabelecidas entre os homens para a produção de sua sobrevivência. O significado é, então, a generalização e a fixação da prática social humana, sintetizado em instrumentos, objetos, técnicas, linguagem, relações sociais e outras formas de objetivações como arte e ciência:

“A significação é o reflexo da realidade independentemente da relação individual ou pessoal do homem a esta. O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, e apropria-se dele, tal como se apropria de um instrumento” (Leontiev, 1978, p. 96 apud Basso, 1998, p.24)

Basso (1998) define para os professores o significado de seu trabalho como sendo formado pelas suas finalidades e objetivos, efetivadas pela prática consciente do professor, a atividade pedagógica deste é um conjunto de ações intencionais, conscientes e dirigidas para um fim específico. Mas a autora afirma, que é preciso estabelecer a relação entre significado e sentido da atividade do professor, e atualmente, numa sociedade capitalista, o significado e o sentido das ações podem separar-se, o sentido pessoal da ação não corresponder mais ao seu significado original, tornando a ação alienada. E um trabalho alienado do professor, segundo a autora, pode descaracterizar a prática educativa escolar. Deste modo, a prática social, o trabalho docente, deve buscar superar a alienação em algum grau, ao menos.

A autora ainda afirma que será considerado professor bem-sucedido aquele que consegue integrar significado e sentido em seu trabalho, que compreende o significado de seu trabalho e concretiza-o numa prática pedagógica mais eficiente e menos alienante.

#### 1.4.2. Relações sociais de gênero

Uma segunda categoria de análise a ser considerada neste estudo são as relações de gênero, especificamente as relações de gênero encontradas na profissão docente. Sabe-se que a divisão do trabalho na escola, na educação em geral, relacionado à administração e docência, não implica igualmente homens e mulheres.

Segundo Scott (1990),

gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (p.14). |

Graciano (1978) afirma que “existe uma forte atuação social no sentido de polarizar os comportamentos dos dois sexos” (p.94), e que

a oposição entre masculino e feminino em nossa sociedade não se configura como uma oposição complementar, mas sim como uma oposição hierárquica: na situação profissional, ou na estrutura familiar, a mulher ocupa, em geral, uma posição inferior. Assim, subjacente à polarização dos sexos está a polarização do poder (p.96).

Carvalho (1999) discute as relações de gênero para tratar do “cuidado” na profissão docente, baseando-se em autores como Scott (1990 e 1994) e Nicholson (1994). A autora discute que as relações de gênero estão intimamente ligadas a uma construção social, que o conceito de gênero se aproxima desta idéia principalmente nos anos 80, afirma que “nenhuma experiência coporal existe fora dos processos sociais e históricos de construção de significados, fora das relações sociais” (Carvalho, 1999, p.31).

*propõe-se a ideia de igualdade*  
Tendo as relações de gênero como resultado de uma produção social, reconhecendo nelas as relações de poder da sociedade, e com a presença maciça das mulheres na profissão docente, torna-se muito relevante discutir de que maneira essa condição afeta a profissionalização docente. Carvalho (1999), com base em Izquierdo (1994), chama a atenção para as manifestações de desigualdade de gênero no trabalho docente, entre outras ocupações, e que estas se dão principalmente

no fato de que o nível salarial e de prestígio atribuído às atividades de gênero feminino é inferior ao que se outorga às atividades de gênero masculino, independente de serem desenvolvidas, em casos individuais, por pessoas de sexo feminino ou masculino (Carvalho, 1999, p.37).

A autora diz, ainda, que em relação ao trabalho docente, sua feminização não se deu apenas pela entrada de mulheres na ocupação de professora, mas também por um processo de deslocamento de significados entre escola, ensino, mulher, professora, maternidade, etc, e nas representações construídas sobre mulher, mãe e professora.

Segundo Costa (1995), historicamente pode-se verificar que o número de mulheres que procuraram a profissão docente é muito maior que em outras profissões, e isso não se deu por acaso, ela defende que um dos primeiros campos profissionais que se abriu para as mulheres com a aprovação da sociedade foi o magistério. E mais que isso, elas foram, de certa maneira, impelidas a este campo devido ao argumento construído e reafirmado pela lógica do patriarcado moderno que associa a tarefa educativa à maternidade. Tendo, ainda, direito à educação diferenciado em relação aos homens; por muitos séculos, às mulheres apenas destinavam as ocupações que não requeriam formação especializada de alto nível, logo, o magistério seria a que mais se

adequava a elas<sup>8</sup>. Deste modo, as discriminações baseadas no gênero o magistério se transformou em trabalho de mulher. Costa (1995) afirma que

quanto menos profissionalizado é um campo, mais facilmente ele vai se feminizando e, à medida que as mulheres se aproximam dele, os homens se afastam (p.162).

Este afastamento parece ser causado pelo fato de que as profissões feminizadas são mal remuneradas ou estão em decadência salarial. Na direção contrária a esta concepção está Apple, citado pela autora, para ele as mulheres se aproximaram da profissão à medida que os homens dela se afastaram.

Mas as mulheres não se apossaram do magistério de maneira indiscriminada, há hierarquias no interior da profissão, ligadas aos níveis de formação. As mulheres estão distribuídas diferentemente entre os diversos níveis de ensino. As relações segregacionistas e discriminatórias fizeram com que elas se apossassem dos níveis de ensino em que se exige

menor escolaridade porque os homens (cultural, legal e institucionalmente) pelo acesso universal a qualquer grau de formação, foram mais rapidamente e “legitimamente” galgando as posições mais elevadas e especializadas (Costa, 1995, p.163).

Outro aspecto a considerar é a massificação do ensino, como já citado anteriormente, a expansão do ensino básico multiplicou as oportunidades de trabalho, de modo a deselitizar a profissão docente.

Diante de exigências cujo atendimento significou um constrangimento econômico, o poder estatal passou a remunerar precariamente seus quadros, iniciativa em que foi favorecido por lidar com uma força de trabalho feminina emergente, à procura de espaço no mundo laboral, e despreparada para atuar no campo político das negociações salariais. (...) Despreparadas como força de trabalho, a presença das mulheres puxou para baixo a remuneração do trabalho docente, e afastou os homens da ocupação. Isso não significa porém, que as professoras tenham se mantido afastadas de lutas reivindicatórias (Costa, 1995, p.165).

No entanto, esta desvalorização salarial apresentou-se de maneira diversificada no ensino, sendo mais visível nas séries iniciais, associada à maior feminização do ensino fundamental e básico que no ensino superior. Deste modo há uma suposição de que presença maciça das mulheres no ensino não apenas contribui para a redução dos salários, mas também ajudou a consolidar uma visão social que tende a considerar menos competente e qualificado o trabalho feminino na docência.

---

<sup>8</sup> As pesquisas sobre escolarização das mulheres, nos anos noventa, evidenciam que as mulheres são mais escolarizadas que os homens. Uma estratégia de gênero para disputar o mercado de trabalho. Entretanto essa maior escolarização parece não se transmutar em melhores empregos e salários (Segnini, 1998).

Há, ainda, uma vinculação entre magistério e gênero feminino como sendo inerentes a natureza próprias de ambos, relacionando social e historicamente a docência à maternidade. Por muito tempo, a subjetividade feminina foi construída de modo a educar as mulheres (tidas como naturalmente mais disciplinadas, ordeiras) para serem guardiãs da afetividade e assegurar a melhor maneira de educar as crianças de forma a serem mais facilmente governáveis, produzindo um modelo “correto” de cidadão democrático. As mulheres, assim educadas, tinham no emprego em tempo parcial, o magistério primário, a oportunidade de “cumprir sua missão materna duplamente, no lar e na escola” (Costa, 1995, p.170), além de estarem rodeadas por crianças, exercitando sua “vocação maternal” e resguardando-se do mundo masculino agressivo e competitivo.

A autora afirma que o trabalho docente visto como feminino, não pode ser compreendido fora das relações de poder que produzem a identidade feminina nas relações sociais de uma sociedade patriarcal e capitalista como esta. Ser mulher, nesta sociedade, parece ser portador de relações de dominação e de submissão introjetadas pela ideologia de que a profissão docente é subalterna ou é complementar, como pode ser verificado no depoimento citado abaixo.

o magistério não entrou na vida das mulheres como um trabalho de tempo integral para lhes garantir o sustento. Na visão dela, as mulheres, historicamente, se dedicaram ao magistério como um “bico”, *a mulher solteira porque vivia apertada e a casada porque era sustentada pelo marido*, apenas quando, pelas transformações na sociedade, *a mulher começou a ter que colaborar com a renda familiar é que seu deu conta de quão baixo era o seu salário* (Costa, 1995, p.176)<sup>9</sup>.

Se as distinções sobre o trabalho de mulheres e homens foram construídas historicamente, elas também informam as representações que as professoras constroem sobre seu trabalho. As representações das professoras são produzidas nessas relações de poder, que buscam a aceitação da subordinação nas relações familiares e profissionais. A partir dos depoimentos poderá ser observado com as professoras compreendem estas relações.

---

<sup>9</sup> Grifos da autora.

### A Escola: espaço e a organização do trabalho

No capítulo anterior, foi apresentado o referencial que permitirá analisar os depoimentos das professoras, tomando suas singularidades e as características comuns a elas. As professoras não são tratadas nesta monografia de forma homogênea, por isso optou-se por construir as trajetórias profissional e de formação. Da mesma forma, as escolas não são espaços de trabalho uniformes, sem diferenças culturais, sociais e profissionais. Alunos e professores não são observados apenas pelo seu lugar nas estatísticas. Há um movimento nas redes públicas municipais ou estaduais de ensino em que cada escola busca formas próprias de seu trabalho. É tentar apreender a singularidade da escola estudada nesta monografia que pretende este capítulo. Analisar uma escola singular possibilita também leituras de outras escolas ou leituras mais amplas do sistema educacional, ainda que não se possa fazer generalizações.

Assim, neste capítulo apresenta-se a caracterização do contexto – espaço geográfico e socioeconômico - em que está inserida a escola estudada; e a caracterização da escola como local de trabalho: quem são os alunos que dela participam, como é a organização e as condições de trabalho de professores, funcionários, direção e alunos. Esta caracterização permitirá compreender, nos depoimentos, as condições de trabalho na qual se insere cada uma das professoras entrevistadas.

Organização do trabalho refere-se à divisão do trabalho no interior da escola, à distribuição hierárquica do poder, organização e distribuição dos conteúdos, distribuição de período e horários, processos de avaliação, responsabilidades, relações de poder (colegiados, conselhos, etc), utilização de determinados instrumentos de trabalho (livros didáticos, mapas, etc). (Souza, 1993, p. 145).

“Por condições de trabalho se entende os estados, situações e circunstâncias cuja existência é indispensável para que a atividade de trabalho se realize e se desenvolva” (Fidalgo e Machado, 2000, p. 63). Referem-se às condições físicas (tamanho, temperatura, ventilação e barulhos nas salas de aulas, condições da lousa), quantidade de alunos, quantidade de aulas diárias e semanais, turnos de trabalho, distância da escola e residência, as condições de higiene da escola, segurança, local de refeições, salários.

Para a construção deste capítulo foram trabalhados os seguintes documentos: Plano de Gestão (2003), Regimento Escolar (1998) e Caderno de Campo (Observações sobre o cotidiano de trabalho na escola). Por se tratar de prescrições ou normas para a realização do trabalho docente, de objetivos a serem alcançados, de ações a serem desenvolvidas, dos meios para realizar o trabalho, a idéia de futuro aí contida por vezes colide com a realidade vivenciada pelos professores. O trabalho prescrito é definido por outro profissional que não o professor que realiza o trabalho, e geralmente não é executado da maneira definida anteriormente nos documentos. O trabalho que as professoras executam é o trabalho real, no espaço entre o trabalho prescrito e o trabalho real as professoras constroem um saber sobre a profissão. Mesmo que o trabalho seja flexível, ainda assim não há eliminação da distância entre o prescrito (a norma) e o real.

A Escola Municipal<sup>10</sup> localiza-se num bairro afastado do centro da cidade de Vinhedo, formado por vários conjuntos habitacionais com infra-estrutura precária<sup>11</sup>. Vinhedo foi criada em 1840,

às margens da estrada da Boiada que servia de acesso para São Paulo a Santos (...) o povoado prosperou graças às fazendas de café que se instalaram na região em meados do século XIX. Com a decadência do café, as videiras trazidas pelos imigrantes italianos passaram a sustentar a economia. (...) Em 24 de dezembro de 1948, conquistou emancipação política, com a denominação de Vinhedo. (Seade, 2006)<sup>12</sup>

Embora a cidade possua ainda sítios e chácaras, a taxa de urbanização é 98,33% com uma população total de 56.062 habitantes e deste cerca de 22% possuem menos de 15 anos de idade, população potencialmente estudante do ensino fundamental. Há um grande parque industrial, este participa em 65% da economia do município, a área de serviços (32%) é bem maior que a agropecuária (2%).

Os dados estatísticos, sobre as condições de vida da população, informam que a renda domiciliar *per capita* é de 4.15 salários mínimos (referentes ao ano de 2000), são 5,5% dos domicílios que possuem uma renda até meio salário mínimo e o índice de desenvolvimento humano insere Vinhedo no grupo de municípios com nível elevado de riqueza e bons níveis de indicadores sociais (o IDH é de 0,857). Vinhedo tem uma

---

<sup>10</sup> O nome da escola será omitido com o objetivo de preservar as identidades das professoras entrevistadas.

<sup>11</sup> O esgoto sanitário atende somente a 75%, a coleta de lixo atende a 98% e o abastecimento de água 94% da cidade; menores que a região, conforme dados da Fundação Seade (Perfil Municipal).

<sup>12</sup> Consulta feita ao Perfil Municipal da Fundação Seade. <http://www.seade.gov.br> em 04/06/2006.

população razoavelmente escolarizada, quase a metade (entre 18 e 24 anos) tem ensino médio completo.

A despeito deste alto índice de desenvolvimento humano, quase 6% da população com mais de 15 anos é analfabeta e 5,5% ganha a metade de um salário mínimo e somente 8% da população com mais de 15 anos de idade possui, em média, 8 anos de escolarização.

Segundo o Plano de Gestão (2003)<sup>13</sup>, a população que frequenta a escola é bastante heterogênea social e economicamente. A maioria dos alunos nasceu no próprio município, embora haja migrantes, em número significativo, originários de outras cidades e Estados. Os alunos são descritos pelos professores como de “pouco apego” aos estudos devido ao nível de escolaridade e à profissão dos pais, ao desemprego, à separação conjugal, à falta de lazer “sadio”, à baixa renda familiar e à própria situação sócio-econômica.

Aliado a estes fatores, o Plano de Gestão (2003) afirma que o excesso de bebida alcoólica, uso de drogas, violência, abandono, liberação sexual e falta de alimentação adequada também contribuem para um “desajuste familiar”, afetando os alunos em sua saúde física e emocional prejudicando sua aprendizagem. Há ainda a afirmação de que

a família não mais está exercendo o seu papel principal: cultivar os valores sociais e morais; fica a ‘carga da escola’ tal realização, o que acarreta, muitas vezes, desgastes físicos e emocionais em todos os que participam do processo educativo (Plano de Gestão, 2003, p.11).

Na maioria das famílias, ambos os pais trabalham e muitos alunos vêm para a escola e voltam para casa com o transporte escolar fornecido pela prefeitura, uma minoria vem e vai com os pais ou sozinho, pois mora mais próximos da escola. O Plano de Gestão (2003) afirma que a freqüente migração das famílias causa um alto índice de transferências e ausências, o que dificulta o acompanhamento do rendimento pedagógico.

Até 2004, havia apoio psicológico, psicopedagógico, dentário, fonoaudiológico, oftalmológico aos alunos e pais; e, durante as aulas de Educação Física os professores atendiam os pais para esclarecimentos sobre notas, faltas, comportamento do aluno, entre outros. No entanto, no ano de 2004, a Secretaria de Educação interrompeu o contrato com as psicólogas envolvidas no “Projeto Viver Adolescente” no qual alunos,

---

<sup>13</sup> Embora o Plano de Gestão tenha sido escrito em 2003, sua validade é até 2006.

pais e professores eram orientados. E, em 2005 a nova administração<sup>14</sup> retirou as aulas de reforço que eram oferecidas pelos próprios professores aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

## 2.1. A caracterização da escola

As instalações da escola são descritas no Plano de Gestão (2003) como sendo constituída de instalações mais antigas e outras novas. Na parte antiga, um edifício de dois andares com 5 salas de aula, 1 sala de aula para CPI (Classe Preparatória para Inclusão), 1 sala de vídeo, 1 sala de informática, 1 cozinha, 1 sala dos professores, 1 almoxarifado pedagógico e 1 pequena biblioteca. Há duas alas de construção mais recente, com 6 salas de aulas e sanitários para os alunos. Entre as alas novas e o prédio antigo há uma área coberta que serve de refeitório. Há também 1 quadra poliesportiva, 1 espaço com piso cimentado e áreas de gramado para as crianças brincarem. A parte administrativa - a secretaria da escola, direção e coordenação pedagógica – ocupa o mesmo espaço, na antiga residência da zeladoria.

NA biblioteca da escola há um razoável acervo de livros. Dentre os materiais destinados ao apoio de trabalho de professores há rádios gravadores com cd player, aparelho de som, televisão, vídeo cassete e DVD, 1 máquina copiadora, vários mimeógrafos<sup>15</sup>, 2 microcomputadores na secretaria e 13 na sala de informática<sup>16</sup>.

Para atender a crescente demanda por matrículas no ensino fundamental, a escola passou por diversas adaptações e mudanças de espaços físicos, desde 2003.

A ocupação do prédio escolar é cedida, sendo a entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Vinhedo e o proprietário do imóvel o Governo do Estado de São Paulo (Plano de Gestão, 2003, p.09).

As instalações do estabelecimento escolar, em 2005, indicavam que as salas de aulas estavam em boas condições físicas, eram bem arejadas, mas com espaço um pouco reduzido pelo excessivo número de alunos de algumas turmas; duas classes eram prejudicadas pelo barulho durante o horário de recreio pois ficavam com as janelas voltadas para o refeitório e as portas de frente para os sanitários dos alunos.

---

<sup>14</sup> A nova gestão tem como prefeito João Carlos Donato, do Partido Liberal (PL).

<sup>15</sup> Alguns se encontram quebrados ou no conserto.

<sup>16</sup> Alguns não funcionam.

No final de 2005, houve uma inquietação entre os professores e a equipe pedagógica da escola para saber como seriam sanadas as dificuldades de espaço físico relacionadas à crescente demanda por vagas. A solução encontrada pela Secretaria de Educação, em acordo com a população local, foi trocar de prédios com uma outra escola, cujo prédio era propriedade da Prefeitura Municipal de Vinhedo e mantido pelo governo do Estado de São Paulo; nele funcionavam classes do Ensino fundamental II e Ensino Médio.

A mudança ocorreu no dia 11 de janeiro de 2006, os funcionários da escola trabalharam bastante para organizar a escola até o início do ano letivo, dia 7 de fevereiro de 2006. Devido ao exíguo tempo para organizar a nova escola, as carteiras de algumas salas de aula só chegaram no final de semana anterior ao início das aulas, várias salas não tinham armários, uma das salas foi dividida em duas com biombos e a porta de uma delas só foi instalada cerca de um mês depois do início das aulas. Os depoimentos mostram como estas precárias condições de trabalho se refletiram no trabalho das professoras.

Então, a Secretaria da Educação entendeu que essa mudança de prédio poderia atender mais crianças, que a demanda estava grande e o antigo prédio, ele não comportaria o tanto de crianças que eles precisavam atender. Então, houve essa mudança, agora eu não sei realmente porque aconteceu. Chegou o final do ano, vamos mudar de prédio, tudo, o que era um boato tornou fato, quando eu voltei já tinha mudado né. Realmente a escola é maior, é bem grande, mas tem o mesmo pecado da outra, não tem espaço físico externo, não tem espaço externo nenhum pra tá desenvolvendo uma atividade com a criança. Então, foi isso que aconteceu, foi medida de caber mais crianças (Maria).

Apresenta-se abaixo, um breve quadro comparativo referente às mudanças. Em 2005, a escola era composta por 23 classes, sendo 12 no período da manhã – das 7h às 11h 35m - e 11 à tarde –das 12h 45m às 17h 35m, mais 4 turmas de Educação de Jovens e Adultos no período noturno. Estudavam na escola 749 alunos. Em 2006, foram agrupados alunos de três escolas: da escola municipal objeto desta pesquisa, 3 turmas de 4ª. série de outra escola municipal e 5 turmas de 5ª. série de outra escola municipal. A escola passou a ter aulas no período noturno, além das turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos) Fundamental (ciclo 1), as turmas de Supletivo de Ensino Médio, porém desde 2005 as turmas da Educação de Jovens e Adultos pertencem ao CEMES (Centro de Ensino Municipal de Educação e Suplência), sendo a escola pesquisada o espaço cedido para as aulas. Os horários foram mantidos. Assim, atualmente há 34 turmas de ensino fundamental, com uma média de 31 alunos por sala de aula.

**Quadro 1. Distribuição das classes por série e número médio de alunos por classe.**

	Classes 2005	Classes 2006	Média alunos por classe 2005	Média alunos por classe 2006
1ª. Série	7	8	31	28
2ª. Série	6	6	32	35
3ª. Série	5	6	37	33
4ª. Série	4	9	36	30
Classe Preparatória 1 de Inclusão (CPI)		-	13	-
5ª. Série	-	5	-	31
EJA Ensino Fundamental	4	5	*	*
EJA Supletivo Ensino Médio	-	5	*	*
<b>Total</b>	<b>27</b>	<b>44</b>	<b>30</b>	<b>27</b>

Fonte: Plano de Curso 2003

Observação: \* dados não obtidos, - dados não existentes

As dependências do novo prédio compreendem 1 bloco com dois pavimentos com 16 salas de aula, sendo que 2 foram adaptadas de uma única sala grande dividida com biombos; 1 saleta embaixo da escada que serve de biblioteca e sala de materiais de educação física (bolas, cordas, colchonetes, etc); e os sanitários para os alunos. Um pátio coberto que serve de refeitório, 1 cozinha e lavanderia, e ligado ao pátio, um outro bloco de salas que foram adaptadas, uma pequena sala de professores, uma pequena sala de Apoio Pedagógico (apoio que veio substituir a CPI), uma pequena sala para direção, vice-direção e coordenação pedagógica, uma sala de informática, que não ainda não havia sido ativada por guardar materiais pedagógicos do antigo almoxarifado, um banheiro para os professores um para as professoras, duas salas de aula, adaptadas onde eram a secretaria e sala dos professores, e a secretaria, adaptada onde funcionava a diretoria. Há uma quadra poliesportiva, e um grande espaço em volta que serve de estacionamento para os professores.

O prédio chama a atenção pelo excesso de grades, separando os ambientes, pátio, quadra, espaço gramado, estacionamento, e fechando portas, de acesso a salas e área da antiga administração, e janelas. As grades parecem muito mais terem sido

colocadas como forma de controle que de segurança, visto que as salas de aula do andar superior não têm grades, mas apenas as de baixo. Nas narrativas viu-se como as professoras apreenderam esta mudança e as condições de trabalho.

O prédio é maior, mais espaçoso, mas eu não sei se às vezes ele é tão aconchegante. Eu acho que o espaço dele me falta algo como o aconchego. Eu fiz uma pesquisa com as crianças sobre a escola nova e a escola velha e o que chamou a atenção deles foi o espaço, mas nenhum deles se referiu à beleza, entende, que é encantador, que chama atenção, que nada. (Laura).

O número de alunos atendidos atualmente é maior que no ano anterior, 1029 alunos, apenas nas matrículas do período da manhã e tarde, mas dentro do mesmo “perfil” sócio-econômico, causando transtornos inclusive para a direção e secretaria da escola, os horários de educação física coincidem e há apenas uma quadra, as professoras se revezam no seu uso, por vezes utilizando a parte externa da quadra, por vezes dividindo-a nos dias de chuva.

O número de professores também mudou, houve aumento provocado por ingresso de novos, remoções, ainda que alguns tenham saído da escola. Com sede<sup>17</sup> na escola objeto da pesquisa há, entre efetivos e contratados, 29 professores, além de duas professoras cobrindo licença-maternidade de uma professora de educação física, há também os professores vindos das outras duas escolas para turmas de 4ª e 5ª série e do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

**Quadro 2 – Número de funcionários em 2005 e 2006**

	2005	2006
Professores polivalentes	24	26
Professoras Educação Física	02	5
Secretária de Escola	1	1
Oficial de Escola	1	1
Estagiárias	6	6
Inspetora de alunos	1	1
Auxiliares de Serviço	6	5
Merendeiras	2	1
Diretora	1	1
Vice-diretora	1	1
Coordenadora Pedagógica	1	1

<sup>17</sup> Sede é a Unidade Escola onde o professor se efetivou, e onde tem seu cargo lotado, ou seja, o maior número de horas-aula.

O crescimento do número de alunos e professores sobrecarregou a equipe pedagógica e tem provocado mudanças na organização e nas relações de trabalho. Abaixo alguns depoimentos para explicitar estas mudanças.

nós mudamos de coordenador, e não tá dando pra sentir muito, assim, esse respaldo pedagógico, porque a escola mudou de prédio e tá meio confuso e elas estão com o tempo todo tomado na parte organizacional (Maria).

A escola, atualmente está com muito alunos, cresceu muito né, aumentou, veio mais classes de outras escolas pra cá e foi dito pra gente no HTPC, que ela [a coordenadora pedagógica] não estaria cumprindo a função dela corretamente porque ela está tendo que dar suporte à vice-direção e à direção, porque elas estão muito sobrecarregadas (Letícia).

“não tenho contato com ela [a coordenadora pedagógica], é dividido em três horários. E a pessoa que fica aqui, que é responsável pelo pedagógico é a vice diretora. Não tenho contato nenhum com a coordenadora” (Fernanda).

As relações entre professores e funcionários de apoio parecem não ter tido mudanças, se há conflitos a pesquisadora não os apreendeu. Por outro lado, as relações entre a equipe de direção evidenciam conflitos resultantes de mudanças nos dois últimos anos. Desde 2005, a escola enfrentou mudanças na equipe diretiva. Este ano iniciou-se com uma nova diretora, vinda de outra escola, e com a vice- diretora e a coordenadora do ano anterior, sendo estas professoras da unidade. No entanto, no meio do ano, as três profissionais foram substituídas, por conflitos de idéias com a nova Secretaria da Educação. Vieram para a escola diretora, vice-diretora coordenadora que até então não trabalhavam nesta escola. A coordenadora pedagógica não era da rede municipal de educação, mas uma profissional aposentada numa escola estadual pública e que, também, trabalhara numa escola privada da cidade.

Essas mudanças foram vivenciadas pelos professores em meio a conflitos, em meio a negociações. Se havia, de um lado, a insatisfação com as mudanças, havia também, a necessidade de criar um “clima” de trabalho cordial. E no seguinte os professores são transferidos para outro prédio escolar, novos conflitos e negociações. O eixo dos conflitos se referia à organização e à estrutura da escola face à mudança de prédio. A direção recebeu críticas e reivindicações dos professores, algumas ela poderia resolver outras dependiam do poder público municipal. Somente parte das necessidades estruturais da escola foi atendida.

No geral, as relações dentro da escola tornaram-se mais distanciadas, muitos professores nem se vêem, devido aos horários de trabalho diferenciado e até no mesmo período devido aos horários e recreio diferentes. Alguns professores chegam à escola e vão direto buscar seus estudantes para entrar nas classes, só saindo no horário do recreio e depois na saída, não encontrando outros professores ou conversando com alguns funcionários. Há outro momento que desfavorece os encontros são os horários diferenciados dos HTPCs (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), isto dificulta, segundo os professores, o encontro do coletivo.

E como [o HTPC] é dividido em três grupos, fica meio difícil, por que até professores da mesma série eu não encontro (Fernanda)

Na verdade o HTPC deveria ser o horário de trabalho de todos os professores principalmente, é muito importante, até pros professores de série, se sobrar tempo, estarem organizando, planejando conteúdos, mas devido a escola ser grande, e há muitos professores que trabalham em dois períodos, porque precisam também, então o HTPC está sendo feito em 3 horários, então a gente não encontra com todo mundo (...) (Leticia).

Este capítulo teve a pretensão de caracterizar a escola como o espaço que organiza as relações de trabalho permitindo que no próximo capítulo se possa aproximar das trajetórias individuais das professoras entrevistadas antes de ingressarem no magistério.

## Capítulo 3.

### As professoras: uma análise sócio-econômica

Neste capítulo pretende-se apresentar os professores da escola pesquisada e as professoras entrevistadas, analisar seu o perfil sócio-econômico discutindo como se dão as relações sociais destas professoras, o capital social, a partir de Pierre Bourdieu (2002).

A escola municipal estudada contava, em 2005, com 26 professores, dos quais 24 eram professoras polivalentes, isto é, trabalhavam com todos os campos de conhecimento nas quatro séries iniciais da educação fundamental; duas eram professoras de educação física, tendo cursado licenciatura nesta área de conhecimento. Dentre as 24 professoras das séries iniciais, apenas uma tinha formação de nível médio (habilitação para o magistério), as demais ou estava cursando uma faculdade ou já a haviam concluído. Assim 12 professoras eram estudantes de pedagogia e 10 já tinha curso superior completo (10 em Pedagogia, 1 Letras, 1 Filosofia e 1 Educação Artística).

Em 2006, o número de professores foi ampliado devido ao aumento de alunos e classes. Trabalham na escola 57 professores. Entre os professores de primeira a quarta série do Ensino Fundamental, 25 têm o curso superior completo, sendo 20 em Pedagogia, e o restante em outros cursos, como Normal Superior, Geografia, Letras, Filosofia, e Administração de Empresas, outros 7 professores estão cursando Pedagogia e um Biologia.

#### *Quadro 3 – Número de professores em 2006*

Professores efetivos (1ª a 4ª série Ens. Fundamental) com sede na escola	21
Professores Contratados (1ª a 4ª série Ens. Fundamental)	04
Professores (1ª a 4ª Ens. Fundamental) sem sede na escola	03
Professores Educação de Jovens e Adultos sem sede na escola	5
Professores (5ª série Ens. Fundam. e Ensino Médio) sem sede na escola	17
Professores Educação Física	06
Professora de Classe de Apoio a Inclusão	1
Número total de professores em exercício na escola	57

Fonte: Lista de funcionários, Secretaria da Escola, 2006

As professoras trabalham no período da manhã - das 7h às 11h 50m – ou à tarde – das 12h 45m às 17h 35m – nesta escola. Dentre elas, 6 professoras, sem contar as de Educação Física, também trabalham em outras escolas e 3 dobram período na mesma escola, isto é, trabalham em tempo integral. A dupla ou tripla jornada é comum a alguns professores, várias professoras, além de trabalhar de manhã e à tarde nesta ou em outras escolas, ainda precisam cuidar dos filhos e dos trabalhos domésticos. Estas precisam se adaptar a determinados horários para cumprir horas de HTPC na escola, o que segundo uma das entrevistadas torna muito cansativa a jornada de trabalho.

A jornada de trabalho semanal, segundo o Estatuto do Magistério Municipal<sup>18</sup>, é de 28 horas semanais, sendo 23 horas de atividades com alunos e 5 horas em atividades de preparação de aulas, estudos, reuniões, etc.

A partir do mapeamento das professoras que trabalhavam na escola no final de 2005, foi possível definir as entrevistas a serem realizadas, conforme escrito na introdução deste TCC. O quadro a seguir apresenta as características gerais das professoras entrevistadas. Os nomes são fictícios para preservar o anonimato, foram escolhidos pelas próprias professoras no momento da entrevista.

---

<sup>18</sup> Lei Complementar no. 4, de 05 de fevereiro de 1998. Houve mudanças na composição da jornada de trabalho, entretanto não foi possível verificar nos documentos as mudanças ocorridas entre os anos de 2005 e 2006.

**Quadro 4 – Características gerais das professoras entrevistadas**

<b>Leticia</b>	<b>Fernanda</b>	<b>Laura</b>	<b>Maria</b>
30 anos, casada, 2 filhas pequenas Mora em Vinhedo	29 anos, casada, 2 filhos pequenos Mora em Valinhos	23 anos, casada, sem filhos Mora em Campinas	43 anos, casada, 2 filhos (19 e 20 anos) Mora em Campinas
Pai - ensino médio - comprador Mãe - ensino médio - secretária (falecida) Marido - superior incompleto é corretor de seguros e tem uma locadora de veículos	Pai - analfabeto Funcional, é aposentado Mãe - analfabeta, do lar Marido - Ensino Fundamental é mecânico	Pai - superior incompleto pastor evangélico Mãe - ensino médio trabalha na área da assistência social marido - superior (cursando) é operador de campo	Pai - Ensino Fundamental pedreiro Mãe - Ensino fundamental dona de casa Marido - Ensino médio (curso técnico) é protético
Magistério, escola pública (Valinhos) Proesf - Unicamp (4º semestre)	Magistério, escola pública (Valinhos) Proesf - Unicamp (6º semestre)	Magistério, escola pública (Campinas) Letras - Universidade Privada	Contabilidade - escola pública Magistério, escola pública (Campinas) Proesf - Unicamp 4º semestre
Concursada - efetiva 4ª série - manhã 32 alunos	Concursada - efetiva 3ª série - manhã 33 alunos	Concursada - efetiva 2ª série - tarde 35 alunos	Concursada - efetiva 1ª série - tarde 30 alunos (Vinhedo) 2ª série - manhã 20 alunos (Valinhos)
+ - 12 anos na profissão Estágio Educação Infantil Ensino Fundamental	+ - 12 anos na profissão Estágio Substituição Ensino Fundamental	4 anos na profissão Ensino Fundamental	9 anos na profissão Educação infantil Ensino Fundamental

A professora Laura tem 23 anos, nasceu e mora até hoje em Campinas, é filha de um pastor evangélico com o ensino superior incompleto, e sua mãe tem o ensino médio completo e trabalha na área da assistência social. Laura é casada, como todas as professoras entrevistadas, mas não tem filhos, seu marido trabalha em uma indústria da região e está cursando o ensino superior numa universidade particular, é bastante ligada à família.

O que eu mais gosto de fazer? É ficar deitada no sofá, sabe, assistindo televisão, e se possível com o meu marido em casa (Laura).

Letícia tem 30 anos, nasceu em Vinhedo, onde mora até hoje. Seus pais têm o ensino médio completo, seu pai é comprador e sua mãe, já falecida, como ela diz, “era secretária e depois do lar”. É casada e tem duas filhas, seu marido é corretor de seguros e tem uma locadora de veículos na cidade, ele iniciou quatro faculdades, duas em São Paulo, uma na federal de Uberlândia e uma na Unicamp, mas não concluiu nenhuma, pois não conseguiu conciliar o estudo com o trabalho. Ela é muito ligada à família, tendo aí sua prioridade, pois destaca bastante os momentos com a família.

eu brinco com as minhas filhas, gosto de ir ao shopping, gosto de caminhar, vou na minha irmã, que eu tenho uma irmã da mesma idade que eu, que tem duas meninas também, a gente faz muitos programas juntas, levamos as crianças pra passear (Letícia).

Fernanda tem 29 anos, nasceu e mora em Valinhos, seu pai é analfabeto funcional, não tem profissão e está aposentado, sua mãe analfabeta, é do lar. É casada e tem dois filhos pequenos, seu marido tem o ensino fundamental completo e trabalha como mecânico em uma oficina, ela fala bastante da importância dos momentos com a família.

Saio muito com meus filhos. Ah, eu vou passear, vou almoçar fora, vou jantar fora, saio bastante (Fernanda).

Maria tem 43 anos, nasceu em Minas Gerais e atualmente mora em Campinas, é filha de um pedreiro e uma dona de casa, ambos tem o ensino fundamental. Também é casada e tem um casal de filhos jovens, de 20 e 19 anos, seu marido é protético, fez curso técnico e várias especializações na área. Maria é muito ligada à família, e destaca com bastante carinho os momentos com os filhos.

um momento de extrema felicidade pra mim, é eu estar sentada na minha sala com meus dois filhotes, meu marido e num dia de chuvinha assim, a casa limpinha e organizadinha e a gente ali comendo uma pipoca, num momento de aconchego. Eu amo a minha casa, amo a minha família, né, e eu consegui passar isso pros meus filhos, esse amor com família, com casa (...) eu tenho dois filhotes maravilhosos, são, nossa, não tenho, só tenho a agradecer, tenho duas criaturas maravilhosas (Maria).

Pode-se notar algumas semelhanças entre estas professoras, todas dão extremo valor à família, principalmente três, que são mães, destacando aos momentos com os filhos. O que mais gostam de fazer, fora do trabalho, é ficar em casa junto da família. Talvez por este apego à família, questionam os grupos sociais que parecem deixar para a escola as tarefas que poderiam ou seriam das famílias.

Pode-se destacar a relação entre a escolaridade dos pais e dos maridos. As professoras cujos pais tinham uma maior escolaridade casaram-se com homens cuja escolaridade eram iguais as de seus pais ou um pouco superior, e as professoras cujos pais tinham pouca escolaridade, casaram com homens com menos escolaridade que os maridos de suas colegas, aproximando à escolaridade dos pais.

Isso remete à discussão que Pierre Bourdieu (2002) faz sobre capital social e cultural. Se o capital social é a rede de relações que os diferentes grupos sociais constroem, é possível que as professoras construam suas relações em ambientes sociais muito próximos à formação e ao capital cultural transmitido pelos pais. É possível afirmar, ainda que provisoriamente, que o capital cultural e o social influenciam nas “escolhas” dos filhos.

Há outras semelhanças entre as quatro professoras, duas fizeram o curso de magistério em uma escola de Campinas e as outras duas na mesma escola em Valinhos. Laura formou-se em magistério numa escola pública de Campinas, fez Letras numa universidade particular e formou-se em 2004. Maria formou-se em magistério na mesma escola pública em Campinas que Laura, porém já depois de casada; anteriormente fez curso de contabilidade (por influencia do pai), também começou mas abandonou a faculdade. No momento, Maria cursa o 4º semestre do Proesf (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas), oferecido pela Unicamp em convênio com o poder público municipal; a decisão de fazer curso superior foi motivada pela necessidade de se aprimorar e pela possibilidade de uma progressão na carreira.

Letícia formou-se em magistério numa escola pública, em Valinhos, depois de ter iniciado um curso de química em Jundiaí, mas como não gostava, não ficou nem um semestre, saiu e matriculou-se no magistério. Hoje cursa o 4º semestre do Proesf e diz que faz por obrigação, para cumprir as exigências da nova LDB, ela acredita que o curso de pedagogia não tem melhorado sua prática. Fernanda também se formou no magistério na mesma escola pública que Letícia, em Valinhos. Atualmente, Fernanda cursa o 6º semestre do Proesf no pólo de Vinhedo<sup>19</sup>, faz o curso pela oportunidade de ser próximo de casa e gratuito.

---

<sup>19</sup> Este curso é oferecido em 3 pólos: Vinhedo, Americana e Campinas (Unicamp),

As professoras que fazem Pedagogia na Unicamp (Proesf) foram pressionadas a fazê-lo para manutenção do emprego, pois a legislação educacional brasileira exige que os professores que ministram aulas nas séries iniciais tenham nível superior. Somente uma, entre três, afirma que buscou o aprimoramento profissional. As demais foram movidas pelas contingências.

Laura é professora há 4 anos no ensino fundamental, o magistério e a escola na qual trabalha atualmente foram o primeiro emprego. Seu ingresso na docência foi feito mediante concurso público municipal realizado em 2002, atualmente é efetiva e trabalha no período da tarde, das 12h 45m às 17h 35m. Seu deslocamento entre a escola e a casa é feito por transporte individual (carro), sob o argumento de que ônibus demoraria muito, visto que mora em Campinas. Leciona para uma 2ª série e trabalha com uma turma de 35 alunos na faixa etária entre 8 e 9 anos, tendo um aluno de 12 anos.

Letícia é professora há mais tempo que Laura, há cerca de 12 anos, já trabalhou como estagiária em instituições municipais de Educação Infantil e prefere trabalhar com esse nível de ensino. Atua há cerca de 7 anos no Ensino Fundamental, no qual diz que entrou por influência de uma diretora da unidade onde estagiava, antes de vir para esta escola trabalhou um ano em outra, também de Ensino Fundamental, atualmente é professora efetiva, também fez concurso público. Leciona numa 4ª série para 32 alunos, na faixa etária entre 9 e 12 anos, no período da manhã, das 7h às 11h 50m, também se desloca entre a escola e a casa de carro.

Fernanda teve outros empregos antes do magistério, diz que sempre precisou ajudar em casa e por isso fazia vários tipos de serviços, em micro-empresas, com costura, entregando panfleto nas ruas, etc. Ela é professora há cerca de 12 anos como Letícia, mas sempre atuou no ensino fundamental, desde o curso de magistério já trabalhava como estagiária. Atualmente é professora efetiva nesta escola, trabalha no período da manhã, das 8h<sup>20</sup> às 11h 50m, também se desloca por intermédio de carro, sob o argumento de precisa deixar os filhos em uma creche antes de ir para a escola. Leciona numa 3ª série para 33 alunos, com idade de 8 a 12 anos.

Maria, assim como Fernanda também teve outros empregos antes de ser professora, entre eles foi inspetora de alunos e secretária em uma escola, onde diz ter surgido o interesse em ser professora. Maria é professora há cerca de 9 anos, e assim

---

<sup>20</sup> O horário diferenciado é devido ao direito que as professoras têm para amamentar seus filhos.

como Letícia já trabalhou com educação infantil, quando iniciou sua carreira no magistério trabalhou num berçário, com crianças de um ano e meio a dois anos. Atualmente no ensino fundamental, Maria é efetiva, mas diferentemente de suas colegas, ela dobra período e trabalha em duas escolas públicas, nesta que se dá a pesquisa e no município de Valinhos. Em Valinhos ela trabalha com uma turma de 2ª série no período da manhã, aqui em Vinhedo ela leciona para uma 1ª série com 30 alunos de cerca de 7 anos, no período da tarde, das 11h 45m às 17h35m. Maria usa transporte coletivo para ir de casa até a escola e de uma escola para outra.

Como pode ser observado, nas descrições acima, somente, uma entre três, utiliza transporte coletivo para se deslocar entre a casa e a escola. Duas delas, pelos empregos anteriores, são oriundas das camadas populares. Todas são efetivas e possuem relativa experiência no trabalho docente.

A pretensão deste capítulo foi caracterizar os professores que trabalham na escola pesquisada e em especial as quatro professoras entrevistadas, de modo que no próximo capítulo se possa relacionar às trajetórias de formação de cada uma delas.

### Trajetórias de formação profissional

O que levou as professoras a optarem pelo magistério como profissão e como se deram as escolhas pela mesma, que caminhos percorreram, é o que pretende analisar este capítulo. Há “escolhas” profissionais? Quais os fatores que influenciaram nas “escolhas” profissionais?

Observando o processo a partir das leituras de Bourdieu é possível afirmar que o magistério é o caminho possível para este grupo social. Nenhuma das professoras entrevistadas queria o magistério como profissão como primeira opção, isto é como uma ocupação já pensada antes de ir para o Ensino Médio. Talvez pelo fato de que eram muito jovens para tomar decisões sobre o futuro profissional, de forma geral se concluiu o ensino fundamental entre 14 e 15 anos de idade. O curso técnico para formação de professores, denominado por vezes “magistério”, “escola normal”, “habilitação específica para o magistério” se colocou para as professoras no decorrer da formação de ensino médio. Mesmo aquelas que gostariam de cursar a formação profissional para o magistério, o fizeram após ensaiar outro percurso.

Maria, entre as 4, tinha a perspectiva de ser professora, mas fez contabilidade, mesmo querendo ir para o magistério, o que fez apenas depois de casada. Duas delas, Laura e Letícia chegaram a pensar em estudar química, mas por motivos diferentes foram para o magistério. Já Fernanda, diz escolheu o magistério como única opção, mas que decidiu apenas na hora de se inscrever, sem ter pensado antes em ser professora. “Não ter pensado antes” evidencia que não há escolhas são as contingências sociais, culturais, econômicas que levaram essas mulheres à formação profissional para a docência.

Viu-se que Laura fez magistério numa escola pública em Campinas e a escolha do magistério torna possível perceber a forte influência e importância da família nesta decisão. Quem escolheu o magistério foi a avó, que a informou sobre o curso e orientou-a para que ela fosse até a escola e se matriculasse, Como não havia passado no ‘vestibulinho’ ao qual prestara para o curso técnico em química decidiu entrar no

magistério, sem a convicção de que seria professora, na verdade diz que acreditava que deixaria o curso antes do término.

Foi engraçado, eu não escolhi não. Minha avó passou na frente da Escola Carlos Gomes e viu que estava tendo vaga, e tudo que ela queria era fazer magistério. Eu tinha feito vestibulinho no Etecap pra química, aí eu não passei e tinha que ir pra uma escola à noite e meu pai não queria. Aí minha avó viu as vagas, entrou e falou pra eu ir lá no outro dia. Daí eu fui. Fiz matrícula. Firme de que eu faria o primeiro e o segundo ano e no terceiro eu iria embora. (Laura)

Mas o incentivo de alguns professores, e principalmente de uma família de professores não a deixou desistir. Com o tempo passou a gostar, em suas palavras: *comecei a fazer estágio e me encantei*. Encantou-se com o que diz ser um mundo a ser explorado e a partir daí decidiu ser professora.

Aí eu tive psicologia no segundo ano e os professores começaram a falar que eu levava jeito pra coisa: 'Você leva jeito. Você leva jeito.' Eu falava: 'Não, vou sair. No ano que vem eu saio'. Aí uma professora me convenceu, eu não lembro o nome, de que eu deveria fazer pelo menos o terceiro ano. Aí eu fiz, comecei ter Didática, comecei fazer estágio e me encantei. E fiquei (...)Minha família é de professores, né. Meu pai lecionou na Fumec, minha tia é formada no magistério e minha avó é aposentada pela prefeitura, então na verdade todos eles me incentivaram, eu que não queria, assim. Mas depois, sei lá, descobri o mundo. Foi bem assim, foi um encanto. E aí eu fiquei.(Laura)

O grupo familiar tem influência decisiva nas trajetórias de escolarização dos filhos, as classes médias privilegiam a transmissão do capital cultural aos filhos.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural, e um ethos, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar (Bourdieu, 2002, p. 41-42)

Bourdieu (2002) ainda discute a vontade dos pais e dos filhos nas decisões ou escolhas escolares e conseqüentemente profissionais, mesmo tratando da situação francesa da década de 1960, pode-se estabelecer relações com a atualidade, analisando como foi forte a influência do pai e da avó da professora Laura na decisão de cursar o magistério, que após um tempo passou a aceitar e gostar da escolha feita.

Mas, de fato, pode-se ainda falar de "vontade", a não ser num sentido metafórico, quando a investigação mostra que, "de maneira geral, existe concordância plena entre vontade das famílias e as orientações tomadas", ou, melhor dizendo, na maior parte dos casos, as famílias têm aspirações estritamente limitadas pelas oportunidades objetivas? (Bourdieu, 2002, p. 47).

É possível ver a influência da família também nas decisões de Letícia e Maria, mas de maneira diferente. Letícia também se formou em "magistério" numa escola pública, em Valinhos, chegou a matricular-se primeiramente num curso técnico de

química em Jundiá noturno, foram os pais que matricularam ela e a irmã. Estudar à noite era necessário, pois elas contribuíram na composição da renda familiar trabalhando durante o dia. Porém Leticia não gostou do curso de química e desistiu antes de concluí-lo. Foi uma decisão contrária à paterna. Iniciou o curso de “magistério” no período da manhã, o que resultou numa falta de apoio e estímulo do pai por ela não trabalhar como a irmã. Leticia sabendo que havia o curso de “magistério” em Valinhos foi para lá e o escolheu porque “gostava de criança” mas que não foi sua primeira opção. Neste caso nota-se como a decisão da família é contrariada pela filha.

Na verdade eu comecei fazer química no Anchieta, o primeiro ano, porque minha irmã também ia fazer no Anchieta, aí minha mãe colocou nós duas. Tinha computação, química, e mais um curso que eu não me recordo, e assim, computação eu não queria, e aí eu comecei a fazer química. Nossa, um mês eu fui. Eu não gostei de jeito nenhum. E aí no Cyro tinha magistério e eu gostava de criança, tinha uma certa, assim, sempre gostei, e por isso que eu fiz magistério. Mas não foi minha escolha de imediato.” (...)“não tive estímulo não, minha mãe ajudava... Até minha irmã estudava à noite, e meu pai não admitia que eu estudasse de manhã porque ele queria que eu trabalhasse né, porque a minha irmã já ajudava em casa e eu não (...) (Leticia)

Maria não chegou a contrariar a decisão dos pais, visto que não tinha outra possibilidade, a necessidade econômica foi mais forte, no entanto, ela consegue realizar sua “vontade”, mesmo que depois de alguns anos. Ela fez contabilidade pois não tinha magistério na cidade em que morava e ir para outra significaria gastos que o pai não podia bancar. Chegou a entrar numa faculdade, mas logo desistiu. Após anos de casada, já com filhos e morando em Campinas viu a oportunidade de cursar o “magistério”, que gostava e queria fazer.

A princípio eu me formei em contabilidade. É, comecei a cursar uma faculdade, parei, não era o que eu queria, e fiz magistério” (...) talvez porque eu nasci numa cidade muito pequena e a relação trabalhador emprego seja muito complicada, naquela época, na minha região, ou você fazia contabilidade, ou você fazia magistério. Eu não consegui fazer magistério na época, porque tinha que ir pra uma cidade vizinha, e isso significa gasto, e meu pai não podia arcar com os gastos na época, então eu fui pra contabilidade querendo ir pro magistério, (...) aquele currículo da contabilidade não me interessou, eu ia contra a vontade pra escola (...) [o magistério] é uma coisa que eu gostava, queria fazer e coincidiu de eu mudar em Campinas e eu estava com meus filhos pequenos, queria cuidar deles e fui fazer o magistério, assim como uma coisa que eu queria fazer mesmo. (Maria)

Bourdieu (2002) afirma que as atitudes que os pais têm em relação à escolarização dos filhos estão ligadas a uma interiorização do destino determinado para a categoria social a qual pertencem.

Para Fernanda, a decisão de ir para o magistério não teve influência da família diretamente, mas pode-se notar a idéia de que ter uma profissão em um curto prazo de tempo de estudos, isto é no nível médio, a ajudaria a melhorar suas condições de vida e, conseqüentemente, da família. Com os pais analfabetos, a perspectiva da mobilidade social pela escolarização parece se vislumbrar com um emprego melhor, visto que desde cedo precisou trabalhar. Ela conta que a decisão pelo curso de “magistério” foi tomada no momento de se inscrever para o vestibulinho<sup>21</sup>, na porta da escola, pois não sabia de antemão que precisaria ter escolhido qual curso faria para poder se inscrever. Depois de uma análise rápida e percebeu que o magistério a favorecia no projeto de ascensão social, isto é, permitiria mudanças na condição sócio-econômica e pelo fato, deste curso, não ter no currículo disciplinas consideradas mais difíceis de aprendizagem.

eu vi um cartaz, com um monte de alternativa, não sabia que eu tinha que escolher, para fazer o colegial, fiquei analisando e vi que o magistério me favorecia mais, fugi da administração, porque cálculos não, não faz o meu gênero. (Fernanda)

A relação entre condição sócio-econômica e escolarização aparece de forma diferenciada para estas professoras. Para algumas, era a possibilidade de ascensão social, conseguir melhorar de vida, como Fernanda, para outras, como Laura, era manter-se na posição social em que se encontrava sua família.

A estrutura das oportunidades objetivas de ascensão pela escola – atitudes que contribuem, por uma parte determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou a suas normas e de nela ter êxito; de realizar, portanto, uma ascensão social – e isso por intermédio de esperanças subjetivadas (partilhadas por todos os indivíduos pelo mesmo futuro objetivo e reforçadas pelos apelos à ordem do grupo), que não são senão as oportunidades objetivas intuitivamente apreendidas e progressivamente interiorizadas (Bourdieu, 002, p.49).

Para Laura e Maria, o ingresso no magistério se deu por meio de concurso público, enquanto que Letícia e Fernanda começaram como estagiárias, substituindo professores enquanto ainda estudavam. O estágio como parte da formação profissional é compreendida pelas professoras como inserção na vida profissional.

Como visto anteriormente, Laura fez faculdade de Letras em uma universidade particular, e no último ano do curso começou a lecionar para o Ensino Fundamental I. Laura havia decidido, ou se encantado, pela profissão já no magistério, o contato que teve enquanto ainda estudava, nas aulas, com os professores e seus familiares foi crucial

---

<sup>21</sup> O exame de ingresso em cursos de nível médio são denominados de vestibulinho, por comparação com os exames de ingresso no ensino superior (vestibular).

para sua decisão pela profissão. Sua entrada no magistério foi por meio de concurso público, entrou na Rede Municipal de Vinhedo em 2003 e iniciou lecionando para uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental nesta mesma escola em que trabalha até hoje.

Maria, como visto anteriormente, fez o magistério depois de casada e com filhos, ela tivera outros empregos antes, como Fernanda, incluindo como inspetora e secretária de escola. Este tempo em que trabalhou na escola foi, segundo ela, fundamental para sua decisão de ser professora, a experiência que viveu na escola mostrou que aquilo era o que ela queria, mas a questão econômica foi um detalhe importante. A diferença salarial dos professores e dos inspetores de alunos também a influenciou na sua opção. É a partir de então que Maria decide cursar o magistério.

comecei a trabalhar numa escola como inspetora de alunos, a princípio, depois fiquei em disfunção como secretária. Então, esse mundo de escola, é, eu me inteirei com ele, eu gostava de ver como é que se dava essa relação de professor e aluno. E outra também, por uma questão particular, eu ficava meio brava de fazer um comparativo de salário com o tempo de serviço, né. Aí eu falei: 'ah, não, vou ser professora também, é o que eu gosto de fazer, eu gosto de lidar com criança, o adulto é mais complicado'. Então, eu já tinha uma propensão, eu já gostava, e as coisas foram acontecendo. (Maria)

Maria, assim como Laura, também iniciou sua carreira por meio de concurso público, mas começou trabalhando na Educação Infantil, para depois ir para o Ensino Fundamental.

primeira vez que eu entrei, que eu comecei efetivamente com criança foi num B2, um berçário, crianças de um ano e meio a dois, e eu tive muito apoio da minha coordenadora e li muito a respeito, estudei bastante sobre dinâmicas de estar trabalhando com bebê, e foi tranquilo, não foi tão impaciente não a entrada. (Maria)

Leticia, como dito anteriormente também iniciou na Educação Infantil, mas antes mesmo de se formar, enquanto estagiária, trabalhava numa escola substituindo e auxiliando professores. A Educação Infantil é onde mais gosta de trabalhar e que assim que puder voltará para este nível. Quando prestou concurso público, foi influenciada a ir para ao Ensino Fundamental pela diretora da escola em que trabalhava como estagiária,

ia ter o concurso em 99, e a diretora, a dona Darcy, eu falei que ia prestar pro infantil porque eu adorava, e ela não deixou. Ela falou que não, que eu tinha que seguir uma carreira de professora, e ela é muito conservadora, mas que não tinha que prestar pro infantil, porque tinha que ser no ensino fundamental. E foi assim, por influência dela que eu não prestei pro infantil, e aliás se tiver concurso eu vou prestar pro infantil porque, eu gosto de dar aula pras crianças grandes também, mas eu prefiro crianças pequenas. (Leticia)

Fernanda também trabalhava antes de se formar, seu ingresso no magistério se deu ainda durante o curso, nas oportunidades que surgiam para substituir professores em escolas próximas de sua casa, depois que se formou trabalhou um tempo como estagiária para só então, prestar um concurso público.

Quando eu estava fazendo o magistério, algumas pessoas, algumas escolas, ligavam no Cyro perguntando se tinha alunas que queriam substituir, então eu me interessei, que aí seria uma grana a mais e... E aí eu aceitava esses convites de substituição, fiz um, não sei se um cadastro, não sei como chama quando entra pra dar aula no Estado, de eventual, não sei a palavra exata. E aí comecei substituindo, substituí em várias escolas, semanas inteiras, porque era difícil no magistério alguém da minha sala querer substituir. E aí as pessoas até pararam de ligar na escola e começaram a ligar direto pra minha casa, pra eu ir. (Fernanda)

Como trabalhava em Valinhos, queria passar no concurso da cidade para continuar trabalhando na mesma escola, mas como não conseguiu, prestou o concurso de Vinhedo, sem muito interesse, mas foi aprovada e ingressou na escola rapidamente, o que a surpreendeu, aceitou o cargo e desde então trabalha na escola estudada nesta pesquisa.

tinha acabado de não ser classificada num concurso em Valinhos, estava muito frustrada, porque eu queria ficar na escola que eu já estava como estagiária. Fiz a inscrição aqui, mas não estava a fim de fazer o concurso, aí meu marido ficou me incentivando e acabei vindo, meio sem vontade, meio por acaso, fiz, entrei, efetivei. Foi meio até confuso. (Fernanda)

Para as quatro professoras, o ingresso no magistério se deu pelo curso técnico para formação de professores, isto é em nível médio, nenhuma havia feito nível superior para lecionar. Mesmo Laura, que já estava cursando Letras, não iniciou dando aulas de português, mas nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Sem uma formação superior para ser professora, como elas teriam construído suas trajetórias profissionais, que experiências tiveram, o curso de magistério teria sido suficiente, a partir de que fatores elas constroem a profissão de professor?

Este capítulo procurou analisar as trajetórias de formação das professoras entrevistadas, discutindo os caminhos percorridos pelas professoras e como o capital social e as relações familiares interferiram no processo de escolha do magistério como profissão para as quatro professoras entrevistadas.

### Trajétórias profissionais: do ingresso à construção da profissão

Este capítulo pretende analisar as trajetórias profissionais das quatro professoras entrevistadas, a entrada no magistério, as experiências vividas, os desafios encontrados e como foram superados. Concluindo a formação profissional, em nível médio, umas com mais experiência, outras com menos, como estas quatro professoras constroem sua profissão?

É na prática, no dia-a-dia da sala de aula que se aprende a ser professora, com ajuda ou não de colegas. Portanto, é no cotidiano da escola, buscando alternativas para as dificuldades encontradas, lendo, pesquisando e experimentando é que foram tonando-se professoras.

Laura entrou na Rede Municipal de Vinhedo em 2003, e iniciou lecionando para uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental nesta mesma escola em que trabalha até hoje. No começo teve suas dificuldades, apesar de gostar do que fazia, *levava um choque a cada dia com a realidade*; sua principal dificuldade era a indisciplina<sup>22</sup> dos alunos. A superação das dificuldades iniciais se deu com o apoio da coordenadora pedagógica e das colegas de trabalho, assim, com o tempo, foi se adaptando.

Para lidar com a indisciplina, Laura contou com a ajuda da psicóloga da escola. Na rede municipal havia um projeto com psicólogas nas escolas para atender aos alunos, pais e professores, avaliado no Plano de Curso como importante para o processo educativo.

Apesar de a professora Laura demonstrar que a dificuldade em *controlar a situação* tinha relação com sua inexperiência, a questão da indisciplina ou disciplina, também está relacionada com a autoridade docente e escolar, no geral, e sua legitimidade. Para Esteve (1999), baseando-se em Breuse (1984), aos professores iniciantes, devido a uma estrutura hierárquica do ensino, são designados os piores alunos, aqueles que os professores mais experientes não querem para si. Segundo o autora, formação inicial não prepara os futuros professores para enfrentar as relações de autoridade que se dão dentro de uma sala de aula, este choque com a realidade na maioria das vezes é inevitável. A maioria dos professores desenvolve em sua formação inicial um conceito sobre seu papel como professor e

uma concepção idílica da relação educativa na qual, sem dar qualquer mínima indicação sobre como movimentar a dinâmica da classe, criam-se autênticos tabus com relação ao tema da disciplina e do castigo. De fato, esses temas são operados criando o que eu chamo de “modelos negativos”. Para tanto, parte-se da crítica ao conceito de disciplina da chamada educação “tradicional” frequentemente em termos caricatos, para que o futuro professor tenha claro o tipo de relações educativas que não deve reproduzir. Mas, na maior parte dos casos, não se aprofunda na criação de novos modelos positivos, mais justos e participativos para organizar o trabalho da classe. O conceito de disciplina, em vez de associar-se à idéia de ordem e ao esforço em se conseguir uma ordem justa, associa-se às idéias de repressão e castigo (Esteve, p.134, 1999).

Segundo Esteve (1999), o professor é uma autoridade na estrutura social da sala de aula, pois ocupa um lugar social diferenciado, isto possibilita às suas intervenções um valor especial na manutenção das regras de convivência na sala.

Para Arendt (1992), a autoridade exige obediência e pode ser confundida com alguma forma de poder ou violência. No entanto, a autoridade exclui o uso de meios externos de coerção, no qual a força é usada e a autoridade fracassa. Para a autora, a perda da autoridade no mundo atual é a fase final e decisiva da perda da tradição, pois perde-se também o fio que guia com segurança os indivíduos através dos domínios do passado. Na educação, Arendt (1992) afirma haver uma crise de autoridade com uma estreita conexão com a crise da tradição, ou seja com a crise de atitude face ao âmbito do passado.

Sobre este mesmo texto de Arendt (1992), Aquino (1998) afirma que

escola é, por excelência, lugar do passado, no bom e imprescindível sentido do termo. E deve ser. Mesmo porque não há futuro plausível sem a imersão no traçado histórico dos diferentes campos de conhecimento (leia-se, as ciências, as artes, as humanidades, os esportes). E isso, por mais que alguns se ressintam do termo, é denominado “tradição”. E vale frisar: tradição não é sinônimo de anacronismo, assim como autoridade não é sinônimo de despotismo. Muito ao contrário (Aquino, p.16, 1998).

Para Zuin (2003), ainda está distante uma autoridade pedagógica que esteja envolvida numa relação de poder com os alunos, que tenha consciência de que a superioridade é contingencial. Laura parece viver esta dificuldade de compreender a relação educativa da forma idílica que aponta Esteve (1999) e com os conflitos que Zuin (2003) informa.

Com o tempo, a professora Laura adquire mais confiança em seu trabalho, nas decisões que toma, como diz Esteve (1999), aprendeu, no caminho, as regras e como aplicá-las na prática pedagógica. Ela se afirma como profissional na separação da vida profissional e pública, antes levava as angústias da sala de aula para casa, “ia embora

---

<sup>22</sup> Atitudes que desrespeitam a ordem conveniente para o bom funcionamento da aula.

chorando”. Hoje não precisa ir tão a fundo nos problemas familiares dos alunos, antes a incomodava de tal forma que procurava saná-los interferindo nas relações com os pais. Segundo Laura é a ausência da família na vida das crianças que conduz aos problemas escolares. Todo ano é preciso pesquisar e recomeçar de novo o trabalho de professora, pois este é uma aprendizagem contínua.

Apesar dos problemas apontados, Laura gosta da profissão, pois é a possibilidade de descobrir este mundo novo: o aprendizado e o desenvolvimento do aluno. O prazer de ser professora está nesta descoberta.

todos que ainda estão no professorado ainda estão pela paixão, e por terem uma meta como pessoa, porque se fosse para pensar em ficar rico, jamais estariam (Laura)

Ela não sabe por quanto tempo coninuará a gostar da profissão. Há um “desgaste” pela desvalorização, mas hoje, se pudesse voltar atrás, escolheria ser professora, diferentemente de quando começou, em que os pais escolheram para ela.

A justificativa que Laura dá à permanência dos professores no magistério, a paixão, mostra a docência como vocação, está ligada ao caráter social da profissão, se exprime no dom ou no gosto. Souza (1996) afirma que

A vocação e o dom, sem dúvida, são pré-condições para a qualificação do professor num trabalho, inquestionavelmente, de boa qualidade, assim como qualificam o artista. Entretanto, quando lhe são retiradas as telas e os pincéis, ele fica com um discurso que porta a submissão a uma estrutura que o desqualifica. O dom não existe naturalmente para os professores. É uma prática social construída, que é relatada nos depoimentos, como sendo apreendida no cotidiano da sala de aula e com o tempo. É também no cotidiano que se vai sentido a relevância de seu trabalho ( Souza, p.80, 1996).

Souza (1996), em sua pesquisa, afirma que os professores atribuem dignidade a seu trabalho como um modo de enfrentar as adversidades de sua profissão. Embora árduo e desgastante, a desvalorização é entendida como não reconhecimento social pelo trabalho, advindo das condições de trabalho e salário e pela perda do *status* ou prestígio social. Assim, o professor busca recuperar pelo nível do simbólico o valor do trabalho por meio do prazer e da vocação. A autora ainda afirma que o gosto pela profissão ou o prazer não significa ausência de críticas em relação às suas condições de trabalho, mas é um elemento de resistência para permanecer na profissão. O “gosto” é adquirido no exercício da profissão.

Maria iniciou sua carreira num berçário, na Educação Infantil, não teve muitas dificuldades, pois contou com a ajuda de sua coordenadora, estudou a respeito da faixa

etária com que trabalhava. Assim, diferentemente de Lauda, o começo da carreira foi tranquilo. No entanto, ao entrar no Ensino Fundamental a situação foi diferente.

Maria entrou no Ensino Fundamental quando mudou-se de Campinas devido à mudança de emprego de seu marido. Em outra cidade, Amparo, ela prestou e passou no concurso público para o Ensino Fundamental. Iniciando com uma turma de primeira série, assim como Laura, corroboram com Esteve (1999): elas tinham uma visão idílica do real. Ambas – Laura e Maria - sofreram com este início das atividades docentes.

quando a gente tá de fora, a gente tem aquela sensação que é muito simples colocar uma criança atrás da outra e escrever na lousa, a criança copia e aprende que é uma beleza, né. Quando você tá dentro, você vê que isso é ilusão, que não tem crianças iguais, que não há sala homogênea, é cada um com a sua dificuldade, cada um com a sua necessidade. Aí você fica pensando que..., dá um choque na gente, a gente fica muito ansiosa (Maria)

Maria ficava esperando que as crianças tivessem relações de aprendizagem significativas, que se alfabetizassem mais rapidamente, entretanto o real não se apresentava desta forma.

é um processo lento, é um trabalho de formiguinha, é um atendimento individual, um de cada vez, e não adianta, as crianças não aprendem ao mesmo tempo, ela tem o tempo dela. E quem acha que vai ensinar todos ao mesmo tempo vive estressada, né. (Maria).

Para driblar essa dificuldade em fazer a docência, Maria estudou, buscou alternativas ou didáticas diversificadas para trabalhar, buscando o envolvimento da turma.

Contribuiu significativamente para Maria aprender a fazer a docência sua inserção em uma nova metodologia<sup>23</sup> de ensino desenvolvida pelas escolas municipais da cidade de Amparo. No início do trabalho, a professora relata as dificuldades em desenvolver a metodologia, entretanto aponta que o estudo e a adesão a esta metodologia ajudou-a na superação das dificuldades.

Amparo trabalha como PROEPRE, (...) eu comecei uma semana antes, aí me deram um curso a jato de PROEPRE, e falaram “ó, agora pode ir”, e eu fui (risos). Gente, o que eu sofri, porque eu não conseguia entender a metodologia, eu não conseguia conciliar o método com a prática, então eu me desesperei, foi o ano em que eu mais sofri na minha vida. Eu sofri horrores, eu só vivia pra escola, eu chegava em casa eu ia fazer comandas, eu ia fazer atividades. Até minha família não estava agüentando mais eu, mas virou um inferno, o meu marido falava assim “mas, mulher do céu, você tá trabalhando período integral e eu não to sabendo?”, porque eu não tinha tempo. E na minha busca de alternativas eu acaba cavando mais buracos, mais buracos, porque eu não conseguia conciliar metodologia com a

---

<sup>23</sup> PROEPRE, Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental, do Laboratório de Psicologia Genética da Unicamp, fundamentado na psicologia Genética Piagetiana e no Construtivismo Pedagógico.

sala de aula. Aí passou, eu sofri, sofri, o sofrimento tem seu lado bom né, eu cheguei também num consenso, entendi a dinâmica do PROEPRE, mas o sofrimento fez eu buscar alternativas, fez eu testar situações. Aí o dia que eu olhei e disse assim “olha eu estou trabalhando dentro do PROEPRE, eu estou conseguindo”. Aí nesse dia eu vi que eu tinha aprendido mais do que trabalhar a metodologia do PROEPRE, tinha acontecido aí um ganho enorme na minha vida, porque eu consegui ver, trabalhar as disciplinas de uma forma interdisciplinar, então eu carregou isso, (...) Então o PROEPRE foi um divisor de águas na minha vida, ele foi meu inferno e meu céu ao mesmo tempo, e eu aprendi muito, eu agradeço eu ter ido, agradeço mesmo. A visão da gente sobre o aluno, sobre o conteúdo, você não sai a mesma de jeito nenhum (...) (Maria)

Pode-se compreender, neste depoimento, que a constituição da professora, como profissional, exige estudo, aperfeiçoamento constante; se a docência se faz no exercício do trabalho, ela não prescinde de estudo constante. A separação entre o espaço privado (da família e da casa) e o espaço público (da escola e sala de aula) não é nítido. Maria evidencia como o trabalho docente entra no espaço doméstico. Há que se observar também que a professora não rejeitou a proposta governamental, tomou-a como possibilidade de aprendizagem.

O processo de constituição de Maria como professora permitiu-lhe compreender que conflitos e contradições são vivenciados de diferentes formas, ora como sofrimento por não saber fazer a docência, ora como possibilidade de realizar um trabalho de boa qualidade.

Hoje não, hoje eu sou mais tranqüila, eu vou dia após dia, se eu não consigo o resultado que eu almejava, eu não me desespero, eu sei que eu vou ter chance de estar ali, de rever. Então acho que eu fiquei mais calma, menos ansiosa. (Maria)

Para Maria “vale a pena” ser professora, ela gosta da profissão. Alfabetizar faz a diferença na vida das gerações mais jovens, a educação pode mudar a vida das pessoas e que ela contribui para isto. Maria não estaria nesta profissão se não gostasse, e até pensa em fazer curso de Direito, mas para defender sua profissão, que está tão desvalorizada. Há desigualdades nas quais a escola ainda pode interferir e diminuir, mas, segundo Maria, a educação não muda a sociedade se não for mudada também.

Maria parece não acreditar na via dos movimentos sociais, nos sujeitos políticos coletivos, mas na via individual, na defesa dos direitos, entretanto compreende que as transformações só se realizam no âmbito da sociedade.

Então eu não teria outra profissão, eu gosto do que eu faço, embora eu acredito que uma verdadeira mudança, ela não vai se dar na sala de aula, tem que ser uma mudança de base, ela pode sim, acontecer na sala de aula, mas não só, tinha que ter

uma mudança no geral, uma mudança de sociedade, uma mudança de igualdade, mas não essa igualdade, na verdade a única igualdade que temos é a civil, não gozamos de igualdade na sociedade, ainda temos escolas de pobre, escola de rico, escola de centro, escola de periferia, né, então deveria haver uma mudança estrutural, mas eu acredito que do jeito que está, hora mais, hora menos, vai ter que acontecer (Maria).

A escola é simultaneamente, para Maria, conservação das relações sociais, como Bourdieu (2002) e possibilidade de mudança pois pode diminuir as desigualdades sociais.

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, com iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificativa para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou melhor dizendo exigida ( Bourdieu, 2002, p.53).

Se para Laura, a permanência na profissão é dada pela vocação, ela se assemelha a Maria quando afirma que o prazer no exercício da docência é a possibilidade de transformação dos alunos. Mas Maria vai adiante. A permanência de Maria na profissão se vincula às possibilidades de mudança social contida na escola

Na escola, o nexa instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o professor é consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e de cultura que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos (...) Um professor medíocre pode conseguir que os alunos se tornem mais instruídos, mas não conseguirá que sejam mais cultos; ele desenvolverá, com escrúpulo e consciência burocrática, a parte mecânica da escola, e o aluno, se for um cérebro ativo, organizará por sua conta, e com a ajuda de seu ambiente social, a “bagagem” acumulada (Gramsci, 2001, p.44/45)

A terceira professora cuja trajetória é aqui analisada, Leticia, teve sua primeira experiência profissional como professora na Educação Infantil, ainda estagiária. Diferente de Maria e Laura, era insegura pelo fato de sentir-se sozinha, sem apoio das outras professoras ou coordenadora para iniciar o trabalho. A relação entre estagiária e professoras parece ter se constituído em hierarquias. Já como professora, sentiu-se mais segura, afinal já conhecia as professoras com quem trabalhara quando estagiou na escola. Para Leticia, a docência é uma profissão solitária, celular: ‘eu e minha sala’. Os professores não trabalham sozinhos em suas salas de aula, mesmo que pareçam estar sozinhos.

as professoras efetivas já eram antigas e viam a gente como “as novinhas” que não sabiam nada e poucas, aliás, uma ou duas nos auxiliavam. A gente ficava, fiquei assim meio perdida, a gente não tinha coordenadora pedagógica pra ajudar no nosso trabalho, e nenhuma professora, também das antigas, ajudando. Então é insegura, “será que meu trabalho não tá bom?”, sem apoio. E até hoje eu acho que... hoje já faz tempo que eu estou, mas quem entra sente a mesma coisa.(...) No fundamental até que foi um pouco diferente, eu estava nessa escola já há um ano, que eu fiquei fazendo estágio nessa escola, eu dava reforço pras crianças, então eu tinha muito contato com as professoras da sala porque tinha que conversar sobre as crianças. Então quando eu peguei sala eu já conhecia a outra professora, que foi uma segunda série, e a gente trocou bastante atividade e ela me ajudou muito, aliás ela está aposentada já, então ela me ensinava, ela me ajudou pra caramba. (Leticia)

Fontana (2003) relata a importância das relações no ambiente de trabalho.

Na relação de ensino que estabeleceu entre ambas [duas professoras, uma mais experiente que a outra], as dúvidas e questões, os modos de fazer e o conhecimento foram compartilhados. Não se tratava de fazer “como” a professora mais experiente, mas de aproximar-se de conhecimentos e de modos possíveis de elaborá-los, os quais, tendo se formado com outras pessoas, haviam sido por ela incorporados e eram, por ela destacados como relevantes, apontados em resposta às indagações daquela que desejava aprender (Fontana, 2003, p.115).

A autora fala em assistência, aprendizado e confiança que se constrói nestas relações. Ao fazer junto se aprende, primeiro pela imitação que vai, depois, se transformando em compreensão. As relações no interior da escola são relações de trabalho, com hierarquia, com chefia, com a supervisão, com outros trabalhadores, em diferentes lugares sociais em termos de comando, poder, responsabilidades (Dejours citado por Fontana, 2003). As condições de trabalho possibilitam disputas, rivalidades e desconfianças e levam ao sofrimento com relação ao desempenho profissional. Neste sentido, é difícil compartilhar com os colegas o “não-saber” ou as dificuldades que os professores encontram no início da carreira. Se estas condições dificultam o compartilhamento com os colegas, torna-se difícil aproximar-se da direção ou coordenação da escola. Segundo a autora, os sentimentos de frustração e ansiedade produzidos por estas condições e relações de trabalho, vivenciados no isolamento ainda podem aumentar, pois “as relações de trabalho que nos afastam de nossos pares, empobrecem nossa constituição como profissionais e como sujeitos, empobrecendo nossa vida mental” (Fontana, 2003, p.119).

Assim como para Laura e Maria, a docência se faz no exercício do trabalho cotidianamente; a superação do sofrimento de não saber fazer a docência foi possível na vivência das relações de trabalho.

Letícia, se no início, tinha mais tempo para se dedicar ao trabalho docente, hoje já não lhe sobra tempo devido à dupla jornada de trabalho: como professora e mãe. Para Letícia, a maternagem é, simultaneamente, qualificação e desqualificação. É qualificação porque diminuiu o tempo de trabalho na docência (do estudo, da preparação de aulas) e é qualificação porque permitiu-lhe conhecer melhor as relações de cuidado com crianças.

adquiri experiência, amadureci, e também, outra coisa, depois que eu fiquei mãe, que eu sou mãe das duas, eu percebi que muda o relacionamento com as crianças, não sei explicar como isso pra você, mas a maneira de como a gente enxerga as crianças, o amor, o carinho.(Letícia)

O cuidado de crianças como atividade educativa e portadora de relações de gênero tratado por Carvalho (1999), pode ser explicado no relacionamento intensamente afetivo estabelecido entre professores primários e seus alunos de duas maneiras, que

partem da constatação de que se trata de uma maioria de docentes do sexo feminino e tendem a atribuir essa marca característica da feminilidade, sem distinguir teoricamente o plano das prescrições individuais de gênero e assim, confundindo características do trabalho docente com sexo do professor ou professora (Carvalho, 1999, p.218).

De um lado a desqualificação, na qual as mulheres são acusadas de transferir para a escola <sup>o</sup> espaço público e profissional, as referências e práticas relativas à família, um espaço privado e doméstico. Por outro, a qualificação como combinação entre a casa e a escola pelas professoras, numa “ética de desvelo” característica das mulheres, trazidas para dentro da escola. De uma forma geral, assim como no depoimento de Letícia, ainda está enraizado em várias mulheres a questão do dom materno e da relação que teria o cuidar de crianças e trabalhar com crianças. O mesmo ocorre quando Letícia afirma que escolheu o magistério porque gostava de crianças.

Mesmo gostando da profissão, Letícia já não sabe se vale a pena ou não continuar, pelas dificuldades que encontra para realizar o trabalho e, principalmente, a desvalorização salarial e falta de reconhecimento por parte da sociedade.

hoje eu não sei se eu respondo que vale a pena, que assim, é muito satisfatório, hoje eu não responderia com tanta convicção, eu não responderia. Não sei se vale a pena ou não (Letícia)

Lapo e Bueno (2003) ao discutirem o desencanto e o abandono do magistério em São Paulo afirma que entre os professores primários estão entre aqueles que menos se demitem ou são demitidos. Apesar de estarem no nível mais baixo na hierarquia educacional e receberem os menores salários, eles se mantêm no emprego pelo fato de trabalhar com uma ou duas turmas e criar vínculos mais fortes e mais difíceis de serem

rompidos com os alunos, tal como Leticia. As autoras ressaltam que os professores que abandonaram a profissão nunca quiseram realmente ser professores, esta era uma escolha possível no início da vida profissional.

A insatisfação no exercício da profissão conduz à saída do magistério, tal como Leticia. Entretanto esta monografia tem demonstrado que há elementos que permitem aos professores se manterem no emprego.

Primeiramente, por gerarem uma sobrecarga de trabalho; depois, a falta de apoio dos pais dos alunos, um sentimento de inutilidade em relação ao trabalho que realizam, a concorrência com outros meios e transmissão de informação e cultura e, também, é claro, os baixos salários. Outro aspecto enfatizado pelos professores como fonte de insatisfação com o magistério é o modo pelo qual está organizado o sistema educacional e, mais especificamente, a escola como instituição pública de prestação de serviços e como local de trabalho. Esta organização influi diretamente no desempenho e no grau de satisfação do professor com o trabalho docente. Alguns referem-se à impossibilidade de participar das decisões sobre o rumo do ensino, ao excesso de burocracia e à falta de apoio e de reconhecimento do trabalho por parte das instâncias superiores do sistema educacional, como fatores geradores de desmotivação e insatisfação com o trabalho (Lapo e Bueno, 2003, p.77)

Além da insatisfação com as condições de trabalho, Leticia se ressentiu com a desvalorização da educação.

“Por como vem funcionando a educação no Brasil, não é só aqui em Vinhedo, também tá bem ruim, mas é o que a gente estuda na faculdade, tudo que é relacionado à educação e que ninguém se importa, na verdade. O que mais deveria ser preocupante num país, o que mais deveria, deveriam investir é na educação, que eu acho que ia melhorar muita coisa, e você vê que é uma vergonha, tudo que a gente sabe que acontece, não dão importância à educação, é tudo relacionado ao poder, à política, a alguma maneira de estar ganhando em cima das pessoas, e ninguém tem ética.”

Leticia ainda não abandonou a profissão, mas diz que abandonaria por uma profissão mais bem remunerada.

Fernanda, a quarta professora cujo depoimento é aqui analisado, assim como Leticia, teve sua primeira experiência profissional como estagiária, substituindo professores. Quando ingressou na carreira por concurso público sua primeira turma foi uma primeira série e, assim como Laura, Maria e Leticia encontrou muitas dificuldades no exercício do trabalho. Como Leticia, Fernanda se sentia solitária, sem apoio da coordenação pedagógica. Entretanto, contou com a ajuda de uma amiga, que tornou menos difícil seu trabalho inicial. Fernanda aponta suas dificuldades: faixa etária e alunos “reprovados”.

A primeira sala que eu tive aqui foi meio torturante até, peguei uma primeira série, como todo mundo que entra, praticamente, só sobra primeira série, pra mim também sobrou uma primeira série, mas como eu estava em companhia de uma

amiga, foi menos difícil. Mas eu estava com uma sala de quase oitenta por cento de reprova, então eram crianças com uma defasagem muito grande de idade, tinham crianças de seis anos e crianças de doze anos, então era uma diferença muito grande, não tive apoio nenhum da coordenação, que até muitas vezes contradizia aquilo que eu estava falando, quando indaguei o motivo de tantas reprovas juntas numa mesma sala até disse que não, que não tinha tantos alunos que haviam reprovado. Então, por coordenação foi uma falha muito grande, tudo que eu consegui vencer naquele ano foi em companhia da minha amiga. (Fernanda)

As relações hierárquicas na escola deixam para os iniciantes as turmas com maiores dificuldades de aprendizagem (Esteve, 1999). Nota-se a importância das relações de trabalho e o apoio no trabalho das iniciantes, tratadas por Fontana (2003).

Para Fernanda, a experiência permite a aprendizagem de ser professora, a aquisição de criticidade e mais firmeza para defender as coisas que acredita. No entanto, diz que as mudanças políticas que envolvem o sistema escolar parecem caminhar em outra direção.

O pior, acredito que tenha sido essa mudança toda de governo, de pessoas, entra um prefeito, pensa uma coisa, faz uma coisa. Entra outro prefeito, faz outra coisa, já é outra coisa que você tem que ficar correndo atrás. Mas eu melhorei muito, na parte crítica, eu passei a ser mais crítica, eu passei a ter pé mais firme nas coisas que eu penso e que eu preciso defender, porque até que me provem o contrário eu estou certa ainda, e quando aquilo que eu estou pensando não é bacana, que aquilo que eu estou pensando não é legal, que não vai dar, também aceito e aí aprendo mais uma coisa, mas passei a ser muito mais crítica e ter mais firmeza pra defender o meu ponto de vista. (Fernanda)

Fernanda gosta da profissão, se dedica e envolve-se com os alunos, preocupando-se com seus problemas pessoais e dificuldades de aprendizagem, destaca a importância de se considerar o lado humano e não só o escolar dos alunos.

(...) eu preciso saber como eles são, o que eles sentem, o que eles pensam pra poder começar meu ano, começar minha aula, (...) Às vezes você leva um caso pra direção coordenação, e você vê todo o seu trabalho indo por água abaixo, só sabe ver o lado escolar, o lado conteudista, o lado humano não vê, não vai procurar saber como que é, o quê que ele está sentindo naquele momento, pra estar agindo daquela maneira. Então, com essas primeira séries que peguei, fui procurando agir mais pelo lado humano mesmo, das crianças pra poder tirar proveito disso. (Fernanda)

Fernanda chegou a pensar em abandonar o magistério pela burocracia que a angustiava. Hoje gosta do trabalho, do desenvolvimento e aprendizado das crianças, não pensa mais em deixar de ser professora.

Não deixaria de ser professora, não tenho vontade de deixar. (Fernanda)

As trajetórias destas quatro professoras se cruzam de alguma maneira, há encontros e desencontros, de opiniões e de experiências. Seus depoimentos, mesmo com ressentimentos, demonstram o prazer em ser professoras.

Analisar a trajetória profissional das professoras entrevistadas foi a pretensão deste capítulo, compreender como se tornaram professoras e como construíram esta profissão. A partir destas experiências semelhantes e tão diferentes em alguns momentos, como seriam as representações construídas por elas sobre ser professora, como enxergam esta profissão, a vêem como profissão?

## Capítulo 6.

### Na vivência das condições de trabalho a construção das representações sobre a profissão professor

As condições e organização de trabalho dentro da escola são fundamentais para a construção das representações docentes sobre ser professora. Quais são as representações que as professoras constroem sobre o trabalho docente e como as experiências, as dificuldades e os conflitos vividos por elas no dia-a-dia interferem nas construções destas representações é o que pretende analisar este capítulo.

Para as quatro professoras, a família é fundamental na educação das crianças. Talvez, como citado anteriormente, pela valorização de suas próprias famílias e pela construção de um padrão familiar, questionam as famílias de seus alunos quanto às responsabilidades educacionais.

Para Laura e Fernanda a importância da família na condução das atividades educativas tem reflexos no trabalho docente. A “ausência” da família é considerado um “problema” para as professoras.

Muito porque a família era ausente, a grande parte das minhas experiências vieram porque as crianças não tinham a família presente, não tinha quem ia atrás (Laura)

tive oportunidade de conversar com duas mães, só, ainda fiquei meio frustrada porque uma é meio sem participação na vida da criança (Fernanda)

Se a ausência da família é uma dificuldade, ser professora para Fernanda é, como para Letícia, trazer as relações domésticas para o espaço da escola, uma continuidade da profissão.

ser professora é tudo, ser mãe, é ser psicóloga (Fernanda)

As famílias são acusadas de estarem distantes dos modelos construídos pelas professoras. Parece haver uma compreensão de que o trabalho docente é somente instrução e não formação e educação, como se observa nas representações que constrói Letícia e Maria:

a maioria das crianças não tem uma família estruturada, ou o pai é separado, ou a mãe casou de novo, às vezes não conhece nem o avô e a avó, até o ano passado eu dei uma árvore genealógica da família e eles não conseguem preencher (...) a família hoje deixa muito a desejar na educação das crianças, né. A sociedade

mudou muito nesses anos e a educação acabou ficando também pra escola, então o professor além de ensinar os conteúdos relacionados às disciplinas, ele também pára várias vezes a aula, não só pára, dentro dos projetos, do trabalho do professor está também educar a criança, passar valores, virtudes, noções de respeito, cidadania. (Leticia)

a gente está atendendo tantas dificuldade, sejam elas de desigualdade social, seja elas (..) familiar, a família está tão desestruturada, mandando a criança cada vez com menos pra escola, a criança vem sem, menos, é menos cuidado, menos atenção, menos carinho. (...) Eu acho que o que mais me cansa é ficar cuidando da educação que eles deveriam trazer de casa. Essa é a parte mais cansativa do processo. Porque é, você tem que cuidar de tudo, você tá lavando a mão depois do banheiro, pra não jogar papel no chão, pra não jogar lixo no chão, pra não bater no amigo, pra não pegar coisas do amigo. Essa parte é mais cansativa, essa educação informal que não tá acontecendo, que está acontecendo tudo no âmbito escolar, está sendo delegado tudo pra gente, e aí isso é muito cansativo. (Maria)

Essas representações sobre a profissão podem ser relacionadas com a massificação da educação. A escola se abriu para as diversas classes sociais, e atende agora às crianças cujos pais e mães trabalham fora de casa e não têm mais o tempo que tinham há décadas atrás para cuidar dos filhos e dar-lhes a educação que hoje é realizada pelos professores. Esteve (1999) afirma que estas dificuldades encontradas pelos professores apareceram devido à transferência, por parte da comunidade social e da família, de algumas de suas atividades sociais e protetoras anteriores à escola para os professores, sem que essa transferência fosse seguida das mudanças necessárias na formação dos educadores, de modo a prepará-los para enfrentar estas novas exigências.

Evolução e transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados), que nos últimos anos, por diversas circunstâncias sociais, reagiram, renunciando às responsabilidades que antigamente vinham desempenhando no âmbito educativo e exigindo das instituições escolares que ajudassem a ocupar um vazio que nem sempre tinham capacidade de preencher; e que, portanto, em muitos casos ficou vazio, com as conseqüentes lacunas no processo de socialização das gerações jovens. Entre os principais fatores que causaram a essa transformação dos agentes tradicionais de socialização, destaca a incorporação em massa da mulher ao mundo do trabalho e a transformação da família, abandonando as relações com outros membros e reduzindo-se a unidades menores em sua dimensão e em seu universo de relações (Banks, 1983; Musgrave, 1972 apud Esteve, p. 29, 1999).

Apesar das quatro professoras culpabilizarem as famílias pelas dificuldades que têm no trabalho, duas professoras, Fernanda e Maria, compreendem que as mudanças sociais são responsáveis pelas dificuldades encontradas pelas famílias para participar da vida escolar dos filhos. aqui se evidencia a diferença entre participação e ausência familiar.

A vinda dos pais à escola não é espontânea,

eu acredito que muitas vezes, nem por falta de vontade. Pra analisar, os pais trabalham de sol a sol, não têm um horário que beneficie a vinda deles à escola, então, fico meio em cima do muro. (Fernanda)

Se os pais não vêm à escola pelas condições sociais de existência

talvez o pai também não venha muito porque ela [a escola] não dê muita abertura pro pai estar vindo. Tem os dois lados da questão né, pegando a minha situação, eu acho que a maioria trabalha e trabalha muito, e outra grande parcela não é responsável mesmo pela criança, a gente vê isso no dia a dia da criança. (Maria)

A falta de tempo para ficar com os filhos não significa, necessariamente, desinteresse por eles. Como visto, as mudanças sociais e no mercado de trabalho fizeram com que pais e mães saíssem de casa para trabalhar, dedicando menos tempo aos filhos e à educação dos mesmos.

O que mais incomoda Laura é a falta de recursos didáticos e pedagógicos. O professor é cobrado por não realizar um bom trabalho, mas não lhe dão as condições para realizar este trabalho. O professor é culpabilizado. Ele pode ser criativo, ter interesse em trazer coisas novas para seus alunos, mas não consegue realizá-las por falta de recursos didáticos e pedagógicos. A escola não dá suporte para desenvolver as atividades que o professor planeja. Desgasta planejar e improvisar por falta de meios.

A precaridade de suas condições de trabalho também são expostas pelas condições de sala de aula, sem cortinas, portanto bate sol, e a falta de aconchego da escola para receber as crianças. A recente mudança de prédio e a demora para adaptá-lo às novas turmas contribuem para precarizar as condições de trabalho.

nós mudamos de prédio, da escola, e bate muito sol na sala, em todas as salas aqui do andar de cima. E aí a gente, cada um fez uma adaptação da janela pensando nas crianças, porque batia muito sol, e eu coloquei papel nas janelas e decorei o papel. A gente não tem armário, o armário é aberto, pega muito pó, as carteiras também não são, são carteiras que tem um buraco no meio, se você trabalha em grupo, pra fazer cartaz fica inviável, não dá pra ser realizado, não tem espaço pra fazer um trabalho diferente com a criança, porque o pátio sempre passa muita gente, a escola é muito grande. (Letícia)

Só tem um benefício, a sala é bem ampla, grande gostosa, mas tenho sol o tempo todo na sala, não tenho cortina, não tenho armário, por conta do sol, do calor, do incômodo, minha sala dá de frente pra rua e o barulho, até que não é muito em vista do que eu já vi, mas o barulho é grande e eles ficam muito inquietos, muito, mas acredito que seja muito mais por conta do calor, tem sempre que ficar o tempo todo procurando um lugar bacana na sala pra ficar. (Fernanda)

Para Maria, o espaço físico externo é ruim para realizar atividades extra-classe.

As condições físicas, como conservação do edifício, mobiliário escolar e locais adequados nas escolas e a falta de recursos materiais são abordadas por Esteve (1999), como sendo alguns dos fatores que causam o mal-estar docente.

queixam-se explicitamente das contradições que supõe, por um lado, que a sociedade e as instâncias superiores do sistema educacional exijam e promovam uma renovação metodológica, sem, ao mesmo tempo, dotar os professores dos recursos necessários para levá-la a cabo. Quando esta situação se prolonga a médio e longo prazo, costuma-se produzir uma reação de inibição no professor, que acaba aceitando a velha rotina escolar, depois de perder a ilusão de uma mudança em sua prática docente que, além de exigir-lhe maior esforço e dedicação, implica a utilização de novos recursos dos quais ele não dispõe (Esteve, p.48, 1999)

Se no início do magistério Laura diz não ter encontrado problemas em relação à apoio pedagógico, hoje, a situação é diferente. As condições de trabalho afetam também o trabalho da coordenação pedagógica. A coordenadora pedagógica não tem cumprido com sua função, pois tem recebido uma carga maior de trabalho burocrático que pedagógico, a fim de que a escola possa atender à grande demanda de alunos.

Da mesma maneira, para Letícia, Maria e Fernanda, a falta de apoio pedagógico precariza as condições de trabalho. A falta de participação dos professores nas decisões escolares, na elaboração do calendário escolar também precarizam as condições de trabalho.

Assim como as outras professoras, Laura percebe uma descontinuidade nas atividades realizadas pelo grupo de professores, os momentos de atividades coletivas para planejamento e formação dos mesmos, como os HTPCs, são transformados em reuniões para transmissão de informações administrativas.

este ano, nós acabamos de receber xérox de um calendário escolar e pronto. Não opinamos em nada, reclamamos, mas não nos é dado ouvidos (Fernanda)

Não somos nós que organizamos [o calendário escolar] na verdade, teve ano que até o calendário foi montado junto com os professores, eu me lembro, e depois houve uma reunião, pra montar o calendário de acordo com a sugestão assim, de emendar ou não, o tanto de dias, reunião de pais... Mas esse ano veio pronto, assim, pronto pra ninguém questionar. (Letícia)

Não tenho acesso a isso [organização do ano letivo], vem pronto. O calendário prontinho, com os dias letivos, feriados e tudo, e ele é imexível. (Maria)

Parar para fazer reuniões pedagógica, não. A gente se encontra no corredor, sala dos professores, um pouco antes do HTPC, um pouco depois. E agente acaba discutindo. (...) Nossos HTPCs, são os únicos encontros, assim, que possa se dizer pedagógicos, mas na maioria das vezes são recados, discussões, pelo que falta, pelo

que não falta, mas este ano mesmo, poucas vezes a gente conversou sobre pedagógico (Fernanda).

As ordens impostas, a falta de participação nas decisões e na burocracia constroem não só condições de trabalho precárias como também relações hierarquizadas entre os professores da escola.

Lidar com o burocrático [é o mais complicado]. Totalmente, totalmente. Papelada, é registro de não sei o quê, ficha de não sei lá o quê, e coisas que no fim não têm serventia, aí eu procuro tirar proveito disso também, procuro fazer de uma forma que isso venha a me favorecer de alguma maneira. Mas é totalmente burocrático, que em vez de, de vir pra estar ajudando, vem pra atrapalhar. (...) [traz sofrimento] As ordens vindas da Secretaria da Educação, que dificilmente podem ser discutidas ou modificadas. (Fernanda)

Aliás, a gente tem [coordenadora pedagógica], pra tá cobrando papéis, preenchimento de papéis, burocracia, e o semanário foi pedido pra fazer de uma maneira também imposta (Letícia)

Pucci, Oliveira e Sguissardi (1991) afirmam que na aproximação dos docentes aos outros trabalhadores, o professorado possui uma autonomia relativa

(...) de um lado são alienados como os outros trabalhadores, pois têm pouco espaço de participação na elaboração e na implementação das leis de educação e das políticas da escola, bem como influenciar ou controlar aspectos importantes de sua vida profissional são controlados pelo autoritarismo e pela burocracia presentes nas relações de trabalho e de poder no interior da escola; de outro lado, tem um espaço maior de autonomia e de liberdade nas programações em sala de aula, no contato direto e pessoal com seus alunos (Pucci, Oliveira, Sguissardi, 1991, p. 98).

Segundo Esteve (1999), para modificar as relações de trabalho nas instituições escolares é preciso mexer na base da instituição pois

Todas as instituições tendem a criar artifícios adicionais, e a escola não é uma exceção. As características internas de algumas instituições impedem que estas possam realizar o que se espera delas ( Goble e Porter, 1980, p23, apud Esteve, 1999).

Se as condições de trabalho, as relações de poder contribuem para a insatisfação no exercício da profissão, o salário é considerado como um dos fatores que evidencia a desvalorização desta profissão.

O salário insuficiente leva Letícia e Laura a compreendê-los como renda complementar à do marido. Para elas, o salário do professor é um dos aspectos pelos quais não “vale a pena” ser professora. Laura compara seu salário e sua atividade profissional com profissões: o professor é fundamental numa sociedade, todos precisam ler e escrever; todos os trabalhadores tiveram um professor que os alfabetizassem, mas

a valorização do professor pelo salário não é similar à sua importância social. A desvalorização do professor, seja pela mídia, seja pelos pais de alunos, faz não mais “valer a pena” ser professor.

O baixo salário é um dos fatores da precarização do trabalho docente. É compreendido como resultado e causa da feminização do trabalho docente e a massificação da escolarização. A entrada das mulheres na profissão docente contribui muito para sua proletarização e conseqüentemente redução de salários, segundo Enguita (1991). A relação da feminização e os baixos salários advém da crença de que o salário das mulheres é secundário, uma segunda fonte de renda complementar à do marido, o que é confirmado pelas professoras Laura e Leticia. Para Carvalho (1999), o nível salarial e o prestígio atribuído às atividades ditas femininas é inferior às dos homens.

A relação entre a massificação e os baixos salários, para Sampaio e Marin (2004) se explica pela contratação de professores menos qualificados em grande quantidade.

Para Maria, o salário é a principal renda da família pelo fato de o marido estar afastado do serviço. Esta professora trabalha em dois períodos diurnos. Para Maria e Leticia, a desvalorização salarial contribui para a falta de respeito que muitos têm pela profissão docente.

A parte que também faz a gente sofrer um pouco é essa desvalorização que a gente tem, a gente é tudo e nada ao mesmo tempo. A gente não é respeitado na profissão da gente (Maria)

de nenhum lado o professor é valorizado, tudo cai nas suas costas, por parte de pai, das crianças, porque se a criança não aprende (...) é culpa do professor, se a criança não tem educação também é culpa do professor. Cobranças são muitas, né, da escola, e se a gente não cumpre, essas coisas, nos prazos que nos é dado, somos chamados de incompetentes, pela própria direção da escola e também são professoras que estão na direção, e não é só em Vinhedo, em outros lugares também, então, é uma profissão, uma classe que não é unida, que se fosse, muita coisa poderia mudar, né, tem muitos fatores que contribuem pra isso. (Leticia)

Segundo Pucci, Oliveira e Sguissard (1991), a maioria dos outros problemas da profissão “docente seriam pacientemente suportáveis diante de uma justa retribuição salarial” (p.100).

A desvalorização real do trabalho docente é a prova mais evidente da desqualificação profissional que lhe é imposta, embora não se constata nenhuma diminuição das exigências sobre a qualidade do “produto” de seu trabalho. (Pucci, Oliveira, Sguissardi, p. 101, 1999)

Para Adorno (2000), é inegável que o magistério goze de aceitação social, ou prestígio, sob certas reservas quando comparado a outras profissões como advocacia ou medicina, que as pessoas, mesmo sabendo que os professores fizeram curso universitário, não lhe dão o reconhecimento social correspondente, pois não seriam merecedores de uma forma de tratamento mais elevada.

Os poderes que os professores recebem não chegam a ser levados a sério, porque seu exercício ocorre sobre crianças, sujeitos ainda não dotados de direitos plenos. O poder dos professores é desprezado porque é apenas um paródia do poder verdadeiro, que - este sim - merece admiração (Adorno, 2000, p.163.).

A profissão é considerada desgastante, cansativa, estressante, torturante, desmotivante, sugadora, com jornadas extensas e intensas. As condições e organização do trabalho interferem nas representações que as professoras constroem sobre o próprio trabalho. Trata-se de uma profissão desvalorizada pelos baixos salários e precárias condições de trabalho; desgastante das energias físicas e emocionais pelo estresse, pelo sofrimento de não saber fazer a profissão; mas também é uma profissão que transforma e educa as jovens gerações; portanto uma profissão valorizada.

Como já visto, as representações são elaboradas a partir dos saberes e vivências dos indivíduos, são as elaborações subjetivas que se faz sobre as condições de vida.

Além das considerações depreciadoras, quando pensam na profissão as professoras também trazem à tona sentimentos de “cuidado”, de ajuda em relação aos alunos, como parte do ser professora. Para Laura, ser professora é “trabalhar em função do outro”, é mais que instruir, ensinar a ler e a escrever, é também formar, é fazer com que as crianças cresçam como pessoa, como cidadãos, em todos os sentidos.

Letícia também compartilha destas concepções, o trabalho do professor, além de ensinar os conteúdos é também “passar valores, virtudes, noções de respeito, cidadania”, dar carinho e ajudar na vida dos alunos. Fernanda também concorda que é preciso ser mais que professora que apenas “dá aula”, é preciso ouvir, entender o que os alunos sentem e passam, ver o lado humano do aluno, além de levar conhecimento às pessoas, ser professora é ser “tudo, ser mãe, é ser psicóloga”.

Almeida (1986) adverte acerca das conveniências de se acreditar que ser professora é ser mãe, irmã, ou tia, pois deste modo se tira a responsabilidade da família e torna-se cada vez mais difícil e contraditório cobrá-la. Adverte também sobre a conveniência de crer que os alunos precisam mais de carinho e amor que de ensino,

desta maneira equaciona-se os problemas da não aprendizagem e da não habilitação do professor, o que também torna difícil posteriormente reclamar de sua desvalorização, visto que além de mal formado, seu trabalho não garantirá a aprendizagem.

Para Maria, ser professora é colaborar na formação dos cidadãos, porém questiona o fato de atualmente as professoras serem mais “mãe e babá que propriamente professor”, o que a leva a questionar também a profissão.

eu fico muito triste de saber, que pras famílias, atualmente, eu sou mais carcereira de alunos do que professora, eu mantenho eles a salvo da rua, por cinco horas e o importante pra família, o importante pra essas mães é que eles estão guardados durante cinco horas, ela não quer saber se é qualidade, em que situação se dão essas horas que eles estão na escola, ela quer que eles estejam na escola. (Maria)

Este questionamento demonstra a ambigüidade vivida pelo professor. Segundo Souza (1996)

De um lado, o professor assume a responsabilidade individual pela qualidade de seu trabalho, atribuindo à vocação e ao prazer as possibilidades de realização da formação de novas gerações; por outro, considera-se portador da não qualificação para a realização do mesmo trabalho, consequência das condições e da organização do mesmo, por parte do estado (Souza, 1996, p.133)

As representações que as professoras fazem do trabalho docente levam à visão de educar como “cuidar”.

significados associados à prestação de serviços pessoais a outros, mas os termos podem também ser empregados no sentido de empatia, carinho, respeito, atenção, proteção, compaixão ou compromisso com a comunidade (Carvalho, 1999, p.51).

Nota-se como este “cuidar” está relacionado à vocação e às relações de gênero, Carvalho (1999) baseando-se nos trabalhos de Chodorow (1990) e de Gilligan (s.d.), afirma que

As personalidades das mulheres são desde cedo formadas a partir das noções de relacionamento, ligação e “cuidado”, o que as levaria a sentir-se responsáveis pela manutenção das relações e pela prestação de serviços aos outros, características que seriam centrais em nosso conceito de feminilidade. Esse tipo de abordagem, portanto, tende a enfatizar os aspectos emocionais e a articulação entre feminilidade, mulheres e “cuidado”(p.52).

Fica visível para a professora Laura o quanto este cuidar é mais importante que o ensinar e o instruir:

...é o que me satisfaz, é vê-los crescer de uma maneira geral, não só sair lendo, escrevendo, ou dominando determinados conteúdos, mas crescer como pessoa, em tudo.( Laura)

Para Letícia

ser professora é estar aprendendo também, ensinando os alunos, aprendendo também com os colegas, com as crianças, é poder ajudar na vida de cada um,

contribuir de alguma maneira um pouquinho, é dar o carinho que muita criança, que várias crianças não tem. (Leticia)

As representações que Souza (1996) encontrou entre os professores que pesquisou demonstram, segundo a autora,

um constrangimento ao falar que professor transmite conhecimento. Tal constrangimento sugere um jogo semântico. Falam de orientação, troca de experiências, lançar idéias, ouvir, debater, socializar reflexão (p.95).

Há múltiplas compreensões do que é ensinar. Leticia compreende a docência como ensino, enquanto para as outras professoras é “levar conhecimento”, “dominando conteúdo”. Laura e Fernanda em nenhum momento falam em “ensinar”, o que, apesar de tão comum entre as falas dos professores, pode parecer estranho, visto que esta é a principal tarefa do professor: ensinar.

Almeida (1986) na pesquisa sobre redações de professores candidatos em um concurso público, encontrou o verbo *ensinar* no sentido negativo apenas, na frase “ninguém ensina nada a ninguém”. Explica que os professores não falam em ensinar por ser considerado coisa do passado, por não ser uma tarefa valorizada atualmente.

Qualquer pessoa poderia ser professor de qualquer disciplina, já que os conteúdos não contam e a aprendizagem acontece, automaticamente, num relacionamento de amizade, de amor entre professor e aluno (...) valorizam tanto o amor, a amizade, o carinho, que parece não fazer mais sentido a afirmação de que, para lecionar uma disciplina, é preciso tê-la estudado, ou mesmo ter estudado qualquer coisa. Basta *amar, doar-se, e compreender, caminhar lado a lado, caminhar de mãos dadas*, e outros lugares-comuns, usados sem a menor parcimônia (Almeida, 1986, p.145, grifos do autor).

Como diziam Esteve (1999) e Almeida (1986), parece bastante conveniente à classe dominante que os professores assim se vejam, como os que não têm mais obrigação de ensinar, pois desta maneira continuará a existir este ensino elitista, que segrega e mantém o *status quo*. Faz-se necessário que o professor atente a seus objetivos e conceitos sobre educação, pois suas representações são reflexos da situação em que vive como profissional, e enquanto não declarar o valor que tem, este não será reconhecido pelos outros.

Já é hora de se promover a recuperação do professor mesmo: daquele que ensina, sem epítetos pomposos, sem metáforas. Daquele que, por acreditar possível e necessário ensinar, prepara-se, conveniente e constantemente, para isso, procurando tanto dominar os conteúdos e as maneiras mais eficientes de transmiti-los quanto conhecer o aluno. Daquele que, consciente de sua competência profissional, em o direito de reivindicar condições de trabalho, prestígio, status, reconhecimento, salários (Almeida, 1986, p. 150-151).

Este capítulo pretendeu analisar as representações construídas por estas quatro professoras sobre a profissão docente. A organização e as condições de trabalho interferem nestas representações, assim como as representações construídas por outros sujeitos sociais sobre ser professor e as próprias concepções que elas já construíram sobre família, escola e ensino. Também é relevante para a construção destas representações, as experiências que vivem e as relações que mantêm no ambiente de trabalho.

## Considerações Finais

A partir das investigações em uma escola municipal de ensino fundamental sobre as trajetórias profissionais e de formação de quatro professoras, foi possível compreender as representações do trabalho docente construídas por elas a partir de suas vivências dentro da escola e abrir possibilidades para pensar as representações dos professores de um modo geral, respeitando as singularidades de cada experiência.

Para os professores, de modo geral, a compreensão de si mesmos como profissionais não existiu desde o surgimento da profissão, esta só foi possível depois de muita luta e reivindicação dos mesmos. No entanto, atualmente este pertencimento à profissão – como um espaço de atuação portador de legitimidade na transmissão de uma cultura – parece abalado, resultante de mudanças nas condições e relações de trabalho no campo da educação. Essas mudanças constroem a concepção de que os professores não são mais valorizados (como parecem ter sido em determinados momentos históricos), que não gozam das mesmas condições econômicas, de condições de trabalho e de prestígio na sociedade.

Há uma ambigüidade encontrada na profissão docente que a aproxima tanto do proletariado como dos profissionais. O trabalho assalariado dos professores e a pouca autonomia sobre a organização do trabalho docente os aproxima dos trabalhadores em geral. Por outro lado, a especialização num campo de conhecimento (a educação), a formação para o exercício desta profissão, a legitimidade (dada pelos diplomas, pelos concursos, pela licença) para ensinar os aproxima dos grupos profissionais.

Muitas das aproximações com a classe trabalhadora são resultado das diversas mudanças que a educação vem sofrendo a fim de se adaptar às mudanças da sociedade em geral. As novas formas de se encarar a educação, os novos objetivos visando a formação para o mercado de trabalho, a abertura ao voluntarismo, trouxeram mudanças significativas à profissão docente, inclusive nas expectativas da população quanto à escola. As professoras entrevistadas informam que estas novas exigências para a educação interferem e formam para a inserção no mercado de trabalho. As relações afetivas, educacionais, formativas parecem se construir, nos depoimentos, contradições no exercício da profissão de professor.

Muitas mudanças também decorreram das relações de gênero que a permeiam, principalmente por conta de uma feminização docente e conseqüentemente pelas concepções da sociedade sobre mulher, ensino e maternidade. As relações postas entre estas concepções e a visão subalterna construída sobre a mulher afeta, de início, a remuneração e valorização de seu trabalho. Logo, uma profissão majoritariamente feminina acaba sofrendo as conseqüências, a desvalorização social, indiferente de ser realizada individualmente por homens ou mulheres. Como o salário é a parte mais visível desta desvalorização, não poderia passar despercebido pelas professoras, que questionam não só um salário mais coerente com as diversas funções que desenvolvem dentro da sala de aula e as responsabilidades que lhes são dadas, mas também reivindicam mais respeito a elas, como professoras, e a profissão como um todo.

A análise das entrevistas das quatro professoras destacou a relação entre escolaridade dos pais e dos maridos das mesmas. As professoras casaram-se com homens cuja escolaridade eram iguais as de seus pais ou um pouco superior. O capital cultural e social transmitidos pelos pais interferem nas “escolhas” dos filhos, inclusive na escolha dos cônjuges. Duas das professoras são oriundas das camadas populares.

As professoras tiveram sua formação inicial para o exercício na docência em escolas de nível médio, o antigo normal, ou habilitação específica para o magistério. A graduação em Pedagogia é resultado, para três delas, de uma pressão da legislação educacional que exige nível superior aos professores que ministram aulas às séries iniciais do Ensino Fundamental, apenas uma professora buscou o aprimoramento profissional movida por interesses próprios.

Diferentemente as professoras percebem a relação entre condição sócio-econômica e escolarização, para algumas é a possibilidade de ascensão social, para outras, é manter-se na posição social em que se encontrava a família. Todas as professoras são efetivas e possuem relativa experiência no trabalho docente, o estágio é compreendido por elas como parte da formação e inserção na vida profissional.

Dificuldades foram encontradas pelas quatro professoras no início da carreira. Sentiam-se solitárias no trabalho docente, ressentiam-se da falta de apoio pedagógico para aprender a ser professora. Este aprendizado se deu com o tempo, com as experiências, na prática cotidiana da docência. O estudo e a busca constante pelo aperfeiçoamento faz parte do aprendizado sobre ser professora.

As mudanças ocorridas na escola pesquisada e na organização do trabalho nos últimos anos mostraram-se conflituosas para as professoras, as declarações das professoras sobre suas condições e organização do trabalho pedagógico evidenciaram quão precárias estas eram. As condições de trabalho interferem nas representações que elas constroem, na maneira como qualificam seu trabalho a partir das dificuldades que encontram para realizá-lo. Julgam-no difícil e cansativo e reivindicam uma maior valorização por parte da comunidade, dos administradores e também mais dedicação e respeito à educação e à escola como um todo.

Na reivindicação por uma educação escolar de melhor qualidade e pela valorização do trabalho das professoras, está contida a concepção de “cuidado” com as novas gerações. A noção de “cuidado”, de profissão que “cuida”, assim como a Medicina ou a Enfermagem, entre outras, apresenta também ambiguidades. De um lado, é formação de valores culturais nas novas gerações, portanto é portador de qualificação e exige condições de trabalho adequadas para seu exercício. De outro, é atributo de mulheres, ligado à maternagem, que desqualifica o trabalho docente. Tanto o prazer como a vocação são freqüentes formas de compensar os problemas e dificuldades encontrados na profissão.

As experiências vividas pelas professoras durante sua trajetória profissional, mesmo com ressentimentos, demonstram o prazer que sentem em ser professoras. Mesmo diante das dificuldades encontradas, as professoras dizem que gostam da profissão, que têm prazer em ensinar, principalmente relacionado às relações afetivas com os alunos, com seu desenvolvimento humano.

A realidade da escola mostra uma relação contraditória entre as condições de trabalho (a burocracia, os baixos salários), a desvalorização social e as mudanças na visão de educação, o que as fazem por vezes querer desistir da profissão. No entanto, as professoras acreditam na educação como transformadora da sociedade e como sendo (elas) agentes desta transformação. O prazer em ensinar, em ver as possibilidades de mudança na vida de seus alunos, a importância ainda dada à educação na formação dos cidadãos e um prestígio ainda existente, mesmo que remoto, na sociedade, as fazem também querer continuar, sentirem-se apaixonada pela educação e querer lutar por isto. A satisfação pelo trabalho bem realizado fazem com que “valha a pena” ser professora.

As representações construídas por estas professoras também indicam a contradição entre as concepções derivadas das condições de trabalho, que desvalorizam o trabalho docente e as concepções de que a docência é portadora de transformação das novas gerações. Essas representações, construídas socialmente expressam este movimento que ora valoriza e qualifica o trabalho, ora desvaloriza e desqualifica o mesmo trabalho. Expressa também o movimento de permanência (“vale a pena ser professora”) e de fuga (“não vale a pena ser professora”) da profissão. Quando qualificam seu trabalho como algo a mais que instrução, mas que também seja de formação e de cuidado, o fazem como qualificação ou valorização, tanto que uma das professoras acredita que ser mãe a qualificou para o trabalho.

As professoras valorizam o aspecto formativo e de cuidado, mas pouco é discutido o caráter instrutivo da escola, da educação e por consequência do professor. Elas demonstraram uma certa preocupação com a ampliação das responsabilidades dos professores frente à educação das crianças, a mudança da função docente, cujo foco é a formação moral e cidadã e pouco intelectual e de transmissão conhecimentos, porém não destacam com muita ênfase esta função do professor, a de ensinar.

Se as representações destas professoras dão algumas pistas, por menores que sejam, sobre como está a profissão docente no país, é preciso que os professores preocupem-se com quem estão formando e com o papel que estão desempenhando na construção ou reprodução da sociedade atual, para que possa lutar por sua valorização e respeito tão reivindicados.

A representações que estas professoras fazem de seu trabalho, como “difícil, cansativo, desgastante”, mas ao mesmo tempo, “é tudo, prazeroso e importante”, demonstra como é complexa e contraditória a sua construção. Para as quatro professoras, o trabalho é simultaneamente desqualificado e qualificado, deixando aparente a complexidade do mesmo. Não seria interessante pesquisar mais profundamente como melhorar as relações e condições de trabalho dos professores? Deixa-se aqui a possibilidade de novas pesquisas sobre a profissão docente.

## REFERÊNCIAS

 ADORNO, Theodor .W. *Tabus a respeito do professor*. In: ZUIN, A.A.; PUCCL, B.; OLIVEIRA, N.R. Adorno: o poder educativo do pensamento crítico. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

 ALMEIDA, Guido de. *O professor que não ensina*. São Paulo: Summus, 1986

ANTUNES, Ricardo, ALVES, Giovanni *As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital*. Educ. Soc., Ago 2004, vol.25, no.87, p.335-351. ISSN 0101-7330

 AQUINO, Júlio G. *A violência escolar e a crise da autoridade docente*. Cad. CEDES, Dec. 1998, vol.19, no.47, p.07-19. ISSN 0101-3262.

 ARENDT, Hannah. *A crise na educação*. In: Entre o passado e o futuro. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BANKS, Olive, *Aspectos sociológicos de la educación*. Madri, Narcea, 1983.

 BASSO, Itacy S. *Significado e sentido do trabalho docente*. Cad. CEDES, Abr. 1998, vol.19, no.44, p.19-32. ISSN 0101-3262.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Tradução de Lucy Magalhães, Petrópolis – RJ, Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Organizado por CATANI, Afrânio e NOGUEIRA, Maria A. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 (4ª ed.) ISBN 85-326-2053-1

BREUSE, E. *Identificación de las fuentes de tensión en el trabajo profesional del enseñante*. In: ESTEVE, J. M. Profesores en conflicto. Madri: Narcea, 1984. P. 143-161.

CABRERA, Blas e JIMÉNEZ, Marta, J. *Quem são e que fazem os docentes? Sobre o "conhecimento" sociológico do professorado*. Teoria & Educação, Porto Alegre, nº 4, 1991, pp. 190-214.

 CARVALHO, Marília P. de. *No coração da sala de aula :gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã / FAPESP, 1999.

 COSTA, Marisa C. Vorraber. *Trabalho docente e profissionalismo: uma análise sobre gênero, classe e profissionalismo no trabalho de professoras e professores de classes populares*, Porto Alegre, Sulina, 1995

ENGUITA, Mariano F. *A ambigüidade da docência: Entre o profissionalismo e a proletarização*. Teoria & Educação, Porto Alegre, nº 4, 1991, pp. 41-61.

\* ESTEVE, José Manuel. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Trad. Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: Edusc, 1999

\_\_\_\_\_. *Mudanças Sociais e função Docente*, In: Profissão Professor. Porto: Porto Editora, 1995.

FERNANDES, Rogério. *Ofício de professor: o fim e o começo dos paradigmas*. In: BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. (orgs.). *A Vida e o ofício dos professores: práticas educativas, culturas escolares e profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998

FIDALGO, Fernando S.; MACHADO, Lucília R. (Eds.). *Dicionário da educação profissional*. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação / FAE-UFMG, 2000.

\* FONTANA, Roseli A. Cação. *Como nos tornamos professoras?* Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2003.

GOBLE, Norman M., PORTER, James F. *La cambiante función del profesor*. Madrid: Narcea, 1980.

GRACIANO, Marília. *Homem-mulher: por que polarizamos os sexos?* Cadernos de Pesquisa, n.26, 1978, pp93-98

GRAMSCI, Antônio, *Cadernos do Cárcere*, vol.2, Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, 2ª ed. Rio de Janeiro, 2002, pp. 42-53

\* LAPO, Flavinês R. e BUENO, Belmira O. *Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério*. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/ 2003

LÜDKE, Menga, BOING, Luiz Alberto. *Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes*. Educ. Soc., Dez 2004, vol.25, nº.89, p.1159-1180. ISSN 0101-7330

\* LYRA, Jorge: *Docência: uma profissão? Estudo da representação social do professor com relação a sua profissão*.  
<http://www.proext.ufpe.br/cadernos/educacao/docencia.htm>

\* MEKSENAS, Paulo. *O lugar da ética no trabalho do professor*. Revista Espaço Acadêmico n.40, setembro 2004, mensal, ISSN 15196186, ano IV

MUSGRAVE, Peter W. *Sociología de la educación*, Barcelona, Herder, 1972

NÓVOA, António (org.), *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

\* OLIVEIRA, Dalila Andrade. *A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização*. Educ. Soc., Dez 2004, vol.25, nº.89, p.1127-1144. ISSN 0101-7330

✂ PUCCI, Bruno, OLIVEIRA, Newton R. de e SGUISSARDI, Valdemar. *O processo de proletarização dos trabalhadores em educação*. Teoria & Educação, Porto Alegre, n.º.4, 1991, pp. 91-108.

✂ RICCI, Rudá. *O perfil do professor para o século XXI – de boi de coice a boi de cambão*. Educ. Soc., abr. 1999, vol.20, no.66, p.143-178. ISSN 0101-7330.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira, MARIN, Alda Junqueira. *Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares*. Educ. Soc., Dez 2004, vol.25, no.89, p.1203-1225. ISSN 0101-7330

SAVIANI, Dermeval. *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*. In: *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Organizadores Celso João Ferretti ... (et al). Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, vol.16, n.2, 1990, pp. 5-19

SEGNINI, Liliana R. Petrilli. *Mulheres no trabalho bancário: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero*. São Paulo: EDUSP, 1998

SOUZA, Aparecida Neri de. *Sou Professor, sim senhor!: representações do trabalho docente*. Campinas, SP: Papyrus, 1996

\_\_\_\_\_. *Sou professor, sim senhor!: representações sobre o trabalho docente, tecidas na politização do espaço escolar*. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

\_\_\_\_\_. *A política educacional do Banco Mundial*. In: BITTENCOURT, Agueda Bernadete e OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. *Estudo, pensamento e criação*. Campinas: Graf FE, 2005.

ZUIN, Antônio A. S. *Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores*. Educ. Soc., ago. 2003, vol.24, no.83, p.417-427. ISSN 0101-7330.

ANEXOS

**Anexo 1 - Mapeamento dos Professores da Escola**

Professor/a <sup>1</sup>	Série	Tempo de magistério	Idade	Período de trabalho
D	3ª	11 anos	30	Manhã
C	3ª	9 anos	29	Manhã
R	2ª	9 anos	33	Manhã
G	4ª	11 anos	39	Manhã
A	Ed. Física	10 anos	31	Manhã
A	2ª	12	31	Tarde
C	2ª	10	49	Tarde
J	3ª	7	33	Manhã
P	4ª	-	22	Manhã
L	4ª	-	35	Manhã
E	2ª	3	32	Tarde
S	1ª	9	42	Tarde
Q	1ª	3	22	Tarde
L	1ª	7	30	Tarde
K	Ed. Física	-	31	Tarde
R	4ª	-	60	Manhã
D	3ª	4	21	Manhã
S	2ª	28	53	Tarde
S	4ª	12	35	Manhã
S	4ª	15	36	Manhã
J	1ª	5	27	Tarde
V	2ª	7	27	Manhã
A	3ª	2	34	Manhã
E	4ª	-	-	Manhã
S	1ª	3	27	Tarde
R	1ª	-	-	Tarde
R	1ª	-	43	Tarde

Fonte: Ficha de Cadastro dos Profissionais, Secretaria da Escola, 2005

Obs.: - dados não disponíveis

<sup>1</sup> Os professores serão identificados apenas pela letra inicial do nome.

## Anexo 2

### Roteiro De Entrevista

1. Por favor, começando nossa entrevista queira dizer seu nome, idade e local de nascimento.
2. Você é casada? Tem filhos? Qual é a idade? O que eles fazem ou estudam? (*depende da idade para perguntar*)
3. Seu marido trabalha em quê? Ele estudou o quê?
4. Qual a profissão e escolaridade dos seus pais?

#### Trajetória escolar

1. E você, estudou o quê? Fez magistério? Fez pedagogia? Onde fez estes cursos? Era em escola pública?
2. Por que estudou magistério? (*se a pessoa fez o curso médio, pergunte por que*). Por que fez pedagogia?

#### Trajetória profissional

1. Você é professora concursada? Efetiva? Estagiária? Temporária (contrato)? Eventual?
2. Como decidiu ser professora?
3. Como foi sua entrada no magistério? (*explore se fez concurso, se por indicação, etc. peça as datas*) Há quanto tempo trabalha com educação? Início das atividades de trabalho, interesse pela docência (estímulos vieram de quem?) Como decidiu vir para o magistério? Onde começou a trabalhar como professora? Público ou privado, disciplinas? Séries? Há quanto tempo exerce essa profissão? Se teve outro emprego antes de vir para o magistério? Qual? Quanto tempo? Ingresso no magistério nesta escola (data)? Como foi este ingresso? Escolas nas quais trabalhou? Quanto tempo? Localização? Por que saiu (remoção ou demissão)?
4. Como foi o começo de seu trabalho como professora? Quais os problemas que enfrentava? Como os resolvia?
5. Quando achou que já sabia fazer o trabalho de professora? Como foi esta descoberta? Conte um pouco sobre sua história como professora.
6. Quais são as diferenças entre este seu começo e agora? O que aconteceu neste tempo todo que trabalha, o que mudou? Agora é melhor ou pior? Por quê?
7. O que você acha mais complicado, mais difícil no trabalho de professor?
8. Quais escolas e séries em que você trabalha atualmente?

#### Organização do trabalho do professor

Agora vamos falar um pouco sobre a organização de seu trabalho aqui na escola.

1. A que horas entra? E sai a que horas? Descreva um dia típico de seu trabalho, desde a hora em que acorda até a hora em que vai dormir. (*escolha um dia e pergunte para todos sobre o mesmo dia, tipo: 2ª feira como foi seu dia?*).
2. Quais são suas tarefas e atividades semanais aqui na escola?
3. Como é organizado o ano letivo? E o calendário escolar? Param para avaliar o que está acontecendo? Como é o trabalho da coordenação, recebe coordenadores de fora (secretaria da ed.)? como se dá isso as reuniões pedagógicas como são e quando, quais os assuntos que discutem, quem participa?

4. As reuniões são dirigidas por quem? Pela diretora? Pela coordenadora? Por uma professora?
5. Olhando o conjunto da escola, você acha que há diferenças entre quem trabalha aqui dentro? Quais são estas diferenças? (é diferença de posto de trabalho, de formação, de cargo que ocupa, de origem social, de cor, quais diferenças percebe?)
6. Os pais das crianças vem sempre à escola? Quando vem é para quê? São vocês que chamam, quais os motivos? Ou é espontâneo, quais os motivos?

#### Condições de trabalho

Como já conversamos sobre a organização do trabalho na escola, como são as condições de trabalho:

1. Como é sua jornada de trabalho semanal: quantidade de horas (*lá em cima era um dia típico, aqui retoma com o tempo de trabalho na escola*)?
2. Como é sua locomoção para a escola? Você tem carro/ ou vem de transporte coletivo? Qual? Quanto tempo demora de casa aqui? Onde mora?
3. Você se sente bem neste seu horário? Se pudesse gostaria de trabalhar em que horário? Por que?
4. Você se incomodaria em dizer quanto ganha? Dá para o que precisa para viver? Seu salário é o principal na sua casa ou é secundário?
5. Você trabalha com quantas crianças? Qual a idade delas? Como elas são? Origem social, família, os pais trabalham? Tem pais ou é só mãe? Quem vem para a escola buscá-los ou para as reuniões? Quais os problemas que elas enfrentam em casa, e aqui na escola?
6. As condições de sua sala são boas? É silenciosa ou barulhenta? No calor é muito quente ou é fresquinha? E no inverno como se passa? As crianças ficam muito inquietas com o calor? E com o frio? Com o barulho? Como se dá isso?
7. Você tem tido algum contratempo de saúde no último ano? Que tipo de contratempo?
8. Quando você volta ao final do dia para casa, consegue sair? Fica em casa? Faz o que? Por que?
9. Você acha que esta profissão suga muito nossa energia? Como você percebe isso? O que mais te cansa?
10. Alguma vez você quis ficar em casa, não veio trabalhar só para descansar?
11. Quais os problemas mais difíceis de seu trabalho (*pode repetir a pergunta pois agora está relacionada a saúde, talvez venha algo novo*)
12. Alguma vez você se afastou do magistério, da sala de aula, ou pensou em se afastar? Por que?
13. Leva trabalho para casa? Tem algum momento em que se desliga da escola, qual?
14. Vamos falar de coisas boas: seu lazer. O que faz quando não está trabalhando?
15. Qual foi o último filme que viu? (gostou?) E o último livro que leu? (gostou?)
16. Tem conseguido tirar férias, o que faz? Se não tira, quais são os motivos?

Na sua casa

17. O que mais gosta de fazer? (*Se for cozinhar, pergunte o que*)
18. Tem tempo para brincar com seus filhos? (*se tiver filhos*)
19. Tem tempo para namorar?

Agora para terminarmos nossa entrevista:

1. No seu trabalho o que te deixa mais feliz? O que te dá mais prazer?

2. No seu trabalho, o que te deixa mais triste? O que lhe traz sofrimento? O que faz nestes momentos?
3. Vale a pena ser professora?
4. O que *é ser professora*?

*Termina com esta (e com os agradecimentos):*

5. Se você pudesse voltar atrás, o que faria como profissão? Que curso universitário faria? Por quê?

## Anexo 3

### Entrevistas

#### Entrevista Laura

**S:** 16 de março de 2006, 13:35hs, Vinhedo. Por favor, começando a entrevista, diga seu nome, idade e local de nascimento.

**Laura:** Me chamo Laura, [nome completo] nasci em Campinas, dia 26 do dois de 1983

**S:** Você é casada?

**Laura:** Sim.

**S:** Tem filhos?

**Laura:** Não.

**S:** Seu marido trabalha em quê?

**Laura:** Ele trabalha na Ródia, como operador de campo.

**S:** Qual que é a idade dele?

**Laura:** 30 anos.

**S:** É... ele estudou o quê?

**Laura:** Fez ensino médio e hoje ele cursa nível superior.

**S:** Qual a profissão e escolaridade dos seus pais?

**Laura:** Meu pai tem superior incompleto e ele é pastor. E minha mãe é, ela tem ensino médio completo e ela trabalha na área da assistência social.

**S:** Jôia. E você, estudou o quê? Fez magistério? Fez pedagogia? Onde que você fez este curso? A escola era pública, privada?

**Laura:** Eu fiz magistério na escola pública, na escola Carlos Gomes em Campinas e fiz Letras na Unip, também, em Campinas.

**S:** Por quê que você estudou magistério?

**Laura:** Foi engraçado, eu não escolhi não. Minha avó passou na frente da Escola Carlos Gomes e viu que "tava" tendo vaga, e tudo que ela queria era fazer magistério. Eu tinha feito vestibulinho no Etecap pra química, aí eu não passei e tinha que ir pra uma escola à noite e meu pai não queria. Aí minha vó viu as vagas, entrou e falou pra eu ir lá no outro dia. Daí eu fui. Fiz matrícula. Firme de que eu faria o primeiro e o segundo ano e no terceiro eu iria embora. Aí eu tive psicologia no segundo ano e os professores começaram a falar que eu levava jeito pra coisa: "Você leva jeito. Você leva jeito". Eu falava: "Não, vou sair. No ano que vem eu saio". Aí uma professora me convenceu, eu não lembro o nome, de que eu deveria fazer pelo menos o terceiro ano. Aí eu fiz, comecei ter Didática, comecei fazer estágio e me encantei. E fiquei.

**S:** É... Como que você decidiu, então ser professora? Foi aí?

**Laura:** Foi. Foi quando eu fiz estágio, na verdade, que eu achei, assim, que era um mundo a ser explorado. E me encantou e eu decidi.

**S:** Como foi sua entrada no magistério? A dar aulas, né? Há quanto tempo você trabalha com educação?

**Laura:** Olha, eu entrei em 2003, já aqui em Vinhedo, então, em anos, faz 4, né. E antes eu não tinha lecionado em lugar nenhum, foi o meu primeiro emprego.

**S:** O interesse por dar aulas veio, então, nessa escola, com os professores lá, com o seu estágio?

**Laura:** Foi.

**S:** Alguém de casa ...

**Laura:** Minha família é de professores, né. Meu pai lecionou na Fumec, minha tia é formada no magistério e minha avó é aposentada pela prefeitura, então na verdade todos eles me incentivaram, eu que não queria, assim. Mas depois, sei lá, descobri o mundo. Foi bem assim, foi um encanto. E aí eu fiquei.

**S:** É..., você começou trabalhando aqui em Vinhedo? Com que série você começou?

**Laura:** Com terceira

**S:** Terceira. Você dava aula pra todas as séries?

**Laura:** Polivalente.

**S:** Polivalente. Você teve outro emprego antes de vir para o magistério?

**Laura:** nenhum.

**S:** Como que foi, aí então, o ingresso nesta escola, em 2003, quando você começou a trabalhar? Como professora?

**Laura:** Ao mesmo tempo que eu me encantei. Assim, que eu gostava do que eu fazia, eu levava um choque a cada dia, com a realidade. E a minha turma era extremamente peralta, então... né, mas o pessoal apoiou, eu tive um apoio muito grande de coordenação, de colegas mesmo, e eu fui me adaptando, tal, foi tranquilo, foi tranquilo.

**S:** Que escolas que você trabalhou?

**Laura:** Só no Dom Mathias.

**S:** Quanto tempo, então?

**Laura:** 4 anos.

**S:** 4 anos. No começo do seu trabalho como professora, quais os problemas que você enfrentou? Enfrentava?

**Laura:** Ai, Em relação assim, a tudo, a disciplina? Pra mim o que mais me doeu foi a indisciplina, eu não sabia criar meios, sabe? De, de controlar a situação, sei lá, não entendia porque que eu sempre pegava a sala horrível.

**S:** Como que você lidou com isso, como você resolveu esse problema?

**Laura:** Ó, foi bem a, com a ajuda da psicóloga da escola. Criou-se um meio, né, e ela entrava na minha sala e me ajudou a montar um projeto e eu fui trabalhando em cima do projeto, que era um projeto de, de trabalhar limites. Eu tinha uma turma muito madura pra essa 3ª série, então aí tinha a sexualidade aflorada, e era complicado, porque tinha que dar conta do conteúdo, tinha que dar conta da indisciplina, de tudo. Foi o meu maior problema. Meu maior problema, me [?] muito, muito. Aí depois com a ajuda dela, mais ou menos agosto, a coisa começou a acalmar, mas engraçado que era, de todas as turmas que eu tive, foi a mais amorosa comigo. Não sei, eles criaram um vínculo, assim, de afeto, que também esse afeto foi o que me fez controlar a situação. Maior problema mesmo, foi a indisciplina.

**S:** Tá bom. Quando achou que já sabia fazer o trabalho de professora?

**Laura:** Ai, eu acho que não sei até hoje. ... eu não sei porque, é sempre um desafio. Eu nunca repeti a série, pra ficar dois anos com a mesma turma, então todo ano é um... negócio né, tem que pesquisar, tem que fazer tudo. Então acho que até hoje eu não sei. O que eu entendi é que existe um caminho e que todo ano eu tenho que pesquisar e descobrir qual é o caminho pra aquela turma. Pra não dizer que, na verdade, esse ano eu to repetindo, né, mas seguidos eu nunca fiquei. E esse ano, mesmo repetindo segunda, é tudo novo. Eu acho que eu não sei, ainda, tô em constante aprendizagem.

**S:** Esse ano você tá repetindo...

**Laura:** A segunda série.

**S:** Que você já trabalhou? Tá. Conta um pouco sobre a sua história como professora. O que você gostaria de dizer. De como que foi o processo... suas experiências...

**Laura:** Olha, o que eu mais gosto e o que eu mais me apego é com o poder fazer algo novo. É aí o que me, me chama atenção na profissão. Eu acho que a criança sempre tem algo que você pode descobrir. Então, eu acho que, de toda a minha história o que mais agrada é conseguir criar esse vínculo, e fazer com que eles caminhem dentro disso, né. Tive muitas experiências, por exemplo, quando eu peguei uma segunda série eu tive crianças problemáticas demais em comportamento. Tinha um deles que ele chegou um dia e falou que ele não queria mais a mãe dele, que ele não gostava da mãe dele. Foi uma coisa que me chocou profundamente, porque eu nunca tinha ouvido uma criança falar que não gostava da mãe e ele falou assim que, se os pais separassem ele queria o pai, ele jamais queria a mãe. E Aí eu fiquei intrigada com aquela história e fui atrás e aí descobri que era porque os pais discutiam na frente dele e um dava valor pro filho, e era o pai, então ele brigava com a esposa. E foi engraçado que eu tive coragem, assim, e chamei a mãe e perguntei se era verdade. E ela falou que era. E eu chamei o pai e falei que ele estava errado. E depois no final do ano eles vieram os dois agradecer, assim, "obrigada professora, a gente entendeu que estava errado, que agente não podia fazer aquilo" e a mudança dele foi incrível. Ele era um repetente de primeira, veio pra segunda, fraco, assim, e depois de todo esse acordo meu com os pais, com ele, ele deslanchou e foi aprovado, e não reprovou mais,

né, foi de segunda pra terceira e de terceira pra quarta. Eu acho que de todas as experiências que eu tive, essa foi, por conta dos pais, da gratidão dos pais, mexeu muito comigo, muito mesmo. Tive outros problemas, né, assim, como, de fumar... o Caio (?), o Caio nessa mesma série começou a fumar, e eu tive criança vendendo peixe por pato, e muitas experiências relacionadas à sexualidade, com coisas de ter que... mesmo, assim. Muito porque a família era ausente, a grande parte das minhas experiências vieram porque as crianças não tinham a família presente, não tinha quem ia atrás, descobrir, interrogar pai. Teve um outro caso de um menino que era bem parecido com, com do pai do outro caso né, que era de brigas, mas na verdade esse, ele apoiava o erro do filho, ele nem brigava com esse outro, mas ele apoiava. Então se o menino chegasse em casa e ele não quisesse lavar o uniforme, ele não precisava lavar, porque ele era o homem da casa, mas a irmã tinha que lavar o dela e o dele, então dentro de sala de aula ele achava que ele mandava, e ele era um ponto negativo, assim de influenciar muita gente. E foram muitos, assim, seria..., acho que eu tive poucos anos e grandes experiências, relacionadas sempre à indisciplina, sempre tive muita, sei lá, se eu tive [?, incompreensível]

**S:** E você vê uma evolução, um caminho, do princípio até hoje, assim como é que foi caminhando, no seu trabalho?

**Laura:** No meu amadurecimento?

**S:** Sim.

**Laura:** Eu acho que a gente começa a ficar mais fria e começa a separar um pouco do pessoal porque a princípio a gente quer resolver o mundo, a gente começa a entender que algumas coisas, infelizmente nós não poderemos fazer e aí a gente relaciona melhor e lida com o problema melhor. Porque na verdade, eu levava as coisas pro pessoal, assim eu ia embora chorando, eu ficava desesperada, então, se eu fosse no âmbito geral eu acho que o grande foco seria eu trabalhar a família.

**S:** Você acha que essa é a diferença entre o começo e agora, da sua profissão? Que outras diferenças você vê, do começo e hoje? Do que você faz hoje na escola.

**Laura:** Olha eu acho que a grande diferença é o meu próprio amadurecimento. Sabe, de olhar assim. E falar eu não faria isso mais, eu talvez não me envolveria tanto dessa maneira, por mais que hoje, é, são experiências de gratidão, eu sofri pessoalmente, por coisas que, algumas não deram certo, algumas famílias não mudaram como a família daquele caso que mudou. Então assim, eu acho que a gente assume um papel e eu amadureci, hoje tentando olhar, assim, talvez, não é tão necessário ir a fundo.

**S:** E hoje é melhor ou pior?

**Laura:** Melhor, é melhor.

**S:** Por quê?

**Laura:** Abre um mundo, né. A gente começa a ter um pouquinho mais de confiança também, de saber, se eu vou por esse caminho ou eu não vou. Você começa a viver a experiência de, ver as experiências de outro colega, isso melhora muito. Na verdade eu sou favorável que cada ano que passa o ser humano melhora. E eu busco isso na minha vida, melhorar a cada dia, então hoje é muito melhor que 2003, muito melhor, muito melhor

**S:** O quê que você acha mais complicado, mais difícil no seu trabalho?

**Laura:** A falta de apoio em alguns momentos.

**S:** Apoio de quem?

**Laura:** Eu acho que, da direção em alguns aspectos. Assim, falta de recursos, é eu acho que de tudo, eu acho que o que mais pega é a falta de recursos. Você não consegue criar grandes coisas, fazer...

**S:** Recursos materiais?

**Laura:** Materiais. Principalmente hoje, eu acho que os recursos materiais eles, eles estão dificultando muito, muito, muito, muito, muito. É, a gente já não ganha grande coisa, certo. Então você cria uma coisa na sua mente e você não tem condições de executar, porque falta aquilo, falta aquilo outro, falta aquilo outro, então, assim, fica uma coisa pobre. Bom, e aí a gente é culpado de não fazer grandes coisas, só que na verdade você tem idéias, você não tem o meio. Então, e eu também não concordo de a gente entrar na era de começar a pagar pra que essas coisas aconteçam. Que nem, hoje eu me vi, hoje, tendo que usar um monte de coisa em

casa e imprimindo, coisas e coisas e coisas pra eu poder dar aula, que há dias que eu não consigo executar as coisas programadas porque não tem, [?] então acho que, de tudo, de tudo, a falta de recursos hoje, é o que mais tá pegando.

**S:** Atualmente você trabalha em qual escola e que série?

**Laura:** Segunda série, na escola [...].

**S:** Nenhuma outra escola?

**Laura:** Nenhuma outra escola.

**S:** Vamos falar um pouco agora sobre seu trabalho aqui na escola, na organização do trabalho, tá. Que horas você entra?

**Laura:** Às doze e quarenta e cinco.

**S:** E sai?

**Laura:** Dezesete e trinta e cinco.

**S:** Conta pra mim um dia típico, assim, descreva da hora que você levanta até a hora que você vai dormir. Por exemplo, Terça-feira.

**Laura:** Tá bom

**S:** O quê que você fez na Terça?

**Laura:** Olha, eu levantei, eu levantei e preparei aula, terminei de fazer matriz, aí vim pra cá. Na verdade eu pulei, né, eu fiz matriz, limpei casa e vim trabalhar. Aí eu voltei do serviço, eu corrigi aquelas atividades deles de matemática, aí eu fui a igreja, aí quando eu voltei da igreja, eu fiquei preparando a aula de ontem porque eu não teria tempo de manhã. E aí eu terminei de bolar todas as coisas e fui dormir era por volta de meia noite.

**S:** Tá jóia. Quais são as suas atividades ou tarefas semanais aqui na escola, o quê que você tem que fazer, toda semana...?

**Laura:** Tem que fazer semanário. Tenho que corrigir e preparar muita coisa, acho que só que eu me lembre, assim, de obrigatório, diário de classe, essas coisas de organização obrigatório do professor mesmo.

**S:** Como que é organizado o ano letivo? Você pode me dizer?

**Laura:** Ele não é organizado. Porque não há planejamento, então não é organizado.

**S:** E o calendário escolar?

**Laura:** Ah, ele chega de pára-quadras. E não se discute nada.

**S:** Vocês param pra avaliar o que está acontecendo na escola?

**Laura:** Não.

**S:** Como é o trabalho da coordenação? Vocês recebem coordenadores de fora da escola, ou é só o coordenador que está dentro da escola?

**Laura:** Até hoje eu nunca recebi alguém de fora.

**S:** Da secretaria da educação?

**Laura:** Até hoje não. E, tem o da escola, que vê as coisas no conselho de classe, somente.

**S:** Como que você descreve o trabalho do coordenador?

**Laura:** Eu acho que na verdade, ele não cumpre o papel de coordenar, talvez não por culpa dele, mas por ter tarefas demais, que não permitem que ele execute o seu trabalho. Em todos os anos que eu tô, eu não vi isso em um, eu vi isso em todos que já passaram. Elas recebem uma carga muito grande de coisas burocráticas para cumprirem e não conseguem atender o professor na sua necessidade, que é o que eu entendo que eles deveriam fazer, dar suporte e auxílio, ao professor.

**S:** Por exemplo...

**Laura:** Olha, sugestão na sua aula, se ele não concordou com algo que você deu, conversar com você sobre aquilo que está sendo dado, porque que ele não concorda que aquilo seja dado, trazer sugestões novas em cima daquilo. Isso que eu não vejo acontecer. Eu já vi, mas não é uma coisa, o que deveria ser sempre, acontece esporadicamente. É isso que eu vejo.

**S:** Como que se dá as reuniões pedagógicas? Como são, quando, o que se discute, quem que participa, quem preside?

**Laura:** São poucas as reuniões pedagógicas, né, na verdade. Mas, eu posso descrever o conselho de classe e série como uma reunião pedagógica? Na verdade não seria isso, seria? Bom, eu vou descrever um conselho. Quem participa são os professores, e toda a parte de

direção de escola e coordenação, né diretor, vice diretor e o coordenador. O que é feito? os casos mais graves são colocados para que todos discutam, não havendo esses casos, passa-se o que deve se cumprir, de notas e etc., fecha-se o material bimestral, como tarjetas, diários, não há grandes discussões na minha opinião não. É mais o básico mesmo.

**S:** E o HTPC, horário de trabalho pedagógico?

**Laura:** Também, ele é feito diretamente pelo coordenador.

**S:** Com que frequência?

**Laura:** Do coordenador?

**S:** Não, os encontros.

**Laura:** semanais, são semanais, uma hora e meia por semana, só professores e coordenador, e também na minha opinião de pouca discussões, muitos recados e nada assim, de grandes sugestões. Ontem eu até achei produtivo, né, porque nessa semana ele aconteceu ontem. A gente pôde montar os conteúdos mínimos, mas aí é aquela questão que eu digo, né, meio de março, tá trabalhando com os conteúdos mínimos, os conteúdos para o primeiro bimestre. Eu não acho que as coisas sejam tão organizadas, não, pra uma reunião de horário coletivo do professor.

**S:** Olhando o conjunto da escola, você acha que há diferenças entre quem trabalha aqui dentro?

**Laura:** Acho.

**S:** Quais diferenças, é de posto de trabalho, de formação, de cargo que ocupa, de origem social, cor?

**Laura:** A todas, todas.

**S:** Como você percebe essas diferenças?

**Laura:** Talvez eu não saiba te descrever detalhadamente. [?] talvez eu não saiba e talvez não possa também, mas eu acho que uma simples observação, um pode, outro não pode. Uma coisa meio, aquele faz, esse não faz, uma medida pra um, outra medida pra outro, eu acho que tudo isso envolve essas diferenças, não é simplesmente porque eu gosto ou não gosto, envolve essas coisas, não há o respeito mútuo.

**S:** Os pais das crianças vêm sempre à escola?

**Laura:** Não.

**S:** Quando vem é pra quê?

**Laura:** Quando convocado.

**S:** Se vocês chamam eles?

**Laura:** Sim.

**S:** Por que motivos vocês chamam um aluno, um pai de aluno?

**Laura:** Sempre, sempre, sempre é motivo da indisciplina. Raramente eu vi sendo chamado pra um elogio, pra uma conversa amigável e tal. E também pra orientação, né, então eu, eu classifico assim, há dois, há dois tipos de convocação: convocação para a indisciplina e para a orientação do professor em relação à dificuldade do aluno, são só esses dois tipos que eu vejo.

**S:** Dificilmente, então, o pai vem espontaneamente conversar aqui com o professor?

**Laura:** Dificilmente, dificilmente.

**S:** A gente falou do seu trabalho aqui, né, eu queria que você dissesse sobre as condições, como é sua jornada de trabalho semanal? Pensa na semana inteira, você descreveu pra mim um dia, como seria sua semana inteira de trabalho?

**Laura:** Quer que eu descreva?

**S:** Como você puder.

**Laura:** Tá, eu trabalho muito em casa, muito mesmo, na verdade eu diria que eu só venho aqui executar o que eu planejo em casa, por um problema [?], não é porque eu gosto não, porque não há meios de se fazer isso dentro da escola. Então, de segunda é sempre aquela coisa, porque passou o fim de semana, aquela correria, tem que planejar a segunda, aí você começa a aula na segunda e a coisa vai encaminhando e corrige pra fazer isso. Então, resumindo eu diria que ela é de muito trabalho, muito trabalho mesmo, eu fico em casa de manhã, e em vez de se preparar aula cedo, como foi na terça e chegar à noite ter que corrigir, porque se deixar acumular depois não dá conta, que a gente não tem um horário livre dentro da escola pra fazer isso, tá, é uma semana muito puxada.

**S:** Tá. Qual a sua locomoção pra escola? Você vem de carro, de transporte coletivo?

**Laura:** Eu venho de carro.

**S:** Quanto tempo você demora?

**Laura:** De carro dá 15, 35 minutos.

**S:** Onde você mora?

**Laura:** Eu moro em Campinas, num bairro chamado Contry Ville, na região do Campinas Shopping.

**S:** Você se sente bem neste horário de trabalho?

**Laura:** Gosto, gosto sim, tranquilo.

**S:** Se pudesse, gostaria de trabalhar em outro horário?

**Laura:** Eu voltaria pra manhã, por achar que o tempo passa mais rápido e que eu teria mais tempo livre em casa, uma vez que eu já faço tanta coisa em casa. Mas também não que eu seja assim, [?] que eu seja infeliz nesse horário, não, eu gosto. Eu reforço que eu gosto desse horário da tarde porque eu não estudo mais, e os meus estudos daí, hoje eu consigo controlar, se eu estudasse diariamente, eu acho que esse horário é horrível, porque ele não permite que você tenha uma vida pessoal, você vive pra o trabalho e pra os estudos. E aí, nesse aspecto eu acho que o horário da manhã te favorece, porque ele é mais longo, por mais que se tenha o mesmo tanto de tarefa, você consegue se organizar melhor. Eu digo porque foi assim comigo, quando eu estudei eu trabalhei de manhã e eu sentia mais pronta, mais disposta pra tudo que eu executava, mas é tranquilo, dá pra levar esse horário sim.

**S:** Você se incomodaria em dizer quanto ganha?

**Laura:** Não. Olha eu sei que líquido sai mil e quarenta e sete.

**S:** Dá pra o que você precisa pra viver?

**Laura:** Não.

**S:** Seu salário é o principal da casa ou secundário?

**Laura:** É secundário.

**S:** Principal é do seu marido?

**Laura:** Mesmo sendo [?].

**S:** Você trabalha com quantas crianças?

**Laura:** Trinta e cinco.

**S:** Que idade elas têm?

**Laura:** De oito..., eu tenho um com doze anos.

**S:** Como elas são, origem social, família, os pais trabalham? Se é, pais separados, se vive só com a mãe? Quem vem buscá-los, quem vem às reuniões? Quais os problemas que elas enfrentam, assim, no geral?

**Laura:** Ó, no geral eles são de renda baixa, classe baixa né. em relação a pais separados, há um grande número, um grande número mesmo, essas coisas de reunião, aí vai de quem está disponível e a frequência é pouca, então se tem 35 vai vir a uma reunião, com uma média bem freqüentada, 20, 22 pais, a gente tem sempre aí uma média de 10 a 12 pais que não comparecem. Elas também não vão embora, na sua grande maioria, acompanhados dos pais, vão pelo ônibus que é fornecido pela prefeitura, ou, e algumas sozinhas tá, as que moram mais próximas da escola vão embora sozinhas.

**S:** E vem também pra escola com o mesmo transporte?

**Laura:** Com o mesmo transporte, e quem vem sozinho, também sozinho.

**S:** Sobre a classe social dos pais, a maioria trabalha?

**Laura:** Sim, na grande maioria os pais, o pai trabalha e a mãe é do lar, né. em alguns casos a, as mães, que são mães e pais, saem pra trabalhar para o sustento dos filhos. Mas a grande maioria, os pais.

**S:** As condições de sua sala são boas?

**Laura:** Em que termos?

**S:** É silenciosa ou barulhenta? No calor é muito quente ou é fresco? E no inverno é muito frio? Se as crianças se agitam com o calor ou com o frio? Se tem o barulho?

**Laura:** A minha sala é quente, né e com a ausência da cortina [risos], é pior, muito pior. Mas as crianças, elas, esse ano é o primeiro ano que eu pego uma classe mais silenciosa, eles são tranquilos eles se agitam muito com chuva, que ainda eu não entendi o porquê, mas é só mudar

o tempo que o negócio muda dentro da sala de aula. Eu não sei como será o inverno, né, porque nós estamos num ambiente novo, então eu não tenho noção, se for um inverno com sol, vai ser ótimo, nós vamos ficar muito bem aquecidos, porque o sol é... o nosso presente.

**S:** Você pode descrever melhor isso que você disse, um ambiente novo.

**Laura:** Posso, nós mudamos de unidade escolar, com o mesmo nome, nós mudamos de prédio. O prédio é maior, mais espaçoso, mas eu não sei se às vezes ele é tão aconchegante. Eu acho que o espaço dele me falta algo como o aconchego. Eu fiz uma pesquisa com as crianças sobre a escola nova e a escola velha e o que chamou a atenção deles foi o espaço, mas nenhum deles se referiu à beleza, entende, que é encantador, que chama atenção, que nada. Então, o espaço é uma coisa que encantou, eu particularmente acho que falta um toque de deixar as crianças acolhidas, e nessa mesma pesquisa eles reclamaram muito, muito, muito da falta de, da organização de entrada e saída, ela foi feia em casa, então eu acredito que tenha junto a opinião dos pais, mas a grande maioria das crianças falaram que um pisava no outro, eles mesmos reclamaram do que eles fazem. Pra mim foi um ponto muito positivo, porque pelo menos eles estão percebendo o que está acontecendo ao redor deles.

**S:** Ainda quanto à situação da sua sala, é, você disse, é, a turma que você está é silenciosa, e quanto aos sons externos?

**Laura:** Facilmente eles se dispersam.

**S:** Há barulhos?

**Laura:** Há. Não um grande barulho eu diria que um barulho normal, por conta dessa distancia que há entre uma sala e outra, então a gente não é tão influenciado, em outras, outro, no outro prédio éramos sim, muito prejudicados em relação aos barulhos externos.

**S:** Você tem tido algum contratempo de saúde no último ano?

**Laura:** Eu tive sim.

**S:** Qual?

**Laura:** Problemas intestinais, e disseram-me que muito relacionado ao emocional. Eu tive uma crise muito grande do mesmo problema quando eu entrei na rede, em 2003, eu tenho o que esse chama de gastroendriocolite, né, que é um vírus e eu tenho uma cólica [?] parecida com uma cólica de rim. Aí o ano passado eu tive algumas dores, nada de crise, e esse ano eu já tive uma virose, que o médico também disse que ela pode ser relacionada ao emocional, então, acho que toda essa mudança causa isso, agora de saúde mesmo, [?] não, sempre essas coisinhas.

**S:** Quando você volta ao final do dia pra casa, consegue sair?

**Laura:** Às vezes não.

**S:** Fica em casa, faz o quê então, porquê?

**Laura:** Ah, a minha vontade é deitar, de canseira, canseira que eu chego, engraçado que a gente trabalha só meio período, mas acho que vale pelas oito horas de um outro trabalhador. Tem dias que eu até tenho o que fazer fora de casa, sabe, mercado, açougue, eu não tenho coragem.

**S:** Você acha que essa profissão suga muito a nossa energia?

**Laura:** Muitíssimo.

**S:** Como você percebe isso?

**Laura:** Com o meu esgotamento, eu saio de casa hiper animada, cheirosa, tomada banho. Aí eu chego cansada, fedida [risos], com o cabelo todo desarrumado, falo: meu Deus eu não tô vindo do meu serviço. E eu não percebo durante o período que eu tô ficando naquele estado. Então assim, é tão sugador, é tão corrido, que você não se nota. Que ali querem a sua atenção, e você quer dar o melhor, e vai dar, quando você chega em casa, assim, some, acabou o seu dia, você fica horrorizada com o seu estado físico, várias vezes eu já me olhei no espelho e falei: eu não acredito que eu vim embora nesse estado. Então...

**S:** O que mais te cansa?

**Laura:** O que mais me cansa? É, é por exemplo ter um planejamento e não conseguir executá-lo e ter que improvisar porque eu não consegui executá-lo, bem por falta dos meios. Eu faço tudo, é diferente a canseira, ontem eu dei um dia legal de aula, então eu consegui fazer várias coisas e à noite eu estava cansada, mas ao mesmo tempo realizada. Naquele dia que eu programei, planejei, cheguei aqui, não funcionou aqui, não funcionou aqui outro e aquilo quebrou e... olha é um desastre.

**S:** Alguma vez você quis ficar em casa, não veio trabalhar só para descansar?

**Laura:** Ahã, várias vezes. Na verdade eu nunca cheguei a faltar, sabe, a dar a falta. Sabe, aquela vontade assim, hoje eu não vou porque eu queria ficar o dia inteiro deitada no sofá assistindo televisão, fazendo nada. Já tive muitas vezes essa vontade, desejo.

**S:** Quais os problemas mais difíceis de seu trabalho?

**Laura:** Eu cito de novo a indisciplina, essa não organização dificulta muito porque a gente não sabe o caminho certo a tomar, por ser uma unidade, nós tínhamos todos que caminhar num mesmo caminho e às vezes não é o que eu percebo, então é isso que me dificulta muito. Tem dia você percebe que você tá aqui, o outro colega tá em outro lugar, a culpa não é nem sua e não é nem do colega. A culpa é que não houve um planejamento, não houve um norte pra todo mundo caminhar no mesmo sentido, então a indisciplina e essa falta de organização, a mim prejudica muito, me cansa.

**S:** Alguma vez você se afastou do magistério, da sala de aula, ou pensou em se afastar? Por que?

**Laura:** Eu nunca me afastei. Se eu falar que eu nunca pensei, eu to mentindo, mas também foram sempre pensamentos rápidos, nunca que perduraram dias ou semanas ao ponto de eu pensar de correr atrás. Então, há um pensamento, mas nunca uma coisa de “eu vou atrás, eu vou me afastar porque eu não agüento mais”, ainda não.

**S:** Você leva trabalho para casa?

**Laura:** Constantemente.

**S:** Tem algum momento em que se desliga da escola?

**Laura:** Não, não. Meu Deus, eu até tento de fim de semana, mas é uma coisa, as vezes eu falho, se eu deixei um trabalho a terminar em casa, aí eu to lá no meu compromisso, ou lá no meu passeio, por um momento eu me desligo daquele ambiente e me volto lá, no que eu tenho que concluir: “o que eu vou dar e aquele fulano”, então é constantemente ligada, 24 horas do dia, porque eu já cheguei a sonhar com aluno né, então eu to dormindo e pensando nele.

**S:** Vamos falar de coisas melhores: seu lazer. O que você faz quando não está trabalhando?

**Laura:** Olha, eu amo ler, então eu leio bastante nessas horas vagas, não viajo muito, mas também [incompreensível] e tenho meus compromissos religiosos, que não é um lazer, mas é um momento muito diferente, que me traz alegria e satisfação, então de certa forma eu posso dizer que o prazer do lazer é o descanso, aquilo também me traz descanso, essa é uma das coisas que eu faço nas minhas horas vagas.

**S:** Que último filme você viu?

**Laura:** “O céu de outubro”.

**S:** Faz tempo?

**Laura:** Faz um mês.

**S:** Gostou?

**Laura:** Muito, muito, muito. É um filme, assim, preferido do meu marido, né, e a gente assistiu com um outro casal de amigos [?] muito interessante.

**S:** E o último livro que você leu?

**Laura:** O último livro que eu li foi “A ditadura da beleza e a revolução das mulheres”

**S:** Gostou?

**Laura:** Muito, ele faz uma crítica social sobre o padrão de beleza, que a gente não deve valorizar o magro.

**S:** Que jóia. Tem conseguido tirar férias, o que você faz nas férias?

**Laura:** Eu viajo, e leio tudo o que eu to querendo ler, mas por prazer, nada relacionado à escola, inclusive esse último eu li nas minhas férias, depois que eu voltei a trabalhar eu não consegui ler nada ainda. Até comecei, o do Chalita, o último lá, eu comecei o...

**S:** O menino..

**Laura:** “A ética do rei menino”. Comecei e não consegui concluir, por falta de tempo, porque eu me vejo tão entretida com o meu serviço, quando eu vejo eu não tenho tempo de fazer uma leitura seguida né, diária, de um livro que exige que eu sente, que eu gaste tempo ali. Então nas minhas férias, eu leio tudo que tá parado, eu li 5 livros, nenhum relacionado à escola, porque é o

momento que eu tento me desligar. Eu, eu tenho isso como meta, então eu saio de férias eu me desligo, porque se não eu acho que eu me pifo, né.

S: Na sua casa o que você mais gosta de fazer?

Laura: O que eu mais gosto de fazer? É ficar deitada no sofá, sabe, assistindo televisão, e se possível com o meu marido em casa [risos].

S: É, tem tempo para namorar, então?

Laura: De vez em quando né, a gente arranja. [risos]

S: Tá jóia. Pra gente terminar a entrevista. No seu trabalho o que te deixa mais feliz? O que te dá mais prazer?

Laura: É vê-los conseguir algo, assim, depois que eu criei os meios, certo, ver que eles aprenderam efetivamente. E não só na aprendizagem relacionada ao conteúdo, mas vê-los crescendo no pessoal, entende, ver a mudança da criança, sei lá, aprender ver o mundo de outras formas, aquele que não gosta de ler, se apaixonar pela leitura, a mudança de comportamento, começar valorizar o próximo, então, isso me dá uma satisfação, que na verdade é isso que me mantém na escola, é isso que me mantém. eu tive boas experiências também relacionadas a isso, principalmente à paixão de ler, que eu gosto de ler e eu procuro criar essa paixão neles, é o que me satisfaz, é vê-los crescer de uma maneira geral, não só sair lendo, escrevendo, ou dominando determinados conteúdos, mas crescer como pessoa, em tudo.

S: E, no seu trabalho, o que te deixa mais triste? O que te traz sofrimento? O que faz nestes momentos?

Laura: Olha é perceber que eu não alcanço algum aluno. Que todos os meios que eu crio, não vai, isso me decepciona, é, a palavra é decepção, porque por mais que eu saiba que eu não vou dar conta do mundo, que eu não vou dar conta, aquele ser ainda está sob a minha responsabilidade, então isso me frustra muito, sabe. E eu tenho tentado trabalhar em mim, pra que não vá demais, né, mas isso me magoa.

S: Vale a pena ser professora?

Laura: Vale em alguns aspectos, em outros não, eu acho que vale pelo trabalho que a gente tem feito, de verdadeiros cidadãos, acho que nós, os professores, essa classe ainda exerce um bom serviço de cidadania. Mas quando a gente pensa no que a gente ganha, na nossa desvalorização pela mídia, na nossa desvalorização pelos próprios pais em alguns sentidos, isso não vale não. Eu acho que de tudo, de tudo, de tudo, hoje eu vou dizer pelo que eu tenho sentido hoje, o salário tem mexido muito comigo, todas as outras profissões só se formarão se passar pela minha mão, um médico, ele vai ganhar três mil reais logo de cara, se ele não passar pela nossa escola, pela nossa mão, ele não vai ser médico, nem um engenheiro, nem um arquiteto, né, e eles todos vão ganhar mais do que nós, a profissão deles não é mais importante ou menos importante do que a minha, se a gente for pensar num grau de importância a gente passa na frente porque eles dependem de nós. Então, essa desvalorização não valeria a pena. Eu penso comigo que todos que estão no professorado ainda estão pela paixão, e por terem uma meta como pessoa, porque se fosse pensar em ficar rico, jamais estariam.

S: O que é ser professora?

Laura: O que é ser professora? É trabalhar em função do outro, eu digo pelo que a gente vem vivendo, não é nem uma frase minha, é o que a gente vivencia, a gente trabalha em função do outro. Às vezes com prazer, né, porque ninguém vem dar aula sem o prazer, mas hoje é isso.

S: Se você pudesse voltar atrás, o que faria como profissão? Que curso universitário você cursaria? Por quê?

Laura: É o curso seria o mesmo, apesar, eu fiz letras, né, como eu disse, eu não trabalho na área de língua portuguesa, mas o conhecimento de mundo que o curso me trouxe, eu faria de novo, faria de novo, na mesma época, assim, eu sou grata, foi um bom curso. E eu escolheria ser professora de novo, hoje eu escolheria, entendeu, escolheria. Eu gosto, apesar de todos os problemas eu gosto do que eu faço. Eu não sei por quanto tempo eu vou gostar, porque eu acho que todo mundo vai se desgastando pelos problemas da profissão, isso é uma das coisas que tem me entristecido, todo mundo entra com muita vontade e ninguém consegue terminar desse jeito, e isso é pela desvalorização.

S: Tá jóia muito obrigada pela sua entrevista.

**Laura:** De nada.

### Entrevista Fernanda

**S:** 23 de março de 2006, são uma e vinte e quatro da tarde, Vinhedo. Por favor, pra começar nossa entrevista diga seu nome, a idade e o local de nascimento.

**Fernanda:** Fernanda ...

**S:** A idade.

**Fernanda:** 29 anos

**S:** E o local de nascimento.

**Fernanda:** Valinhos.

**S:** Você é casada?

**Fernanda:** Sim.

**S:** Tem filhos?

**Fernanda:** Sim, dois filhos, um de sete meses e um de três anos e meio.

**S:** Seu marido trabalha em quê?

**Fernanda:** Mecânico.

**S:** Ele estudou o quê?

**Fernanda:** Fez até..., fundamental completo.

**S:** Qual é a profissão e escolaridade de seus pais?

**Fernanda:** Minha mãe, analfabeta, meu pai, analfabeto funcional. Não tem profissão, meu pai á aposentado e minha mãe, do lar.

**S:** E você, estudou o que, fez magistério, fez pedagogia, onde, se era escola pública ou privada?

**Fernanda:** Fiz magistério, numa escola estadual em Valinhos, Prof. Cyro de Barros Rezende, estou fazendo pedagogia, pelo Proesf da Unicamp, só.

**S:** Por quê que você estudou o magistério?

**Fernanda:** Porque, porque eu vi um cartaz, com um monte de alternativa, não sabia o que eu tinha que escolher, para fazer o colegial, fiquei analisando e vi que o magistério me favorecia mais, fugi da administração, porque cálculos não, não faz o meu gênero.

**S:** Tá. E a pedagogia agora, no Proesf, por quê que você tá fazendo?

**Fernanda:** Porque é uma oportunidade muito grande que eu tenho, agora nesse convênio com, da Unicamp com a região de campinas, é e vi uma grande oportunidade de poder tá fazendo, por ter filhos, por tudo, próximo da minha casa, não ter que ir até lá, sem contar no valor da mensalidade que não, que não preciso pagar.

**S:** Tá bom. Você é professora concursada?

**Fernanda:** Sou.

**S:** É efetiva?

**Fernanda:** Sou.

**S:** Como você decidiu ser professora?

**Fernanda:** Foi lá, olhei naquele cartaz, analisei, fiz a inscrição pro magistério.

**S:** Decidindo que seria professora?

**Fernanda:** Sim.

**S:** Tá. Há quanto tempo que você trabalha com a educação? Como foi a sua entrada no magistério, a entrada assim, a lecionar?

**Fernanda:** Quando eu estava fazendo o magistério, alguns, algumas pessoas, algumas escolas ligavam no Cyro perguntando se tinha alunas que queriam substituir, então eu me interessei, que aí seria uma grana a mais, e..., e aí eu aceitava esses convites de substituição, fiz um, não sei se cadastro, não sei como chama quando entra pra dar aula no estado, de eventual, não sei, não sei a palavra exata. E aí é que comecei, substituindo, substituí em várias escolas, semanas inteiras, porque era difícil né, na, no magistério alguém da minha sala querer substituir. E aí as pessoas até pararam de ligar na escola e começaram a ligar direto pra minha casa, pra eu ir.

**S:** Que ano que foi isso?

**Fernanda:** Noventa e quatro, noventa e três.

**S:** Como foi o início das suas atividades na docência, você tinha o incentivo de alguém?

**Fernanda:** Não, de ninguém.

**S:** Ninguém te incentivava?

**Fernanda:** Não.

**S:** Aí onde você começou a trabalhar como professora, eram escolas públicas?

**Fernanda:** Públicas.

**S:** Que séries, disciplinas, você lecionava?

**Fernanda:** Então, comecei como estagiária, só que nessa escola, era uma escola pequena de periferia, eu fazia meio que tudo lá, secretaria, biblioteca, cantina, sala de aula, e aí lá eu comecei dar bastante aulas, substituí uma licença maternidade, é, que se prolongou por seis meses, e foi lá mesmo, como estagiária.

**S:** E há quanto tempo então, você exerce a profissão?

**Fernanda:** Desde que eu comecei a substituir? 93.

**S:** E começou a dar aulas como professora, sem ser estagiária?

**Fernanda:** Em 99 que eu entrei aqui.

**S:** Você teve outro emprego antes do magistério?

**Fernanda:** Sim, fiz de tudo, é cortava linha, tirava linha de roupa, assim quando sobra, tirava, a gente chamava de limpar, limpava a roupa.

**S:** Onde?

**Fernanda:** Eram micro-empresas que tinham no meu bairro, que eu ia lá e ficava ajudando, não me lembro nem se, como recebia, sei que registrada não era. Entreguei panfleto na rua, trabalhei numa confecção costurando, que mais, fiz caixinha de madeira pra por fruta, montava caixinha, acho que é isso que eu me lembro.

**S:** Nessa escola quando foi o seu ingresso, no magistério aqui, no [nome da escola]?

**Fernanda:** Em 1999.

**S:** Como foi esse ingresso?

**Fernanda:** Aqui foi meio confuso, pra mim particularmente, porque tinha acabado de não ser classificada num concurso em Valinhos, estava muito frustrada, porque eu queria ficar na escola que eu já estava como estagiária. Fiz a inscrição aqui, mas não estava afim de, de fazer o concurso, aí meu marido ficou me incentivando e acabei vindo, meio sem vontade, meio por acaso, fiz, entrei, efetivei, foi meio até confuso.

**S:** E aí depois, assim, a entrada no magistério aqui em vinhedo, como foi, depois que você passou, efetivou, assumiu sua sala...?

**Fernanda:** A primeira sala que eu tive aqui foi meio, foi meio torturante até, peguei uma primeira série, como todo mundo que entra praticamente, só sobra primeira série, pra mim também sobrou uma primeira série, mas como eu estava em companhia de uma amiga, foi menos difícil. Mas eu estava com uma sala de quase oitenta por cento de reprova, então eram crianças com uma defasagem muito grande de idade, tinha crianças de seis anos e crianças de doze anos, então era uma diferença muito grande, não tive apoio nenhum da coordenação, que até muitas vezes, é, contradizia aquilo que eu estava falando, quando indaguei o motivo de tantas reprovadas juntas numa mesma sala até disse que não, que não tinha tantos alunos que, que haviam reprovado, então assim, por coordenação foi uma falha muito grande. Tudo que eu consegui vencer naquele ano foi em companhia da minha amiga.

**S:** Que outras escolas, então, você já trabalhou, onde que eram, quanto tempo você já trabalhou nestas escolas.

**Fernanda:** Não, eu entrei aqui no [nome da escola] em 99 e continuo até hoje.

**S:** A tá, quando, esse começo, então, como você enfrentou esse problema da coordenação? Foi esse o seu maior problema, no começo?

**Fernanda:** Foi, falta de ajuda. Porque eu não sabia o que fazer, com, com tantos, não problemas, mas com tantas dificuldades juntas, dificuldades de aprendizagem. Eu precisava de uma ajuda pra saber porque que eles tinham reprovado, o que, da onde partir com eles, eu nunca tinha pego uma primeira série, e aí então fui fazer cursos, curso de alfabetização, curso de matemática, curso de com o Dr. "Consil", é janelas de oportunidade, que, que falava de oportunidades cerebrais, janelas cerebrais, que podia, e até me ajudou um tanto foram esses

cursos de especialização que a prefeitura dava que eu fiz todos, e consegui ir me virando sozinha, eu e a Vanilda.

**S:** O problema que, o maior problema que você encontrou no começo seria esse, como enfrentar...

**Fernanda:** É, como enfrentar uma classe tão, é diversificada, sem ajuda nenhuma, ainda.

**S:** Quando você achou que já sabia fazer o trabalho de professora?

**Fernanda:** Ah, não acho que sei [risos], cada ano é um ano, cada problema é um problema, cada, cada dia na sala é um aprendizado, não sei não. Ainda não sei, e acho que nunca vou saber tudo, com ser uma professora completa.

**S:** Conta um pouco mais então da sua história de professora, desse caminho, desse percurso.

**Fernanda:** De aprendizado, quando eu entrei, nessa primeira série eu aprendi muito, muito, tamanho o aprendizado assim, sem fim. Por ser um bairro de periferia, um bairro menosprezado até, é, as crianças se apegam, se apegavam até mais, hoje eu vejo mais dificuldade nisso, se apegavam mais naqueles que, que davam um pouco mais do que “a professora”, de vir aqui, dar aula, pegar as coisa e ir embora, aquele que conversava, que procurava entender o que eles estavam sentindo e não o porque que eles estavam reprovando tanto, e aí eu fui crescendo com eles, entendendo onde que eu poderia atingir, como que eu poderia chegar até eles, e não é por meio de conteúdo, de mais e menos, de problema, de nada disso, foi mesmo na socialização com eles e aí quando eu peguei, o segundo ano que eu estava aqui em Vinhedo, peguei de novo uma primeira série, aí por vontade própria, e eu já tinha noção de onde começar. Acredito que eu tenha sacrificado muito as crianças, muitas, mas cada ano menos. Então nessa socialização, do tanto que eu conversava, do tanto que eles contavam, e aí eu começo a partir de, eu preciso saber como eles são, o que eles sentem, o que eles pensam pra poder começar meu ano, começar minha aula, [incompreensível] um monte de coisas agora, não consigo ser assim, por mais que, até psicóloga mesmo já me disse que eu tenho um limite, eu só posso chegar àquele limite, e eu não acredito, eu não acredito que seja assim. Às vezes você leva um caso pra direção coordenação, e você vê todo o seu trabalho indo por água abaixo, só sabe ver o lado escolar, o lado conteúdo, o lado humano não vê, não vai procurar saber como que é, o quê que ele tá sentindo naquele momento, pra estar agindo daquela maneira. Então eu levo, é com essas primeira séries que peguei, fui procurando agir mais pelo lado humano mesmo, das crianças pra poder tirar proveito disso.

**S:** Quais são as diferenças entre esse começo e agora? O quê que aconteceu nesse, todo tempo de trabalho, o quê que mudou? Agora é melhor ou é pior?

**Fernanda:** Tem o melhor e tem o pior. O pior acredito que tenha sido essa mudança toda que tenha tido de governo, de pessoas, entra um, um prefeito pensa uma coisa, faz uma coisa, entra outro prefeito, faz outra coisa, já é outra coisa que você tem que ficar correndo atrás. Mas eu melhorei muito, é, na parte crítica, eu passei a ser mais crítica, eu passei a ter pé mais firme nas coisas que eu penso e que eu preciso defender isso, porque até que me provem o contrário eu to certa ainda, e quando, que não, que aquilo que eu to pensando não é bacana, que aquilo que eu to pensando não é legal, que não vai dar, também aceito e aí aprendo mais uma coisa, mas passei a ser muito mais crítica e ter mais firmeza pra defender o meu ponto de vista.

**S:** Esse é o melhor?

**Fernanda:** Melhor.

**S:** O que você acha mais complicado, mais difícil no trabalho de professora?

**Fernanda:** Lidar com o burocrático. Totalmente, totalmente. Papelada, é, registro de não sei o quê, ficha de não sei lá o quê, e coisas que no fim não tem serventia, aí eu procuro tirar proveito disso também, procuro fazer de uma forma que isso venha a me favorecer de alguma maneira. Mas é totalmente burocrático, que em vez de, de vir pra estar ajudando, vem pra atrapalhar.

**S:** Atualmente você trabalha em que escolas, séries?

**Fernanda:** Escola [...], Escola Municipal [...], e estou com uma terceira série.

**S:** Só?

**Fernanda:** Só.

**S:** Vamos falar um pouco sobre a organização do trabalho aqui na escola. A que horas você entra?

**Fernanda:** Entro às oito, porque tenho um filho pequeno, to em licença, de licença amamentação, então o horário normal de funcionamento, né, o horário de aula é das sete até onze e cinquenta, mas eu cumprindo a licença amamentação entro às oito.

**S:** E sai?

**Fernanda:** Onze e cinquenta.

**S:** Descreve pra mim um dia típico do seu trabalho, da hora e que você acorda, até a hora que você vai dormir, por exemplo Terça-feira, o quê que você fez na Terça- feira?

**Fernanda:** Terça-feira. Você pegou um dia conturbado. Terça, levantei e troquei meus filhos, que não iriam pra creche, por que tinha passado mal um dia antes levei, meu marido levou pra casa da minha mãe. E eu vim pra escola, fiquei aqui até dez pra meio dia. Descrevo a sala? Atividades, recreio, intolerância, sinal. Aí fui, deixa eu ver, fui pra casa da minha mãe pra pegá-los e o meu menor estava com muita febre, dormiu um pouquinho e saí de lá era umas cinco e meia. Levei na pediatra, fiquei até sete e meia na pediatra. Passei no mercado, peguei alguma coisa pra janta, fui pra faculdade com as crianças levar o atestado pra professora que dizia que ia descontar meio ponto se eu faltasse. Fui até lá com eles, entreguei o atestado, conversei com ela, voltei pra casa já era mais de oito horas, é, jantamos, coloquei as crianças pra dormir por volta de nove e meia, e fui tomar um banho. Não consegui terminar nem esse banho direito, por conta da febre, fiquei acordada até meia noite, meia noite e pouco cuidando dessa, ninando, na verdade, meu bebê. E tive uma noite muito conturbada.

**S:** Esse não foi um dia típico?

**Fernanda:** Não.

**S:** Um dia típico seria, teria o que de diferente?

**Fernanda:** Eu passaria a tarde toda em casa, assistindo desenho, fazendo pipoca, brincando na rede, curtindo os meus filhos até eu ir pra faculdade e voltaria por volta de dez e meia.

**S:** Tá bom. Quais são as suas tarefas e atividades semanais aqui na escola? O quê que é certo na semana?

**Fernanda:** Toda semana. É de Segunda cumpro HTPC, da meio dia, a uma vinte, uma e meia, não sei ao certo o horário, uma hora e meia, acredito que até uma e meia, é nunca prestei atenção não no horário de saída, de segunda, só, não fico mais nada não.

**S:** Nos outros dias...

**Fernanda:** Não.

**S:** Dá aula normal?

**Fernanda:** Normal, tenho, tem o horário de educação física livre pra tá preparando minhas aulas, que são duas aulas de quarenta e cinco minutos por semana, e tenho uma na segunda e uma na quarta. Só.

**S:** Como é organizado o ano letivo? O calendário escolar?

**Fernanda:** O meu?

**S:** Da escola.

**Fernanda:** Bom, este ano, nós acabamos de receber xérox de um calendário escolar e pronto. Não opinamos em nada, reclamamos, mas não nos é dado ouvidos.

**S:** Vocês param pra avaliar o que está acontecendo, na escola?

**Fernanda:** Parar de fazer reuniões pedagógica, não. A gente se encontra no corredor, sala dos professores, um pouco antes do HTPC, um pouco depois. E agente acaba discutindo.

**S:** Como é o trabalho da coordenação?

**Fernanda:** Não sei não tenho contato com ela é dividido em três horário. E a pessoa que fica aqui, que é responsável pelo, pelo pedagógico é a vice diretora. Não tenho contato nenhum com a coordenadora.

**S:** A coordenadora é da escola ou é de fora da escola.

**Fernanda:** Como?

**S:** A coordenadora pedagógica.

**Fernanda:** É, é da escola.

**S:** É da escola, não vem nenhuma coordenadora da secretaria?

**Fernanda:** Não. Não, que venha aqui não.

**S:** Como se dá as reuniões pedagógicas? Os HTPCs? Como são, quando, que assuntos são discutidos, , quem participa?

**Fernanda:** Nossos HTPCs, são os únicos encontros, assim, que possa se dizer pedagógicos, mas na maioria das vezes são recados, discussões, pelo que falta, pelo que não falta, mas este ano mesmo, poucas vezes a gente conversou sobre pedagógico.

**S:** Quando são?

**Fernanda:** O quê?

**S:** Realizados os HTPCs.

**Fernanda:** De Segunda. E como são, é dividido em três grupos, fica meio difícil, por que até professores da mesma série eu não encontro. Então até o trabalho fica diversificado.

**S:** Quem que participa? Quem que dirige?

**Fernanda:** A vice diretora.

**S:** E aí participam as professoras?

**Fernanda:** Os professores, sendo dois de educação física.

**S:** Olhando pro conjunto da escola, no geral [Pausa na gravação para a professora atender o celular]. Olhando pro conjunto da escola, você acha que há diferenças entre quem trabalha aqui dentro?

**Fernanda:** Há.

**S:** Quais são essa diferenças?

**Fernanda:** Eu penso que são diferenças assim...

**S:** Diferenças de posto de trabalho, de formação, de cargo, origem social, cor?

**Fernanda:** Então, que há e lógico, de cor, de origem social, de, é lógico que há. Mas eu percebo que a diferença tá no olhar de cada um, poucas pessoas procuram saber se realmente há diferenças, então, ainda existem as diferenças óbvias, uma é mais alta, uma mais baixa, mais branca, mais morena, uma faz uma coisa, outra faz outra, mas a diferença de, ilusória é maior.

**S:** Você percebe estas diferenças?

**Fernanda:** Percebo.

**S:** Como?

**Fernanda:** Comentários, buxixos, futricas.

**S:** Os pais das crianças vêm sempre à escola? Quando vêm é ora quê? Vocês que chamam? É espontâneo? Por que motivo?

**Fernanda:** Dificilmente é espontâneo. Raramente é espontâneo, quando eles vem por interesse deles, algum interesse tem, ou porque alguém brigou, é pra defender mesmo, é, o seu ponto de vista. Porque brigou, é, aconteceu alguma coisa que desagradou, mas geralmente a gente que chama, nem sempre é correspondido, esse chamado é atendido, ele, a gente encontra muita dificuldade aqui. É, eu acredito que muitas vezes, nem por falta de vontade. Pra analisar, os pais trabalham de sol a sol, não tem um horário que beneficie a vinda deles à escola, então, fico meio entre, em cima do muro.

**S:** Pensando agora na organização de trabalho na escola, nas condições de trabalho, como é sua jornada semanal, quantas horas você trabalha a semana toda? Mais ou menos como você tinha falado das atividades da semana.

**Fernanda:** Eu trabalho, é meu horário normal são cinco horas por dia, mais uma e meia de HTPC, mas tenho quatro horas aula, por conta da licença, então dá vinte horas, mais uma e meia de HTPC.

**S:** Como é sua locomoção pra escola. Você tem carro, vem de transporte coletivo? Qual? Quanto tempo demora?

**Fernanda:** Por eu morar em outra cidade, é, é muito mais prático pra mim vir de carro, vindo de ônibus eu teia que sair duas horas antes da minha casa, vindo de carro eu gasto vinte minutos, da minha casa até aqui.

**S:** Você se sente bem no seu horário de trabalho? Se pudesse, gostaria de trabalhar em outro horário.

**Fernanda:** Gostaria, prefiro à tarde, sou muito mais disposta à tarde, mas por conta dos meus filhos na creche, que o horário do fundamental não bate com o do infantil, é, eu trabalhando à

tarde eu sairia cinco e trinta e cinco e tanto a pré-escola quanto a creche só funcionam até a cinco e meia e aí não tem, não é viável.

**S:** Você se incomodaria em dizer quanto ganha?

**Fernanda:** Não sei ao certo o quanto eu ganho, acho que por volta de mil e duzentos.

**S:** Dá pra o que você precisa pra viver?

**Fernanda:** Dá.

**S:** Seu salário é o principal da sua casa, ou é secundário?

**Fernanda:** Não, não temos assim, em casa um, um primeiro e um segundo, somos nós dois um único salário, então não tem secundário, primário.

**S:** Você trabalha com quantas crianças?

**Fernanda:** 33.

**S:** Qual a idade delas?

**Fernanda:** De oito a doze.

**S:** Como que elas são? A origem social, a família, os pais trabalham, vivem só com a mãe, ou com o pai também, quem que vem pra escola buscar, quem vem nas reuniões, que problemas enfrentam?

**Fernanda:** Tem de tudo um pouco. Tem os que vem de ônibus, tem os que vem a pé. Tem os mais pobrezinhos, tem os melhorzinhos, mas nenhum em condições felizes, extremamente felizes. É quanto à reunião, eu não sei, porque ainda não tive nenhuma reunião de pais, não conheço os pais, tive oportunidade de conversar com duas mães, só, ainda fiquei meio frustrada porque uma é meio, sem participação na vida da criança, mas eles são bem humildes, muito humildes quanto a isso.

**S:** As condições da sua sala são boas? Ela é silenciosa ou barulhenta, no calor é muito quente, ou é fresca, no inverno, é, as crianças muito inquietas com o calor ou frio, com barulho, tem barulho de fora, como que se dá essa relação com a sala de aula.

**Fernanda:** Então é, é ruim. Só tem um benefício, a sala é bem ampla, grande gostosa, mas tenho sol o tempo todo na sala, não tenho cortina, não tenho armário, é, por conta do sol, do calor, do incômodo, minha sala da de frente pra rua, o barulho, até que não é muito em vista do que eu já vi, mas o barulho é grande e eles ficam sim muito inquietos, muito, mas acredito que seja muito mais por conta do calor, tem sempre que ficar o tempo todo procurando um lugar bacana na sala pra ficar.

**S:** Você tem tido algum contratempo de saúde no último ano?

**Fernanda:** Não. Estive grávida, só. Saúde não.

**S:** Quando você volta ao final do dia para casa, consegue sair? Fica em casa, faz o quê, por quê?

**Fernanda:** Saio, saio com minhas crianças, vou ao mercado, coisas de dona de casa, a tarde eu sou dona de casa, vou ao mercado, comprar coisas com eles, brinco, passeio, pra casa dos meus pais.

**S:** Você acha que essa profissão suga muito a nossa energia?

**Fernanda:** Acredito que ser mãe é muito mais.

**S:** Tá. O que mais te cansa na profissão.

**Fernanda:** A burocracia.

**S:** Alguma vez você quis ficar em casa, não vir trabalhar só pra descansar?

**Fernanda:** Não, brinco, que queria dormir, que queria férias, mas gosto de vir.

**S:** Vou repetir. Quais os problemas mais difíceis no seu trabalho?

**Fernanda:** Vou repetir, a burocracia. [risos]

**S:** Alguma vez você se afastou em se afasta do magistério, da sala de aula, ou pensou em se afastar, por quê?

**Fernanda:** Tive a intenção sim, já estava meio angustiada com, com o burocrático mesmo, porque é isso que me incomoda muito. É, as pessoas com quem eu trabalhava não tinham tanto aparato teórico, não sabiam me ajudar nessa parte, então eu já estava meio angustiada, meio irritada com isso. Procurava saídas pra melhorar meu trabalho e não conseguia, pensei sim, até fui atrás de outra, de outra renda, mas aí acabei engravidando, não sabia que estava grávida e pensei em continuar.

**S:** Você leva trabalho pra casa?

**Fernanda:** Levava, não levo mais, só o essencial. Alguma coisa que eu tenha vontade de fazer em casa, mas é, coisas que vão se aglomerando não, são feitas na escola.

**S:** Em algum momento em que você se desliga da escola? Qual?

**Fernanda:** Se eu falar que tenho é mentira, porque o tempo todo você tá pensando, se você vê um livro você pensa em levar, mas dos problemas que enfrento com direção, com organização de escola eu me desligo totalmente. Não me desligo do que tá vivenciando com as crianças.

**S:** Vamos falar de outras coisa. Seu lazer. O que faz quando não está trabalhando, por exemplo no fim de semana?

**Fernanda:** Saio muito com meus filhos. Ah, eu vou passear, vou almoçar fora, vou jantar fora, saio bastante.

**S:** Qual foi o último filme que você viu?

**Fernanda:** É, Madagascar.

**S:** Gostou.

**Fernanda:** Gostei.

**S:** E o último livro que leu?

**Fernanda:** Escola e Democracia [risos].

**S:** Gostou?

**Fernanda:** Cansativo, mas proveitoso.

**S:** Tem conseguido tirar férias?

**Fernanda:** Sim.

**S:** O que faz nas férias?

**Fernanda:** Viajo.

**S:** Na sua casa, o que você mais gosta de fazer?

**Fernanda:** Eu gosto, eu gosto de tudo que eu faço na minha casa. Eu gosto de dormir, eu gosto de brincar, eu gosto de dar banho, gosto de tomar banho, gosto de ficar junto, gosto de tudo.

**S:** Bom, você tem, então, tempo pra brincar com seus filhos?

**Fernanda:** Tenho, a tarde toda.

**S:** E tem tempo pra namorar?

**Fernanda:** Ah, não tenho tido muito... [risos], mas a gente arranja umas brechas.

**S:** Pra gente terminar a entrevista. No seu trabalho o que te deixa mais feliz? o que te dá mais prazer?

**Fernanda:** Ver o avanço das crianças, não só em aprendizagem, aprendizagem é óbvio, é que a gente, quando a gente vê que a criança tem alguma dificuldade e você consegue é, acabar com ela é muito gratificante. Mas de ver crescer, de ver pensar, de ver mudar de opinião, é, lutar por aquilo que quer, e a gente vê isso em muitas crianças.

**S:** No seu trabalho o que te deixa mais triste? O que te traz sofrimento?

**Fernanda:** As ordens vindas da Secretaria da Educação, que dificilmente podem ser discutidas ou modificadas.

**S:** E o que você faz nesses momentos? Quando elas chegam?

**Fernanda:** Xingo, brigo, choro, mas dificilmente muda.

**S:** Vale a pena ser professora?

**Fernanda:** Sim, muito, acho que vou terminar a vida assim, é muito gratificante dentro da sala acho que não existe um dia igual ao outro, um dia, um dia você entra e vê uma carinha, no outro dia é outra, nunca repete a mesma, ano após ano é diferente.

**S:** O que é ser professora?

**Fernanda:** Ser professora? ser professora é tudo, ser mãe, é ser psicóloga, é ser eternamente aluna, uma professora tá sempre no aprendizado, sempre aprendendo, e podendo mudar algumas coisa, algumas visões. Então, sei lá, difíceis de ser encaradas, hoje a gente tem a oportunidade de estar ao menos passando, ao menos levando ao conhecimento das pessoas.

**S:** Pra terminar. Se você pudesse voltar atrás, o que faria como profissão? Que curso universitário faria?

**Fernanda:** Curso universitário? Não deixaria de ser professora, não tenho vontade de deixar, mas faria fotografia.

**S:** Por quê?

**Fernanda:** Porque eu amo foto, acho que, acho não, eu tenho certeza que a foto conta a história.  
**S:** E por que você não deixaria de ser professora?  
**Fernanda:** Porque eu poderia juntar os dois, seria uma, duas profissões que daria pra, um lindo livro, a teoria e as ilustrações.  
**S:** Tá jóia, muito obrigada.  
**Fernanda:** Por nada.

#### Entrevista – Letícia

**S:** 6 de abril de 2006, dez e vinte e cinco da manhã, Vinhedo. Por favor, pra gente começar a entrevista queira dizer seu nome, a idade e o local de nascimento.

**Letícia:** Letícia ...

**S:** A idade.

**Letícia:** Tenho 30 anos e nasci em Vinhedo.

**S:** Você é casada?

**Letícia:** Sim.

**S:** Tem filhos?

**Letícia:** Tenho, duas. A G. e a L.

**S:** Qual a idade delas?

**Letícia:** A G., 6 anos e a L. 4 anos.

**S:** Seu marido trabalha em quê?

**Letícia:** Meu marido é corretor de seguros e tem uma locadora de veículos.

**S:** Ele estudou o quê?

**Letícia:** Ih, ele estudou... [risos] na verdade ele começou três faculdades, duas em São Paulo, depois ele saiu e passou na federal de Uberlândia, fez três anos de Engenharia Eletrônica, parou, fez cursinho, entrou na Unicamp, engenharia de Computação, só que aí as disciplinas eram alternadas, assim, um dia de manhã, um dia à tarde, aí ele abriu uma corretora de seguros, e aí ele desistiu da faculdade, ele acabou sendo, é, jubilado que fala?, por faltas, por que não dava pra conciliar trabalho e estudo, então ele não é formado em nada. Ele não se formou, acabou não concluindo.

**S:** Qual a profissão e a escolaridade dos seus pais?

**Letícia:** Minha mãe, ensino médio e meu pai também.

**S:** A profissão deles?

**Letícia:** Meu pai é, comprador e minha mãe era secretária e depois do lar.

**S:** E você, estudou o quê, fez magistério?

**Letícia:** Fiz.

**S:** Fez pedagogia?

**Letícia:** Tô cursando.

**S:** Onde você fez, era escola pública ou privada?

**Letícia:** Pública.

**S:** As duas, magistério e a pedagogia?

**Letícia:** Magistério no Cyro e Pedagogia na Unicamp.

**S:** Por quê você fez magistério?

**Letícia:** Na verdade eu comecei fazer química no Anchieta, o primeiro ano, porque minha irmã também ia fazer no Anchieta, aí minha mãe colocou nós duas. Tinha computação, química, e mais um curso que eu não me recordo, e assim, computação eu não queria, e aí eu comecei a fazer química. Nossa, um mês eu fui. Eu não gostei de jeito nenhum. E aí no Cyro tinha magistério e eu gostava de criança, tinha uma certa, assim, sempre gostei, e por isso que eu fiz magistério. Mas não foi minha escolha de imediato.

**S:** E a pedagogia, agora, por quê que você tá fazendo?

**Letícia:** Porque to sendo obrigada [risos]. Não, não é só porque eu to sendo obrigada, é, eles estão oferecendo o Proesf pra formação de professores, e todos os professores estão fazendo e eu vi assim como, não podia perder essa oportunidade, já que eu não tive oportunidade de fazer

porque eu não tinha condições de pagar, logo me casei também, e foi uma oportunidade que eu não poderia perder, por isso que eu to fazendo. E também pra, na verdade eu pensei que fosse pra melhorar minha prática, mas não tá sendo.

**S:** Não está melhorando?

**Letícia:** Não. [risos]

**S:** Por quê?

**Letícia:** Porque eu acho que o que a gente aprende lá, é, não usamos muito em sala de aula, porque a gente estuda uma coisa e a realidade que a gente vive é outra, e aí, na verdade sobrecarrega, nós que damos aula, porque a gente tem que dar conta da escola, trabalho da faculdade e de casa, lógico. Tem coisa sim que a gente aprende, que é legal aprender, não vou dizer que é tudo jogado fora não. Mas é que assim, poderia ser diferente, poderia ser mais voltada à nossa prática pedagógica.

**S:** Tá jóia. Você é professora concursada?

**Letícia:** Sim.

**S:** É efetiva?

**Letícia:** Sim

**S:** Como você decidiu ser professora? Foi na escolha do magistério ou não, depois é que você decidiu?

**Letícia:** Não, indo pro magistério eu já tinha decidido.

**S:** Que você seria professora.

**Letícia:** Aí quando eu estava no terceiro ano no Magistério, eu comecei a estagiar na prefeitura, na pré escola e desde então eu não parei.

**S:** A sua entrada no magistério, então, foi assim, começou com o estágio?

**Letícia:** Com o estágio.

**S:** E depois a dar aulas, assim, professora mesmo?

**Letícia:** É, no estágio, no estágio, no terceiro e quarto ano eu fazia só estágio, assim, ficava na sala com as professoras ou substituía, depois de dois anos depois de formada, quando eu saí do magistério no quarto ano, eu peguei sala, no ensino infantil aqui na prefeitura, como estagiária, mas estagiária assumia sala na época. E depois venceu meu contrato eu saí, fiquei um ano só sem dar aula e depois logo voltei como contratada na prefeitura, estagiária de novo e aí em 99 teve concurso, que eu prestei e to desde 99, no ensino fundamental.

**S:** E há quanto tempo, então você trabalha com o magistério? Desde...

**Letícia:** Não, então, no fundamental desde 99 né, sete anos, mas fiquei também 4 anos no infantil, então faz assim, doze anos na verdade.

**S:** De onde veio o interesse, você tinha estímulo de alguém? Como foi pra você ...?

**Letícia:** Não, como eu disse interesse, foi assim, foi meio que “o quê que eu faço?” na verdade né, porque eu não queria fazer química, aí eu vim pro magistério e falei “aí, já que eu gosto de criança vou fazer isso” né. E estímulo, não, não tive estímulo não, minha mãe ajudava, assim, até minha irmã estudava a noite e meu pai, assim, não admitia que eu estudasse de manhã porque ele queria que eu trabalhasse né, porque a minha irmã já ajudava em casa e eu não, então minha mãe, que trabalhava na época, que me apoiou na verdade.

**S:** Então, você começou a trabalhar, então, aqui em Vinhedo.

**Letícia:** Aqui em Vinhedo.

**S:** Na rede pública, como estagiária e depois como professora?

**Letícia:** Isso.

**S:** Você teve outro emprego antes do magistério.

**Letícia:** Não.

**S:** Quais escolas você trabalhou?

**Letícia:** Então, cursando magistério, no ensino infantil, trabalhei no [nome da escola infantil] e na Cei [nome da escola], que é uma creche e pré escola, e também substituía, em várias escolas do ensino infantil. Aí quando eu voltei como contratada como estagiária no fundamental eu entrei no [nome da escola], prestei o concurso, peguei lá como substituta, dei aula lá em 99 e 2000. É, 99 e to desde 2000 no [nome da escola pesquisada].

**S:** Aqui você entrou em 2000, nessa escola.

**Leticia:** Isso.

**S:** Todas elas é, de Vinhedo né.

**S:** Porquê que você saiu do infantil pro fundamental e da outra escola pra essa?

**Leticia:** É, quando eu estava no infantil surgiu a oportunidade do estágio, então foi no infantil. Quando eu voltei contratada de novo, como estagiária, que eu fiquei um ano fora trabalhando noutra coisa, é, surgiu vaga no fundamental, e me mandaram pra essa escola. Ai ia ter o concurso em 99, e a diretora, a dona D., eu falei que eu ia prestar pro infantil, porque eu adorava, e ela não deixou, ela falou que não, que eu tinha que seguir uma carreira de professora, e ela é muito conservadora assim, mas que não tinha que prestar pro infantil, porque tinha que ser no ensino fundamental. e foi assim, por influencia dela que eu não prestei pro infantil, e aliás se tiver concurso eu vou prestar pro infantil porque eu, assim, gosto de dar aula pras crianças grandes também, mas eu prefiro crianças pequenas.

**S:** Como foi o começo do seu trabalho como professora, quando você começou a lecionar, quais os problemas que você enfrentava, quais as dificuldades, como você resolvia?

**Leticia:** Quando eu comecei, na verdade, o que eu te falei, foi dois anos assim, depois que eu me formei eu assumi sala assim, no infantil. Quê que aconteceu no Pica-Pau, as professoras efetivas já eram antigas e assim viam a gente, assim, como “as novinhas” que não sabiam nada e poucas, aliás, uma ou duas nos auxiliavam, a gente ficava, fiquei assim meio perdida, a gente não tinha, assim, coordenadora pedagógica pra ajudar no nosso trabalho, e nenhuma professora assim, também das antigas, ajudando. Então, é, insegura, “será que meu trabalho não tá bom?”, sem apoio assim, e até hoje eu acho que, hoje já faz tempo que eu to, mas quem entra sente a mesma coisa.

**S:** Mesmo quando você entrou no fundamental você sentiu isso também?

**Leticia:** No fundamental até que foi um pouco diferente, até assim, eu estava nessa escola já há um ano, que eu fiquei fazendo estágio nessa escola, eu dava reforço pras crianças, então eu tinha muito contato com as professoras da sala porque tinha que conversar sobre as crianças, então quando eu peguei sala eu já conhecia a outra professora que foi uma segunda série, então a gente trocou bastante atividade e ela me ajudou muito, aliás ela está aposentada já, que é a Édna, então ela me ensinava, ela me ajudou pra caramba.

**S:** Quando você achou que já sabia fazer o trabalho de professora?

**Leticia:** Na verdade, é, eu acho que fazer o trabalho de professora, eu estou sempre aprendendo, eu aprendo na minha prática, e com meus colegas, mas assim, eu sei de uma coisa, eu não sei que eu, não sabia fazer o trabalho quando eu saí do magistério, porque é, a gente só aprende estando com sala de aula mesmo e com as experiências que vão acontecendo no nosso dia-a-dia.

**S:** Conta um pouquinho mais sobre a sua trajetória, do magistério, do trabalho, como que é sua vida profissional, de quando você começou.

**Leticia:** Até hoje eu conversei com a Fernanda, olha que engraçado, quando eu comecei no infantil, eu era mais nova, solteira, tudo, eu falei que, acabei de falar que foi difícil, tal, mas assim, eu me dedicava muito, aí em 99 quando eu entrei no fundamental, nossa, o primeiro ano que eu dei aula passava a tarde inteira, não, eu dava aula a tarde, morava com meus pais ainda, eu passava a manhã inteira fazendo atividade, corrigindo caderno, os dois primeiros anos, quando eu vim pra cá, aqui pro [nome da escola] eu logo engravidei, da outra filha, que eu já tinha a G., e aí, não dá tempo, acaba não dando tempo da gente fazer tudo que a gente gostaria de fazer, e aí eu falei assim, agora as coisas que eu fazia antes eu gostaria muito de fazer mas não sobra tempo, aliás, até pelas coisa que nos são cobradas mesmo aqui dentro da escola, né.

**S:** Quais as diferenças, então, entre o começo e hoje, no seu trabalho?

**Leticia:** Muitas, tem muita diferença, apesar de eu falar que eu não tenho tanto tempo, hoje eu adquiri muito mais experiência pra lidar com os problemas com as crianças, com as situações que acontecem no dia-a-dia, né, a gente vai amadurecendo na nossa profissão.

**S:** E o quê que mudou, o amadurecimento?

**Leticia:** Isso, é, adquiri experiência, amadurecer, e também, outra coisa assim, depois que eu fiquei mãe, né, que eu sou mãe das duas, eu percebi que assim, muda o relacionamento com as crianças, não sei explicar como isso pra você, mas a maneira de como a gente enxerga as crianças, o amor o carinho.

**S:** O que é melhor, o que é pior? Agora é melhor ou pior do que antes?

**Leticia:** Não, agora é melhor, pra mim é melhor.

**S:** Por quê?

**Leticia:** A situação que a gente tá... Por ter adquirido experiência, por ter amadurecido, por isso.

**S:** Como, você ia dizendo...

**Leticia:** Não, a situação que a gente tá hoje, que você sabe, que você dá aula comigo, é, falando do profissional, eu Leticia, hoje me sinto melhor pra atuar com os meus alunos né, mas é, falando do ensino, da educação, do sistema, do ensino de Vinhedo, hoje está pior, nunca esteve tão ruim [risos].

**S:** Por quê?

**Leticia:** Porque, porque a gente tá sem apoio nenhum, de nenhuma das partes, nem de secretaria de educação, nem de diretor, nem de coordenador pedagógico, é só os professores mesmo, assim, que conversam um, assim, querendo ajudar o outro assim, na verdade não é ajudar é, nem se conformar, é sendo solidário com todos os problemas que estão acontecendo né, a rede de Vinhedo nunca passou por tantas situações como as que estão acontecendo, de falta de material, de falta de papel de higiênico, de falta de tudo.

**S:** O que você acha mais complicado, mais difícil no seu trabalho de professora?

**Leticia:** É contar comigo mesma só, com, assim, e na verdade com os meus colegas, como eu falei, não ter ninguém pra te, assim, apoiando e auxiliando quando você precisa, na verdade é sempre culpa do professor, sempre cai nas costas do professor. [Interrupção, entrou outra professora na sala]. Então, não sei onde eu parei também, mas acabei de olhar pra uma criança e pensar também o que eu acho também, uma outra coisa que eu acho complicada, que me entristece muito, é por toda a situação que a gente vive, e aí a gente olha pra carinha de alguns assim, e pensa que poderia ser diferente a maneira da gente ensinar, a maneira de dar as nossas aulas né. Se a gente tivesse mais tempo, e eu não to culpando só o tempo, que eu sei que quem quer vai atrás, só que assim, precisa de um respaldo e precisaria que mudasse, na verdade o sistema, porque é, vários problemas que a gente tem na sala é pela postura sim, da professora sim, e do tipo de aula que é dado.

**S:** Atualmente você trabalha em que escola e série?

**Leticia:** Atualmente eu trabalho na escola [nome da escola] com uma quarta série.

**S:** Só?

**Leticia:** Só. Quer me deixar louca?

**S:** Vamos falar um pouco sobre a organização do trabalho. A que horas você entra?

**Leticia:** Às sete horas.

**S:** E sai?

**Leticia:** Às dez pra meio dia.

**S:** Descreve pra mim um dia típico de trabalho, terça-feira por exemplo, o que que você fez na terça-feira, como foi da hora que você acordou até a hora que você dormiu?

**Leticia:** Terça-feira, terça-feira eu dei, eu acordei, vim pra escola, eu dei avaliação de geografia, aqui na escola e de ciências, aí eu cheguei em casa com as minhas duas filhas, e a moça que trabalha comigo não tinha vindo, e aí eu tive que esquentar o almoço, arrumar a casa, dar uma arrumadinha, aí eu fui ao banco, pagar umas contas e as crianças comigo, aí eu cheguei, do banco, dei banho nas crianças, esquentei a janta e fui pra faculdade. E eu voltei da faculdade às onze e meia.

**S:** Quais são suas tarefas semanais aqui na escola, o que que é semanalmente...

**Leticia:** Fora as aulas, fora o período de aula? Tem o HTPC, que o horário de trabalho conjunto dos professores e acontece toda segunda da meio dia à uma e meia.

**S:** Como é organizado o ano letivo?

**Leticia:** O calendário?

**S:** Pode ser.

**Leticia:** Não somos nós que organizamos na verdade, teve ano que até é, o calendário foi montado junto com os professores, eu me lembro, e depois houve uma reunião, pra montar o calendário de acordo com a sugestão assim, de emendar ou não, o tanto de dias, reunião de

pais... Mas esse ano veio pronto, assim, pronto pra ninguém questionar. É dessa forma que você tá falando, do calendário mesmo, da organização do calendário? Então, geralmente são cem dias letivos até junho, final de junho, né, depois nós retornamos em julho, na metade de julho até dezembro.

**S:** Vocês param pra avaliar o que está acontecendo na escola?

**Letícia:** Não. Não. A gente senta um pouquinho nos HTPCs, mas normalmente são cheios de recados, de assuntos já previamente vistos junto, juntamente com a secretaria, a coordenação, a direção, não sobrando muito tempo pra fazer isso.

**S:** Como é o trabalho da coordenação pedagógica?

**Letícia:** A gente tem? [risos]

**S:** Vocês recebem coordenadores de fora da escola?

**Letícia:** Não, não recebemos nenhum coordenador de fora, nem da secretária da educação e atualmente também nem da coordenadora. Aliás, a gente tem, pra tá cobrando papéis, preenchimento de papéis, burocracia, e o semanário foi pedido pra fazer de uma maneira também imposta, e nesse bimestre nenhum professor, que eu saiba, no período da manhã, entregou o semanário porque também não foi pedido.

**S:** Como você descreve o trabalho do coordenador pedagógico?

**Letícia:** Do meu coordenador, ou como eu acho que deveria acontecer?

**S:** Os dois.

**Letícia:** Atualmente da minha coordenadora é...

**S:** Ela é funcionária da escola?

**Letícia:** É, da escola. A escola, atualmente está com muito alunos, cresceu muito né, aumentou, veio mais classes de outras escolas pra cá e foi dito pra gente no HTPC, que ela não estaria cumprindo a função dela corretamente porque ela está tendo que dar suporte à vice-direção e à direção, porque elas estão muito sobrecarregadas. Eu vejo assim, uma assessoria pedagógica, uma coordenadora pra auxiliar o trabalho do professor exclusivamente, dando sugestões, vendo sim os semanários, planejando junto com o professor, olhando as atividades, apontando defeitos e assim, como melhorar, é isso que eu vejo assim, porque, porque é o trabalho pedagógico, relacionado a quem, ao professor.

**S:** Isso é o que você imagina que seja.

**Letícia:** Que eu gostaria que fosse, é o que eu gostaria que fosse.

**S:** Mas que não está sendo?

**Letícia:** Não, não.

**S:** Porque ela está ajudando...

**Letícia:** Na administração.

**S:** Sobre os HTPCs, você estava falando um pouquinho, fala um pouco mais como é que se dão essas reuniões pedagógicas, tem outras reuniões pedagógicas fora os HTPCs, como...

**Letícia:** Não, não tem outras reuniões pedagógicas. Teve no começo do ano, só, mas também é, não dá pra planejar porque é pouco tempo, e também ainda vem com aula inaugural, cursos, palestras, ficando assim, não sobrando tempo pros professores se reunirem e organizarem o trabalho. E nos HTPCs também como eu disse, vem a pauta pronta pra gente, os assuntos que serão, é, que serão tratados, isso, e a gente até tenta, assim, conversar sobre alguns problemas que a gente tem, a direção ouve e diz que vai passar pra outra direção, pra secretária de educação, no caso, né, mas a gente não teve ainda nenhuma resposta das coisas que a gente pediu. É isso.

**S:** Quem são as pessoas que participam e quem dirige?

**Letícia:** É, eu não falei sobre isso. Na verdade o HTPC deveria ser, né, o horário de trabalho de todos os professores, principalmente, é muito importante, até pros professores de série, se sobrar tempo, estarem organizando, planejando conteúdos, e, mas devido a escola ser grande, e há muitos professores que trabalham em dois períodos, porque precisam também, então o HTPC está sendo feito em 3 horários, então a gente não encontra com todo mundo, no caso tem segunda, quarta e sábado, cada um trata de um assunto, na verdade a gente fica sabendo pelos outros o que foi tratado, deveria ser geral, mesmo sendo em dias diferente, que todos falassem a

mesma língua, que a gente sabe que não acontece, né, fica sabendo pelas outras professoras, ninguém chega e dá recado nenhum, aliás, isso eu acho também que, antigamente até usava mais é, conversar né, vinha diretora, batia na sua sala, coordenadora, pra dar recado e agora é tudo colocado em mural e se você não lê, você fica perdida, pode até esquecer de fato alguma coisa e a pessoa vai falar “tá lá, você não viu, porque que você não foi ler”, né.

**S:** Quem dirige essas reuniões é a direção, a coordenadora?

**Letícia:** Então, até por isso que acontece uma, uma, cada um fala uma língua, porque o nosso de segunda é a [nome], a vice-diretora, o de quarta é a coordenadora que é a [nome], e o de sábado acontece de quinze em quinze dias, cada sábado em uma escola e a coordenadora ou diretora ou vice que dá, mas não é assunto da escola, é um geral.

**S:** Olhando pro conjunto da escola você acha que há diferenças entre quem trabalha aqui dentro? Que tipo de diferenças, social, de cor, de cargo que ocupa? Há alguma diferença que você percebe?

**Letícia:** Eu acho que, assim de cor não, nunca teve nada disso, né, mas eu acho que há diferença, mesmo até, alguns professores são unidos, outros não, outros fazem diferença sim, né, deveriam ser mais solidários até com alguns colegas e não são, cada um tem um jeito de trabalhar e até de ser, isso eu já vejo até como, é um ser né, o ajudar o próximo. E até no começo do ano foi nos dado uma pirâmide onde deveríamos estar assim, seguindo a hierarquia, né, então a pirâmide embaixo os professores, não, funcionários e professores, depois direção, coordenação da escola e no topo da pirâmide a secretária da educação e suas auxiliares. Mas mesmo aqui na escola como eu disse, é, deveria funcionar coordenação subordinada à direção, e a gente vê que isso não acontece muito, elas não conseguiram ainda se entender, por isso que não falam a mesma língua.

**S:** Os pais das crianças vem sempre à escola?

**Letícia:** Não, os pais vem só na reunião de pais.

**S:** Quando vem é pra quê, vocês que chamam, quais os motivos, é espontâneo?

**Letícia:** Geralmente somos nós que chamamos, se preciso a gente marca a reunião nos HTPIs, [...] se precisa conversar com algum pai individualmente, senão nas reuniões bimestrais e espontaneamente é muito difícil.

**S:** Nós já falamos sobre o trabalho seu aqui na escola diário, pensando numa jornada semanal, qual a quantidade de horas que você trabalha?

**Letícia:** 28? Fora da escola? Fora da escola também né? De eu levar atividade pra casa, pra fazer? É, às vezes eu levo e trago de volta do mesmo jeito, nem tiro do carro na verdade porque não sobra tempo, mas assim, impossível, não consigo fazer tudo aqui na escola não, não consigo mesmo, tanto que hoje, vou ficar a tarde inteira corrigindo e fechando as notas pra amanhã, que eu não consegui ainda fechar.

**S:** Como é sua locomoção pra escola, você tem carro, vem de transporte coletivo? Qual, quanto tempo demora.

**Letícia:** Eu venho de carro e demoro dez minutos.

**S:** Você mora aqui pertinho?

**Letícia:** Moro, moro na cidade de Vinhedo, em Vinhedo tudo é pertinho.

**S:** Você se sente bem nesse horário de trabalho? Se pudesse gostaria de mudar, trabalhar em outro?

**Letícia:** Não, eu adoro trabalhar esse horário, tanto que assim, como eu disse eu prefiro criança pequena, adoraria pegar uma primeira série, só que só tem à tarde, então eu acabo pegando terceira ou quarta, pelo período até, porque eu prefiro ficar à tarde com as minhas filhas e acho que a tarde, até pra organizar as coisas, é melhor.

**S:** Você se incomodaria em dizer quanto ganha?

**Letícia:** Não. É em torno de mil e duzentos, eu não sei assim, bruto quanto dá, líquido né.

**S:** Dá pra o que você precisa pra viver?

**Letícia:** Não. Não, não dá, a gente, meu marido acaba ajudando, e precisaríamos ganhar mais pra melhorar.

**S:** Seu salário, então, não é o principal da casa?

**Letícia:** Não.

**S:** Você trabalha com quantas crianças?

**Letícia:** Esse ano com 32.

**S:** Qual é a idade delas?

**Letícia:** Tem criança de nove, dez, de doze.

**S:** Pensando no geral, como elas são? Origem social, família, se os pais trabalham, se tem só a mãe ou o pai, se vivem só com um ou outro, como é a situação delas em casa, que problemas enfrentam?

**Letícia:** É, são crianças, são crianças carentes, e assim, várias crianças, a maioria das crianças não tem uma família estruturada, ou, é, o pai é separado, ou a mãe casou de novo, às vezes não conhece nem o avô e a avó, até o ano passado eu dei uma árvore genealógica da família e eles não conseguem preencher, esse ano também, a gente já deu um questionário pras crianças, e a gente ficou sabendo bastante da vida deles, e você percebe assim que a minoria da sala, eu, falando agora da minha sala, deste ano, a minoria tem uma família que se constitui de pai e mãe, que eu até vi na faculdade. Como é chama essa família?

**S:** Nuclear.

**Letícia:** É nuclear, que é o pai, a mãe mesmo e os irmãos, é uma minoria.

**S:** Sobre, se os pais trabalham...

**Letícia:** 100% da classe, vai, acho que 3 mães da minha sala não trabalham.

**S:** Quem vem buscá-los na escola, quem vem às reuniões?

**Letícia:** Teve uma reunião só, a maioria dos meus pais vieram, foi alguns pais e algumas mães, é os pais e as mães trabalham como eu disse, porque são crianças carente, é, pra vir pra escola eles usam transporte escolar, eles são grande, são 4ª série, os pais e as mães não traz não. Ou eles usam transporte escolar ou eles vão a pé pra casa.

**S:** As condições da sua sala são boas? É silenciosa ou barulhenta, no calor é muito quente ou é fresca, no inverno...?

**Letícia:** Em relação às condições físicas da sala e também assim, falando das crianças, né. Físicas primeiro, nós começamos o ano, nós mudamos de prédio, da escola, e bate muito sol na sala, em todas as salas aqui do andar de cima, e aí a gente, cada um fez uma adaptação da janela, pensando nas crianças, porque batia muito sol, e aí eu coloquei papel nas janelas e decorei o papel. A gente não tem armário, o armário é aberto, pega muito pó, as carteiras também não são, são carteiras que tem um buraco no meio, se você trabalha em grupo, pra fazer cartaz fica inviável, não dá pra ser realizado, não tem espaço pra fazer isso, fazer um trabalho diferente com a criança, porque o pátio sempre passa muita gente, a escola é muito grande. Que mais, a classe, minha classe não é silenciosa não, é uma classe agitada, até porque eu também sou um pouco, eu não paro muito e acho que reflete um pouco nas crianças, mas eles até que assim, quando tem que fazer silêncio assim, eles ficam até.

**S:** E barulhos externos, atrapalham, ou não?

**Letícia:** Não, esse lado da escola não, a quadra fica do outro, então não.

**S:** Você tem tido algum tipo de contratempo de saúde no último ano?

**Letícia:** Não. Assim, estresse. [risos]

**S:** Por quê?

**Letícia:** Não, eu to brincando. Não, mas assim, o ano passado, assim, teve época que eu senti, me senti sobrecarregada, até eu cheguei a desmaiar o ano passado, na metade do ano, e procurei um médico, e ele disse assim que era estresse pelo, eu só chorava, e ele falou que isso era sobrecarga de um monte de coisa que vinha acontecendo, né, que eu fui contando pro médico da minha vida e ele falou que era sim, porque acaba não sobrando tempo pra gente na verdade.

**S:** Quando você volta ao final do dia pra casa consegue sair? Ou fica em casa, faz o quê? Por quê?

**Letícia:** À tarde? Às vezes eu saio, às vezes não. Mas assim, é muito difícil conciliar. O professor tem que fazer muita coisa em casa, e fica muito difícil conciliar isso com filho pequeno e com outros afazeres né. Então assim, na minha opinião deveríamos trabalhar, é, não só quatro, na verdade quatro horas com alunos e duas horas por dia sem aluno. Toda escola deveria funcionar assim, no meu ponto de vista, porque estaríamos planejando nessas duas horas, lógico, remuneradas, o salário deveria ser maior, o, a aula pros alunos, porque essa sim

seriam aulas planejadas, aulas mais eficazes, e até resultariam na melhor aprendizagem dos alunos.

**S:** Você acha que essa profissão suga muito a nossa energia?

**Leticia:** Muito, muito, a gente lida com, com crianças, cada um, assim, tem seu probleminha, com seu, cada um de um jeito né, muito, muito.

**S:** O que mais te cansa?

**Leticia:** O que mais me cansa hoje é assim, a gente não ter nenhum apoio de nenhuma das partes da escola e também a família hoje deixa muito a desejar na educação das crianças, né. A sociedade mudou muito nesses anos e a educação acabou ficando também pra escola, então o professor além de ensinar... [entrevista interrompida]

Que o professor além de ensinar conteúdos relacionados às disciplinas, ele também pára várias vezes a aula, não só pára, dentro dos projetos, do trabalho do professor está também é, educar a criança, passar valores, virtudes, noções de respeito, cidadania, isso.

**S:** Alguma vez você quis ficar em casa, não veio trabalhar só pra descansar?

**Leticia:** Não. Não. Pensei, a gente pensa, cansa, mas não dá pra fazer isso não.

**S:** Quais os problemas mais difíceis do seu trabalho?

**Leticia:** Eu acho que teve uma pergunta parecida com essa já antes, de problemas, difíceis?

**S:** É.

**Leticia:** Os maiores problemas, como eu já disse, é a falta de apoio, né, que o professor acaba caindo tudo nas costas dele, e o número de alunos excessivo na classe né, na verdade o problema é o sistema, como funciona a educação no nosso país, esse é o problema.

**S:** Alguma vez você se afastou do magistério, da sala de aula, ou pensou em se afastar? Por quê?

**Leticia:** Não. Eu me afastei quando acabou o meu estágio, meu contrato, né, que eu trabalhava na educação infantil, aí não tinha como eu ficar, mas não foi por querer, é uma lei mesmo, e depois eu voltei, depois nunca mais me afastei, só pra ter minhas duas filhas.

**S:** Mas você não pensa, então, em deixar a sala de aula?

**Leticia:** Não, mentira, eu pensei sim, depois que eu tive minha segunda filha eu achava que eu não fosse dar conta assim, que eu não tinha com quem deixar, eu tinha dó, por isso. Mas não.

**S:** Hoje?

**Leticia:** Hoje, se eu tivesse um emprego na área de relações públicas, que eu gosto muito de conversar, e eu ganhasse mais ou menos igual eu pensaria, porque tá muito desmotivante, nunca estive tão desmotivante, e eu pensaria sim em deixar a sala de aula hoje, mesmo gostando, mas, é, a gente não é reconhecido e não tem nenhum estímulo.

**S:** Você leva trabalho pra casa?

**Leticia:** Com certeza. Às vezes levo e trago de volta, que não dá tempo de fazer em casa, mas é difícil eu não levar.

**S:** Tem algum momento em que você se desliga da escola? Qual?

**Leticia:** É, tem momentos sim, que eu estou em casa com as minhas filhas, mas sempre a gente, às vezes pensa no que tem pra fazer e acaba não fazendo, mas geralmente em casa, ou quando a gente está lendo, assistindo uma tv, fazendo outros programas.

**S:** Aí você consegue?

**Leticia:** Ah, às vezes sim, às vezes não, eu sou meio ligada, assim [risos].

**S:** Tá, vamos falar de outras coisas. Seu lazer, o que você faz quando não está trabalhando?

**Leticia:** É, eu brinco com as minhas filhas, gosto de ir ao shopping, gosto de caminhar, vou na minha irmã, que eu tenho uma irmã da mesma idade que eu, que tem duas meninas também, a gente faz muitos programas junto, juntas, levamos as crianças pra passear.

**S:** Qual foi o último filme que você viu?

**Leticia:** Foi no cinema, com as crianças, “Os meus, os seus e os nossos”, uma comédia.

**S:** Gostou?

**Leticia:** Adorei.

**S:** E o último livro que você leu?

**Leticia:** É, eu estou lendo, é “A arte de educar”.

**S:** Gostou, tá gostando?

**Letícia:** To gostando, tem umas sugestões boas pra trabalhar em sala de aula, mas tem outra também que não, mas to gostando sim

**S:** Você tem conseguido tirar férias?

**Letícia:** Não.

**S:** Por quê?

**Letícia:** Férias a gente tira só, quando é férias escolares, mas férias pra viajar, férias de férias assim, não, por que quando eu não to indo pra escola eu estou com as minhas filhas, tenho outros afazeres também, férias pra mim só não.

**S:** Não está descansando?

**Letícia:** Não.

**S:** Na sua casa, o que você mais gosta de fazer?

**Letícia:** Então, eu adoro cuidar da casa, tenho quem me ajude, mas assim, as vezes eu tenho coisa de escola pra fazer, da faculdade mas eu não consigo porque sempre eu to lá arrumando alguma coisa, adoro cuidar das roupas das crianças, eu gosto de deixar sempre tudo em ordem. Gosto de ler também.

**S:** Tá. Tem tempo, então, pra brincar com seus filhos?

**Letícia:** Tenho. Mesmo não parando muito mas eu brinco sim com elas.

**S:** Tem tempo pra namorar?

**Letícia:** Mais ou menos, eu vejo, vejo meu marido às vezes de manhã e a hora que eu chego da faculdade, [risos], às vezes não almoço junto e isso atrapalha né, o relacionamento.

**S:** Pra gente terminar a entrevista. No seu trabalho o que te deixa mais feliz?

**Letícia:** O que me deixa mais feliz?

**S:** O que te dá mais prazer?

**Letícia:** É poder, é poder de alguma forma saber que eu to ajudando na vida dessas crianças, é ver o rostinho deles, é estar conversando com eles, sabendo os problemas que eles tem, e contribuindo de alguma forma na vida de cada um.

**S:** E o que te deixa mais triste, o que te traz sofrimento?

**Letícia:** A falta de educação das crianças, e às vezes você fala, fala, fala uma coisa, assim, você quer ensinar, você acha que a criança pegou um pouquinho assim, mas na verdade tem criança que não merece assim, o que eu digo, os sentimentos que a gente tem, o que a gente, na verdade, é queria que a criança aprendesse, mudasse de atitude, tem criança que não muda, não muda não, a gente fica sem saber como agir com algumas crianças.

**S:** É o que te traz mais tristeza?

**Letícia:** É, e também, o que mais me traz, mais tristeza também, é como funciona o sistema de ensino, né, a gente não tem tempo de planejar, não tem apoio da direção, não ter tempo de um grupo de professores, são vários fatores, assim, que vão contribuindo, assim, pra que a gente fique triste, entendeu.

**S:** E o que você faz nesse momentos? Na sala de aula, quando você fica triste por causa dos alunos, ou por causa do sistema?

**Letícia:** Relacionado a mim?

**S:** É.

**Letícia:** O quê que eu tenho que fazer?

**S:** O que você faz, que reação você tem?

**Letícia:** Eu troco idéias com as minhas colegas, converso com as crianças na sala, né, mas tem dia que também precisa ficar sozinho, um pouquinho, pensar no que está acontecendo, mas assim, a gente em HTPCs, tal, falando da educação, da escola, a gente conversa, os professores passam pra direção o que está acontecendo mas não são tomadas as providencias sempre né, em relação às nossas reivindicações.

**S:** Vale a pena ser professora?

**Letícia:** Então, hoje eu não sei se eu respondo, responderia assim, que vale a pena, que assim, é muito satisfatório, hoje eu não responderia com tanta convicção, eu não responderia, não sei se vale a pena ou não, vou deixar em aberto.

**S:** Por quê?

**Letícia:** Pelo que está acontecendo, por isso, pelo que está acontecendo.

**S:** Como assim?

**Leticia:** Por tudo que eu te falei já. Por como vem funcionando a educação no Brasil, não é só aqui em Vinhedo, também, tá bem ruim, nunca esteve como eu já disse, mas é o que a gente estuda na faculdade, tudo que é relacionado à educação e que assim, ninguém se importa, na verdade. O que mais deveria ser preocupante, num país, eu acho, o que mais deveria, deveriam investir é na educação, que eu acho que ia melhorar muita coisa, e você vê que é uma vergonha, que, tudo que a gente sabe assim, que acontece não dão importância à educação, é tudo relacionado ao poder, à política, a alguma maneira de tá ganhando em cima das pessoas, e ninguém tem ética.

**S:** Você acha, então, que tem uma desvalorização da nossa profissão?

**Leticia:** Com certeza, tem.

**S:** Por quê?

**Leticia:** Vem de cima, na verdade, né, já te falei da hierarquia, que gente tem que seguir, lógico, é uma regra, só que assim, de nenhum lado o professor é valorizado, tudo cai nas suas costas, por parte de pai, das crianças, porque se a criança não aprende é culpa da criança, se a criança não tem educação, é da criança não, do professor, desculpa, se a criança não tem educação também é culpa do professor, é, cobranças são muitas, né, da escola, e se a gente não cumpre, essas coisas, nos prazos que nos é dado é, somos chamados de incompetentes né, pela própria direção da escola e também são professoras que estão na direção, e não é só em Vinhedo, em outros lugares também né, então, é uma profissão, uma classe que não é unida, que se fosse, muita coisa poderia mudar, né, tem muitos fatores que contribuem pra isso.

**S:** O que é ser professora?

**Leticia:** Nossa, que profundo. [risos]. É, pra mim ser professora é tá aprendendo também, ensinando os alunos, aprendendo também com os colegas, com as crianças, é poder ajudar na vida de cada um, contribuir de alguma maneira um pouquinho, é dar o carinho que muita criança, que várias crianças não tem, ah isso.

**S:** Se você pudesse voltar atrás, o que faria como profissão que curso universitário faria? Por quê?

**Leticia:** É, eu escolheria assim, eu faria alguma coisa relacionado à publicidade, a estar lidando com o público, é, eu pensei, ou direito, mas assim, eu não gostaria de ficar trancada numa sala, né, eu gosto muito de lidar com pessoas na verdade, não sei, psicologia também não sei porque é relacionado à educação, então, não sei se eu partiria pra essa área ou não, mas alguma coisa relacionada a pessoas, a contato com o público.

**S:** Você não faria nada na educação mais?

**Leticia:** Não, não.

**S:** Por quê?

**Leticia:** Pelo não reconhecimento, pela, pelo, por ver como está hoje. Não sei se eu faria ou não psicologia, é na verdade o mercado de trabalho hoje está muito competitivo, e teria que pensar nisso também, por isso não fazer, por que eu gosto muito sim de psicologia, de psicopedagogia.

**S:** Tá jóia, muito obrigada.

**Leticia:** Eu que agradeço, desculpe alguma coisa.

#### Entrevista – Maria

**S:** 28 de março de 2006, meio dia e quatro, Vinhedo. Por favor, pra começar nossa entrevista, queira dizer o seu nome, a idade e o local de nascimento.

**Maria:** Maria ... , 43 anos, nasci em santa Rita de Caldas, em Minas Gerais.

**S:** Você é casada?

**Maria:** Sim.

**S:** Tem filhos?

**Maria:** Dois.

**S:** Qual que é a idade deles?

**Maria:** Vinte anos e dezenove anos.

**S:** O quê que eles fazem, estudam?

**Maria:** O Lucas fez curso técnico em prótese dentária, já trabalha com isso há 4 anos, e a minha filha tá na faculdade fazendo psicologia.

**S:** Seu marido trabalha em quê?

**Maria:** É protético.

**S:** Ele estudou...

**Maria:** Ele fez curso técnico e vários cursos de especialização na área.

**S:** Qual que é a profissão e a escolaridade dos seus pais?

**Maria:** Ensino fundamental.

**S:** E a profissão?

**Maria:** Meu pai é pedreiro e a minha mãe, dona de casa.

**S:** E você estudou o quê? Fez magistério, fez pedagogia? Onde? A escola era pública ou privada?

**Maria:** A princípio eu me formei em contabilidade. É, comecei a cursar uma faculdade, parei, não era o que eu queria, e fiz magistério e to fazendo o Proesf na Unicamp, curso de pedagogia.

**S:** O magistério você fez onde? Era escola pública?

**Maria:** Em Campinas, no Carlos Gomes.

**S:** Tá, por quê que você fez o magistério?

**Maria:** Porque..., como que eu posso dizer isso? Porque é uma coisa que eu gostava, queria fazer e coincidiu de eu mudar em campinas e eu estava com meus filhos pequenos, queria cuidar deles e fui fazer o magistério, assim como uma coisa que eu queria fazer mesmo.

**S:** E a pedagogia agora?

**Maria:** Primeiro porque no exercício da profissão a gente vai sentindo falta de atualizar os conhecimentos, buscar novos caminhos, as crianças de hoje não são as mesmas, as dificuldades são diferentes, e pra ter uma formação superior, né, pra ter essa progressão na carreira. a hora que, eu gosto muito de sala de aula, mas eu não sei como eu vou estar com sala de aula, daqui há 5, 6 anos, né, e como eu sempre fico com primeira série, a primeira série, ela exige mais do que a cabeça, né, é físico mesmo, né, então é muito cansativo. Eu não sei como que vou estar daqui uns anos. Aí eu acesso outra coisa, outro cargo na educação, seja como coordenação, direção até.

**S:** Você é professora concursada?

**Maria:** Sim.

**S:** É efetiva?

**Maria:** Sim.

**S:** Como você decidiu, então, ser professora? Foi ao entrar no magistério? Como que foi essa decisão?

**Maria:** Não, eu , é quando eu saí de Minas, eu me casei e fui pro estado de são Paulo. E aqui chegando eu prestei um concurso do estado, e comecei a trabalhar numa escola como inspetora de alunos, a princípio, depois fiquei em disfunção como secretária. Então, esse mundo de escola, assim, é, eu me inteirei com ele, eu gostava de ver como é que se dava essa relação de professor e aluno, e outra também, por uma questão particular, assim, né, eu ficava meia brava, de fazer um comparativo de salário com tempo de serviço, né. aí eu falei: “a não, vou ser professora também, é o que eu gosto de fazer, eu gosto de lidar com criança, o adulto é mais complicado, então, sabe, eu já tinha uma propensão, eu já gostava, e as coisas foram acontecendo.

**S:** Como foi a sua entrada no magistério? Você começou por um concurso, você...

**Maria:** Por concurso, escola pública, por concurso.

**S:** Faz quanto tempo?

**Maria:** Nove anos.

**S:** Nove anos. Onde você começou a trabalhar?

**Maria:** Prefeitura de Campinas, numa creche de campinas.

**S:** E... como que foi é, o começo, com que série você trabalhava?

**Maria:** Primeira, primeira vez que eu entrei, que eu comecei efetivamente com criança foi num B2, um berçário, crianças de um ano e meio a dois, e eu tive muito apoio da minha coordenadora e li muito a respeito, estudei bastante sobre dinâmicas de estar trabalhando com bebê, e foi tranquilo, não foi tão é, impaciente, não a entrada. Uma hora, o impacto eu vi quando eu fui pro fundamental, mas foi tranquilo, posso dizer que foi tranquilo.

**S:** Você, de onde vinha o interesse em trabalhar com educação, de onde vinha o estímulo, tinha o estímulo de alguém?

**Maria:** Talvez porque eu nasci numa cidade muito pequena, e a relação é, trabalhador emprego seja muito complicada, e naquela época na minha região, ou você fazia contabilidade, ou você fazia magistério. Eu não consegui fazer magistério na época, porque tinha que ir pra uma cidade vizinha, e isso significa gasto, e meu pai não podia arcar com os gastos na época, então eu fui pra contabilidade querendo ir pro magistério, mas eu abandonei, não era efetivamente, número, não é o que..., aquela, aquele currículo da contabilidade não me interessou, eu ia contra a vontade pra escola e eu gosto muito de ler, gosto muito de pensar, tudo, e quando eu entrei no magistério, reafirmou minha vontade, minha disposição pra fazer, porque eu entrei em contato com a psicologia infantil, com a filosofia, e isso me ajudou como pessoa, como mãe até, foi muito bom.

**S:** Legal. Você teve, então, outros empregos antes do magistério?

**Maria:** Tive.

**S:** Quais?

**Maria:** Eu fui crediária, é, no Shopping Center Iguatemi, trabalhei um tempinho no Diário do Povo, que é uma indústria jornalística, né, uma empresa jornalística, e eu trabalhava na copa, na verdade eu dava uma assistência, assim, né, ajudava no que eu podia, mais um quebra galho, fiquei um ano fazendo isso. Aí depois prestei o concurso da prefeitura de campinas, entrei, desde então, tô aí.

**S:** E trabalhou como inspetora e secretária ?

**Maria:** Isso, isso aí é anterior á vinda pra Campinas, eu trabalhei em Jaguariúna, não foi em Campinas.

**S:** Aqui nesta escola, no [nome da escola], quando foi o seu ingresso?

**Maria:** Foi em 2002.

**S:** Como foi?

**Maria:** É...

**S:** Foi por concurso?

**Maria:** Foi por concurso, concurso público, eu entrei primeiro como substituta, a minha classificação não tava dentro das vagas, é, do edital, então eu entrei como substituta. E aí, o que eu posso dizer de Vinhedo? Cada vez que a gente muda de um sistema de escola, a gente sofre um embate, porque embora o currículo seja elaborado pela união e tudo, né, a gente sabe disso, é tem aquele mínimo. Cada sistema municipal adota uma conduta de trabalho, então, a, o que o sistema de Vinhedo fala é diferente do de Campinas, é diferente de todos os outros, então a gente leva um

tempo de adaptação, mas quando eu cheguei eu fui muito bem recepcionada, eu comecei no Cláudio Gomes, e o pessoal, nossa, foram muito assim, amigos, muito acolhedores, então parecia que eu pertencia àquele grupo, e foi uma, um, um como que eu digo, uma química assim tão boa, que eu, nossa, trabalhei tranqüila, eu tinha ajuda da, das colegas, e foi um ano super tranqüilo e a minha adaptação foi super rápida, embora tenha coisas na educação de Vinhedo que eu desconheça, que eu não conheço de outras redes que eu já trabalhei.

**S:** Por exemplo?

**Maria:** É..., no tocante às leis orgânicas de Vinhedo, né, tem umas, tem um, uma coisa na lei orgânica do município que difere completamente, assim, de Campinas, né. difere de Amparo que eu já trabalhei, é um exemplo disso é o tempo de aula com aluno e a questão de Vinhedo não pagar hora atividade, Campinas paga, Valinhos paga, Amparo paga, e Vinhedo não paga. Então você tem 45 minutos de educação física, duas vezes por semana e você não pode sair da unidade, você tem que fica na unidade e isso é contado como hora atividade, e isso é, eu não entendo isso e eu acho que é só aqui que tem isso, mas vou retomar a situação que eu não

conheço tantas redes assim, né, eu conheço a rede de campinas que paga 4 horas de aula, de, 3 horas de atividade fora da escola, Valinhos paga 3 horas ora da escola, e d e Valinhos eu falo com absoluta certeza porque eu também sou efetiva lá, e trabalho lá de manhã.

**S:** Que outras escolas, então, você trabalhou?

**Maria:** Eu já trabalhei pela prefeitura de Campinas, pela prefeitura de Amparo, pela prefeitura de Valinhos, e agora to em Vinhedo. É ah, em Vinhedo, sendo que Vinhedo e Valinhos é junto.

**S:** É, por quê que você saiu dessas outras escolas, que não está mais?

**Maria:** Campinas, é, meu marido tinha recebido uma oferta de trabalho em Serra Negra, e, e ele queria mudar, mas ele não queria mudar sem a gente, né, sem a família. Coincidentemente tava acontecendo um concurso em Amparo, eu fui, prestei, passei e fui pra Amparo, é, saí de Campinas, fui pra Amparo. Só que quando eu cheguei em Amparo, eu não me adaptei com Amparo de jeito nenhum, então eu nem terminei o ano em Amparo e fiquei substituindo em Campinas. E, então, como em Campinas é caráter de substituição, é, nesse período aí, substituí, substituí, aconteceu o concurso de Vinhedo. Aí eu prestei o concurso de Vinhedo, embora fosse substituição também eu queria ver como que, como que era né, e comecei a vir pra Vinhedo, e estando em Vinhedo, prestei o concurso de Valinhos, passei, já entrei como efetiva, e agora eu to nas duas redes. Então foi assim, por mudança pra outra cidade e por exoneração.

**S:** Você falou que no começo do seu trabalho foi tranquilo, aqui na rede de Vinhedo, mas e no começo do magistério? Como foi esse começo como professora? Que problemas que você enfrentava, como você resolvia?

**Maria:** É quando, quando a gente tá de fora, assim, a gente tem aquela sensação que é muito simples colocar uma criança atrás da outra e escrever na lousa, a criança copia e aprende que é uma beleza, né. Quando você tá dentro, você vê que isso é ilusão, que não tem crianças iguais, que não há sala homogênea, é cada um com a sua dificuldade, cada um com a sua necessidade, né. Aí você fica pensando que..., dá um choque na gente, a gente fica muito ansiosa, e eu aprendi a controlar minha ansiedade faz pouco tempo, mas a gente fica muito ansioso, porque você não tem aquele retorno, você entra esperando um retorno e aquilo não vem, e é um processo lento, é um trabalho de formiguinha, é um atendimento individual, é um de cada vez, e não adianta, todos, as crianças não, todas não aprendem ao mesmo tempo, ela tem o tempo dela. E quem acha que vai ensinar todos ao mesmo tempo vive estressada, né.

**S:** O problema que você encontrava, então era da ansiedade, em relação a [incompreensível]?

**Maria:** Da ansiedade e do confronto do que eu pensava que era e do que realmente é.

**S:** E você enfrentou isso...

**Maria:** Como eu disse, né, eu gosto muito de ler eu sempre busquei alternativas, então eu busco dinâmica pra acalmar, dinâmica pra chamar a atenção, dinâmica pra concentrar, então eu me viro bem assim, embora eu acho que, eu penso que, há, na maioria das vezes a gente meio que dá com os burros n'água com determinada dinâmica, mas se agente parar é..., vou dar um exemplo, tenho uma sala que não para um minuto, então se em vez de você buscar alternativa, você ficar reclamando, reclamando, reclamando, que acontece, você não vai conseguir resolve teu problema, você não vai conseguir dar sua aula, você vai se estressar, e aquilo vai ser o ano inteiro. Então eu penso que é mais saudável, você ficar tentando dinâmica pra, até você conseguir um meio termo, porque dá pra você levar, sem se estressar, sem agredir e ser agredido, porque acaba acontecendo uma agressão. Você vem pra escola sem um mínimo de vontade, as crianças não são bestas, elas percebem isso, aí elas vem mesmo, e pentelha mesmo, porque aluno quando percebe que tira a gente do sério, aí ele ganha o dia dele, a gente tem que ser esperta.

**S:** Quando você achou que já sabia fazer o trabalho de professora?

**Maria:** Eu acho que eu não sei ainda, eu to em busca de um, eu to em busca desse ser professor. Porque eu acho que esse ser professor é uma construção, é uma coisa constante, a gente não tem fórmula, não tem manual e cada ano é completamente diferente, a gente vai ficando mais esperto, mais atento, vai tendo uma visão mais geral, vai conseguindo olhar mais pra eles, mas eu, eu não me considero terminada.

**S:** Conta um pouquinho mais sobre a sua história de professora, desse caminho que você percorreu.

**Maria:** Eu não tenho assim muito o que contar, eu me formei e comecei como substituta e foi indo. O quê que eu poderia dizer assim, uma experiência assim que marcou, né, quando eu fui pra Amparo. Quando eu assumi em Amparo, como eu te disse antes né, a questão de cada sistema trabalhar de um jeito. Amparo trabalha como PROEPRE, e eu fui pra Amparo, “ah vamos começar a aula, tudo”. Aí eu comecei uma semana antes, aí me deram um curso a jato de PROEPRE, e falara “ó, agora pode ir”, e eu fui [risos]. Gente o que eu sofri, porque eu não conseguia entender a metodologia, eu não conseguia conciliar o método com a prática, então eu me desesperei, foi o ano em que eu mais sofri na minha vida. Eu sofri horrores, eu só vivia pra escola, eu chegava em casa eu ia fazer comandas, eu ia fazer, eu ia fazer atividades, até minha família não estava agüentando mais eu. Aí, mas virou um inferno, assim, o meu marido falava assim “mas, mulher do céu, você tá trabalhando período integral e eu não to sabendo?”, porque eu não tinha tempo, eu só. E na minha busca de alternativas eu comecei, acaba cavando mais buracos, mais buracos, porque eu não conseguia conciliar metodologia com a sala de aula. Aí passou, eu sofri, sofri, o sofrimento tem seu lado bom né, eu cheguei também num consenso, entendi a dinâmica do PROEPRE, mas o sofrimento fez eu buscar alternativas, fez eu testar situações. Aí o dia que eu olhei e disse assim “olha eu to trabalhando dentro do PROEPRE, eu to conseguindo”. Aí nesse dia eu vi que eu tinha aprendido mais do que trabalhar a metodologia do PROEPRE, eu tinha, tinha acontecido aí um ganho enorme na minha vida, porque eu consegui ver, trabalhar as disciplinas de uma forma interdisciplinar, então eu carreguei isso com isso, eu não trabalho nada sem estar contextualizado, e eu contextualizo isso com geografia, eu faço uma viagem pelas disciplinas, então quando eu termino um determinado assunto ele foi visto sob todos os ângulos, então o PROEPRE foi um divisor de águas na minha vida, ele foi meu inferno e meu céu ao mesmo tempo, e eu aprendi muito, eu agradeço eu ter ido, agradeço mesmo. A visão da gente sobre o aluno, sobre o conteúdo, você não sai a mesma de jeito nenhum. Então a minha experiência se resume nisso. Eu posso dizer que eu era uma antes, outra depois, foi um divisor de águas, e graças a Deus pra melhor.

**S:** Que legal. Então assim, quais as diferenças que você enxerga quando você começou a dar aulas e hoje, já que teve algo no meio, de divisão mesmo?

**Maria:** Eu me desespero menos. É eu penso, antes eu pensava a situação a longo prazo, eu pegava, eu começava um trabalho, e eu já queria ver como é que ele ia, eu já ficava tentando prever como é que ele ia terminar. Hoje não, hoje eu sou mais tranqüila, eu vou, é, dia após dia, se eu não consigo o resultado que eu almejava, eu não me desespero, eu sei que eu vou ter chance de estar ali, de rever. Então acho que eu fiquei mais calma, menos ansiosa.

**S:** Então agora é melhor ou é pior?

**Maria:** Melhor, no, na questão da ansiedade, agora na questão da procura e no vai atras está no mesmo patamar. Eu continuo buscando alternativas, porque a sala de aula, a gente está atendendo tantas dificuldade, sejam elas de, desigualdade social, seja elas de, digo, de cunho social, familiar, a família está tão desestruturada, mandando a criança cada vez, com menos pra escola, a criança vem sem, menos, é menos cuidado, menos atenção, menos acarinho. E a escola como não deixa de lado esse estigma de regeneradora da humanidade, e o professor, por sua vez, também desempenha papéis, “n” papéis na educação né, então a gente, a gente acaba sofrendo, isso acaba trazendo um sofrimento pra gente, mas não traz mais desespero de causa. E quando a gente começa, a gente, é, quando você chega lá prontinha, cabeça cheia de idéias e nada dá certo, dá um choque na cabeça da gente. Eu acho que me trouxe mais calma, mais ponderação.

**S:** O que você acha mais complicado, mais difícil, no trabalho de professora?

**Maria:** O que eu acho mais difícil? Eu vou falar na minha situação, eu enquanto professora, o quê que eu acho difícil pra mim. Eu acho difícil eu não dispor de um espaço físico, pra estar fazendo uma atividade extra-classe. É cinco horas direto com a criança na sala de aula. Eu acho difícil não ter espaço, por exemplo, um espaço na escola que não fosse só a sala de aula, por exemplo, uma biblioteca onde eu pudesse usar, uma brinquedoteca, ou então uma sala multimeios, e agente não tem. Eu estou o tempo todo com as crianças na sala de aula, na sala de aula, por mais que eu mude a , o jeito de formar as carteiras, seja em grupo, em duplas, em círculos, eles estão trancados entre quatro paredes.

**S:** Quais series e escolas que você trabalha atualmente?

**Maria:** Eu to com segunda série em Valinhos e primeiro ano em Vinhedo.

**S:** Vamos falar um pouquinho sobre a organização do seu trabalho aqui na escola. Que horas você entra?

**Maria:** Eu entro quinze pra uma.

**S:** E sai às?

**Maria:** Dezesete e trinta e cinco.

**S:** Descreve pra mim, então, um dia típico, um dia de trabalho da hora que você acorda, até a hora que você vai dormir, por exemplo a terça-feira.

**Maria:** Terça-feira. Levantei cinco e meia da manhã, passei pela cozinha, fui por uma chaleirinha de água no fogo, fui tomar banho, voltei, coei café, tomei um café preto, cheguei na avenida seis horas da manhã, tomei o ônibus, desci na pista da Anhangüera, uma professora me pegou, deu carona, terminei de chega na primeira escola. Comecei dar aula às sete da manhã, parei às onze, é na terça-feira não tem HTPC, saí às onze e fui novamente pra Anhangüera, esperei o ônibus, o ônibus passou, desci na pista de novo, no bairro Capela, esperei outro ônibus, vim pra escola, fui até a cozinha, comi uma comidinha que tinha lá de merenda, que sobrou da merenda, tomei um café, conversei u pouquinho, assumi a sala quinze pra meio dia, quinze pra uma, parei às cinco e trinta e cinco, fui ao banheiro, me, troquei uma blusa que estava, que eu trago na bolsa num dia de muito calor, dei uma lavada no rosto, respirei fundo, desci o morro a pé, tomei o ônibus pra ir pra Unicamp, cheguei à Unicamp sete hora, fui até o restaurante, jantei, entrei na aula sete e meia e saí às dez e meia, peguei carona, tomei carona com uma amiga até o centro da cidade, do centro da cidade um ônibus pra minha casa, cheguei na minha casa onze e vinte, tomei um café, tomei banho e fui dormir.

**S:** Ufa! [risos] quais são suas tarefas e atividades semanais aqui na escola?

**Maria:** Na escola além dos diários, fazemos semanários, onde registramos é, o que foi dado, as atividades do dia, os objetivos que a gente teve com aquela atividade, eu tenho feito é, é norma esse ano, de fazer um registro individual do aluno naquelas questões relativas ao desenvolvimento, comportamento, pra gente te um olhar mais, mais apurado sobre o aluno, que a gente tem casos de inclusão em todas as séries, então tá fazendo esse registro, mas não por causa desses alunos, no geral, pra gente ter um parâmetro da sala no final do ano, e a gente, ministro aula, aí que termo mais antigo, aí se desenrola a dinâmica da aula. De rotina é isso.

**S:** Como é organizado o ano letivo?

**Maria:** Não tenho acesso a isso, vem pronto. O calendário prontinho, com os dias letivos, feriados e tudo, e ele é imexível, como diria o Magri.

**S:** Vocês param pra avaliar o que está acontecendo na escola?

**Maria:** Paramos, no começo, no meio e no fim.

**S:** E como é que é?

**Maria:** Nas, acontece as reuniões planejamento, tem uma no início do ano, antes de começar, em julho, geralmente antes do recesso temos oficinas, ou então encontros de educadores, pra discutir a situação, e no final do ano, quando a gente pára com a criança, a gente faz um balanço, de como foi esse ano.

**S:** Como é o trabalho da coordenação, vocês recebem coordenadora de fora da escola?

**Maria:** Não, só da unidade, e não ta dando pra sentir muito a, nós mudamos de coordenador, e não tá dando pra sentir muito, assim, esse respaldo pedagógico, porque a escola mudou de prédio e tá meio confuso e elas estão com o tempo todo tomado na parte organizacional. Mas, tudo que eu pedi, até então, até hoje, eu fui atendida na medida do possível, mas não dá tempo de sentar e conversar sobre, pra esclarecer dúvidas, pra pedir algum auxílio, tá muito corrido. Então, não dá pra falar muito a respeito da atual coordenadora.

**S:** Como se dá as reuniões pedagógicas, os HTPCs, como são, quando, que assuntos são discutidos? quem participa?

**Maria:** Porque eu ganho, porque eu dobro e estou fazendo pedagogia a noite eu to participando de um HTP especial que é feito aos sábados, e nos sábados, o coordenador responsável pelo HTPC, ele levanta um assunto em questão e a gente debater esse assunto. Até que é um momento gostoso, assim, a gente fica, cada um bota sua experiência e é um dia assim,

pra lavar a alma, ver que a colega adotou alguma alternativa pra um problema, o queque a outra adotou. Então é uma roca interessante, tem sido bom no sábado, o ruim é de ser aos sábados, né, porque, eu já não tenho tempo pra dar conta e ainda tem que trabalhar de sábado, porque a LDB fala que eu deveria ter um tempo livre né, pra isso.

**S:** E, quem participa são os professores...

**Maria:** Que estão na mesma situação que eu.

**S:** E é dirigida por quem essa reunião?

**Maria:** Pelo coordenador pedagógico da unidade. E esse HTP, ele não acontece só numa escola, ele acontece em todas as escolas da rede, esqueci de dizer que ele é quinzenal. Cada quinzena ele é feito em uma escola e o coordenador daquela escola é que, é responsável pelo HTP.

**S:** Olhando para o conjunto da escola, você acha que há diferenças entre quem trabalha aqui dentro?

**Maria:** Não, não sinto isso, acho que as escolas que eu já trabalhei, eu acho que , é um grupo que trabalha para o bem da criança, é lógico que tem aquele dia que alguém tá mal, que alguém não quer conversa, mas isso faz parte do ser humano. Mas em momento nenhum eu sinto uma divisão de classes e alguém sendo menos tratado ou bem tratado em detrimento do outro. Eu acho que funciona num grupo.

**S:** Os pais das crianças vem sempre à escola?

**Maria:** Não, em muitos casos tem que acionar o conselho tutelar.

**S:** Quando eles vem, é pra quê?

**Maria:** Pra reclamar que não vai ter aula, porque que não vai ter aula. Eles não procuram a gente pra, pra perguntar do desenvolvimento do filho, como vai o filho. Eu to falando por mim, eu não sei o que acontece com todas as outras professoras, mas eles não vem à escola.

**S:** E quando vem vocês precisam chamar?

**Maria:** Chamar, convocar, e não raras as vezes tem que mandar pro conselho tutelar, pra acionar a mãe pra aparecer na escola.

**S:** Por que motivos seriam essas convocações?

**Maria:** Porque a mãe, tem aquele, eu falo isso por mim mãe, né, a escola criou pra si assim, um papel de vilã também, né, toda vez que a escola chama a mãe é pra reclamar do filho, então a mãe logo já pensa, a mãe não é boba, ela sabe o filho que tem né. Então você chama e ela já vem bufando, “ai, quê que fulano fez? O quê que tá acontecendo?”. E é engraçado isso né, que, a escola pegou isso pra ela né, talvez o pai também não venha muito porque ela não dê muita abertura pro pai tá vindo. Tem os dois lados da questão né, pegando a minha situação assim, eu acho que a maioria trabalha e trabalha muito, e outra grande parcela não é responsável mesmo pela criança, a gente vê isso no dia a dia da criança. Criança é mal tratada, mal cuidada, é, você percebe que a criança não traz material pra escola, a criança começa a segunda-feira já suja, então você vê que ela não tem uma assistência familiar mesmo.

**S:** Pensando na organização do trabalho da escola ainda, nas condições de trabalho, como é sua jornada semanal, quantas horas você trabalha na semana?

**Maria:** É três dias eu tenho nove horas de jornada e dois dias dez, então vinte mais vinte e sete, eu tenho quarenta e sete horas de, semanal.

**S:** Você fala, então das duas escolas que trabalha.

**Maria:** Das duas escolas, é quatro horas em uma e cinco na outra, e nos dias que eu tenho HTP em Valinhos eu trabalho cinco em Valinhos e cinco aqui. Então dez com dois dias vinte com mais vinte sete, quarenta e sete horas semanais.

**S:** Como é o sua locomoção pra escola. Você vem de carro, vem de transporte coletivo? Qual? Quanto tempo demora?

**Maria:** Transporte coletivo, é, eu , o trajeto via Anhangüera é rápido, não demora não, os horários de ônibus é que são confusos, mas o trajeto em si, é rápido.

**S:** Você mora em?

**Maria:** Campinas.

**S:** Você se sente bem neste horário de trabalho?

**Maria:** Não, eu não gosto de trabalhar a tarde, eu acho que não rende muito, e pra gente também é complicado, esses dias, assim, te feito muito calor, nossa é desalentador, mas como eu

dobro, eu não tenho outra opção, eu não posso fugir da tarde, então como tá tem que ficar, mas eu prefiro trabalhar de manhã.

**S:** Se pudesse, então você...

**Maria:** Se pudesse eu trabalharia de manhã e ficaria com a tarde livre.

**S:** Você se incomodaria em dizer quanto ganha?

**Maria:** Não, eu ganho dois mil reais, mas um vale compras de duzentos e vinte reais.

**S:** Dá pra o que você precisa pra viver?

**Maria:** Não, não dá. É, quando meu marido, é estava trabalhando assim, até que dava, mas agora que o meu salário está sendo o maior, maior ganho em casa, tá muito, tá sufocante, não dá não.

**S:** Seu salário então, é o principal da casa?

**Maria:** Tá sendo o principal e não [...] não dá.

**S:** Você trabalha com quantas crianças?

**Maria:** Vinte em Valinhos e trinta aqui, cinqüenta crianças.

**S:** Qual a idade delas?

**Maria:** De sete a doze anos.

**S:** No geral?

**Maria:** No geral.

**S:** Como elas são? A origem social, família, os pais trabalham, só em a mãe, quem vem buscá-los, quem vem nas reuniões? Que tipo de problemas eles enfrentam?

**Maria:** Eu tenho, eu tenho duas realidades né. Em Valinhos eu trabalho em escola rural, então, pouquíssimas crianças usam ônibus, a maioria das vezes os pais vão levar e em Vinhedo é por transporte escolar, só quem mora perto da escola vem a pé né, então em sua maioria é transporte escolar. Qual era o outro item mesmo?

**S:** Sobre a situação social, econômica da família.

**Maria:** Tá, em Valinhos eles são filhos de meeiros, e então tem uma situação econômica muito sofrível, as crianças de, que a escola, de Vinhedo, que são atendidas pela escola, é, geralmente, elas vieram de outra localidade e estão morando em Vinhedo, não são é, as mães trabalham como domésticas, é uma situação econômica também é sofrível. A diferença entre Valinhos e Vinhedo é que em Valinhos as famílias são nucleares, em Vinhedo não, a mãe é casada duas, três vezes, tem, é, filho com pais diferentes, a situação, o conflito familiar em si é meio grande, tipo, vou dar um exemplo disso. É comum a gente cantar parabéns pra criança todo final de mês e um menino meu veio e falou assim pra mim, e me disse: “\_A minha mãe nunca cantou parabéns pra mim. \_Por quê? \_Ah, porque ela detesta meu pai. \_Mas o quê que isso tem a ver? \_Ah, mas se ela fizer aniversário pra mim ele vai querer ir, só a minha irmã tem festa de aniversário porque ela gosta do pai, do irmão.” Então esse conflito familiar é muito grande aqui em Vinhedo, muito, muito, muito grande, são muito desestruturados. E é o contrário de Valinhos, que é mamãe, papai, cachorrinho, são mais carinhosos, menos agressivos, é, é uma turminha tranqüila de lidar.

**S:** As condições da sua sala aqui na escola são boas? Ela é silenciosa ou barulhenta? Muito quente, é fresca?

**Maria:** A sala que eu tô esse ano é boa, é tranqüila, arejada, não é grande o suficiente, mas é uma boa sala.

**S:** As crianças ficam inquietas, tem barulho externo?

**Maria:** Não, não, eu to no segundo andar, então não dá pra sentir muito barulho não, inquietas elas ficam, mas isso é delas, não é por causa de desvio de atenção não, está tranqüila a sala, nesse aspecto físico está tranqüila.

**S:** Tá. você tinha falado um pouquinho antes que vocês mudaram de prédio, né. Pode fala um pouquinho sobre isso?

**Maria:** Então, a secretaria da educação entendeu que o, essa mudança de prédio poderia atender mais crianças, que a demanda estava grande e o antigo prédio, ele não comportaria o tanto de crianças que eles precisavam atender. Então, houve essa mudança agora, eu não sei realmente porque aconteceu. Chegou o final do ano, vamos mudar de prédio, tudo, o que era um boato tornou fato, quando eu voltei já tinha mudado né, realmente a escola é maior, é, é bem

grande, mas tem o mesmo pecado da, de outra, não em espaço físico externo, não tem espaço externo nenhum pra tá desenvolvendo uma atividade com a criança. Então, foi isso que aconteceu, foi medida de caber mais crianças.

**S:** Você tem tido algum contratempo de saúde no último ano?

**Maria:** Tenho tido muita dor muscular, mas também eu tenho bastante problemas pessoais, eu ando tensa e é mais o pessoal assim do que, profissional também tá um pouquinho, ainda não consegui estabelecer um, um, como que eu diria, regras com a minha turma, a minha turma é muito inquieta, tá muito inquieta ainda, mas o pessoal difícil e eu tenho tido muitas dores musculares, mas é só que eu tenho percebido.

**S:** Quando você volta ao final do dia pra casa, consegue sair? Fica em casa? faz o quê?

**Maria:** Eu não fico em casa né, mas no final de semana que eu fico em casa eu saio sim, eu vou pra um barzinho, saio com os meus filhos, não fico trancada não, só se eu estiver muito cansada, ou tive algum trabalho de escola pra fazer.

**S:** Você acha que essa profissão suga muito a nossa energia?

**Maria:** Suga, com certeza. Suga bastante.

**S:** Como você percebe isso?

**Maria:** É quando eu fico assim, querendo que ninguém fale comigo, eu chego em casa e eu quero assim, dez minutos de silêncio total, pra, que é muito barulhento né, e a criança chama atenção da gente o dia inteiro, chama a gente o dia inteiro, assim, então eu chego em casa e a minha família já convencionou isso, né, eles não falam comigo quando eu entro, deixa eu ficar quieta um pouco.

**S:** O que mais te cansa, nessa profissão?

**Maria:** O que mais me cansa? Eu acho que o que mais me cansa é ficar cuidando da educação que eles deveriam trazer de casa. essa é a parte mais cansativa do processo. Porque é, você tem que cuidar de tudo, você tá lavando a mão depois do banheiro, pra não jogar papel no chão, pra não jogar lixo no chão, pra não bater no amigo, pra não pegar coisas do amigo, essa parte é mais cansativa, essa educação informal que não tá acontecendo, que está acontecendo tudo nos, no âmbito escolar, está sendo delegado tudo pra gente, e aí isso é muito cansativo.

**S:** Alguma vez você quis ficar em casa e não vir trabalhar só pra descansar?

**Maria:** Eu já tive e já fiquei e porque, não adianta você vir acabada pra escola, teu trabalho não vai render, você não vai fazer nada e, e você, às vezes a gente precisa dar um tempo pro corpo da gente. Já aconteceu de eu levantar, estar com muito sono, liguei, falei dispensa minha sala porque eu não vou e voltei a dormir, no outro dia estava boa, tranquila, sossegada.

**S:** Quais os problemas mais difíceis do seu trabalho?

**Maria:** Problema difícil, o quê que eu poderia? Tem vários, né, eu acho que o problema mais difícil pra mim ultimamente tá sendo cumprir HTP, porque o tempo, eu não tenho tempo aí eu acabo fazendo de má vontade, acabo vindo cansada fazer, também esse ano inventaram da gente trabalhar Sábado, Domingo. Eu acho que isso é o mais difícil pra eu entender, porque como que eu posso cuidar da minha vida pessoal, ir num teatro, ver um filme, se eu não tenho tempo, e o tempo que eu deveria ter eles ainda estão me tomando. Eu acho um roubo do meu tempo essa questão de trabalhar final de semana. Eu me sinto mal com isso, é não tem cabimento isso, porque, você não pode ter mais vida social, de Segunda a Segunda você tá empenhada com os afazeres escolares e aí. A gente tem filho, marido né, não tem, eu acho difícil isso, convoca em período que não é o período de trabalho da gente, é trabalhar projeto que eu não escolhi, que eu não sei do que se trata, eu não sei que benefício vai ter. Pelo menos no PROEPRE, quando eu assumi, eu sabia que eu tinha que trabalhar o PROEPRE, ele não veio, ele não caiu de pára-quedas na minha cabeça, agora, essas benditas formação continuadas, a gente não tem, a gente não escolhe, a gente não tem opção, e ele cai na sala de aula, num pacote fechado e você desenvolve, eu acho isso muito difícil. Eu acho que se o professor tivesse é, tivesse escolhido, tivesse é, sabendo o propósito daquilo, o quê que ia servir de apoio pra ele, seria muito melhor do que vir assim na cabeça da gente como vem. E isso não é só Vinhedo, não é só Valinhos, é Campinas, é no geral, não to falando que isso, no Proesf a gente convive com o pessoal de todas as redes possíveis e a, e tá geral essa situação de comprar projeto e mandar a escola desenvolver, tá difícil isso.

**S:** Alguma vez você se afastou do magistério, da sala de aula ou já pensou em se afastar, por quê?

**Maria:** Não, não me afastei, e não penso agora, mas eu penso no futuro. Pra tá fazendo outra coisa na educação, sair um pouco da sala de aula, não porque, não porque assim, a sala de aula seja um peso nada, mas pra ver a educação de um outro ângulo. A gente tá muito dentro, você vê só aquilo ali, e eu queria ver a situação do lado de fora.

**S:** Você leva trabalho pra casa?

**Maria:** Acabo levando, por mais que eu me rebole, eu não dou conta, da, da, do trabalho só na escola. Eu não dou conta e acabo levando.

**S:** Tem algum momento em que você se desliga da escola?

**Maria:** Tem, quando eu tô com os meus dois filhos eu nem lembro que eu sou professora, eu sou só mãe e quero curtir eles, embora seja, meu filho tem até barba na cara, enfim né, e quando eu to com eles eu to com eles, eu não quero, eu desligo totalmente, mesmo porque se eu não fizer isso eu fico, eu não conseguiria levar né, eu saio de Valinhos e deixo os problemas de Valinhos em Valinhos, eu to aqui em Vinhedo e eu vou embora e deixo os problemas de Vinhedo em Vinhedo. Eu procuro resolver cada um no seu devido lugar, porque se não eu não daria conta, é uma jornada muito extensa, muita responsabilidade.

**S:** Vamos falar de outras coisa, então. Seu lazer. O que faz quando não está trabalhando?

**Maria:** Eu vejo televisão, eu fico com saudade do meu sofá, né, porque eu não tenho, é só final de semana mesmo né, isso quando eu não trabalho de sábado, mas, é, meu sogro tem uma chácara, em Mogi Mirim, às vezes eu vou pra lá, passar o final de semana com a família. Gosto de ler, embora faz tempo que eu não leia por prazer, só por obrigação, e adoro cozinhar com a minha filha, a gente fica na cozinha, a gente fica inventando um monte de coisinhas, assim, e meu filho fica lá de cobaia comendo, coisa que ele faz com muito prazer, aliás, e é um momento tão gostoso assim, eu e ela, que a gente fica conversando, falando da vida, e ele junto, meu marido também, é um momento assim, de quatro, então eu gosto de ficar na cozinha, fazendo as coisas com ela, quando eu não saio.

**S:** Qual foi o último filme que você viu?

**Maria:** Me pegou, eu vi “O Nome da Rosa”, porque a minha filha tinha que ver pra faculdade e “ai mamãe, você já viu isso, vem ver comigo e você me ajuda a entender”, então eu sentei lá e vi “O Nome da Rosa” com ela, foi o último filme.

**S:** Você gostou?

**Maria:** Ah eu já tinha visto duas vezes né, foi a terceira vez [risos], mas é interessante o filme né, você vê uma vez você entende um monte de coisa, você vê a segunda vez e fala “nossa eu não tinha visto isso”, na terceira aí você já está escolada.

**S:** E o último livro que você leu?

**Maria:** Eu li “O Código da Vinte”.

**S:** Gostou?

**Maria:** Gostei. Eu consegui ler, eu fui lendo dentro de ônibus, no banheiro, e consegui ler. Fora os negócios pedagógicos que eu tenho que ler pra faculdade. Mas eu gostei de ler o livro, eu achei interessante, ele levanta umas teorias interessantes.

**S:** Você tem conseguido tirar férias?

**Maria:** Não, no início do ano, eu estava na praia e perdi um irmão né, meu irmão faleceu, eu tive que interromper minhas férias, ele faleceu em circunstâncias muito, muito terríveis e revoltantes, foi, ele foi vítima de um erro médico brutal, assim, o médico deu um diagnóstico e não era o diagnóstico, mesmo assim ele medicou, o medicamento, é, ele detectou uma bactéria e não era uma bactéria, era um fungo, e ele bombardeou o organismo do meu irmão pra atacar a bactéria e o fungo proliferou, abriu uma lesão no estômago, nos rins e meu irmão veio a óbito em janeiro com trinta e oito anos. E então foi muito revoltante, assim, pra gente, uma situação muito triste, e eu acabei ficando o tempo todo com a minha mãe, em Minas e foi só tristeza então eu não consegui tirar férias, agora se deus quiser eu to planejando aí, pra julho ficar no, em Ubatuba o tempo todo pra refrescar a cabeça. Vamos ver se eu consigo.

**S:** Na sua casa, você já falou um pouquinho, mas me diz um pouco mais o que você mais gosta de fazer?

**Maria:** Ah, um dia desse fizeram essa pergunta pra mim, né. se eu pudesse descrever um momento de felicidade assim, pra mim, o quê que eu descreveria, né, e isso eu falo assim, de coração aberto, é a minha verdade mesmo, se eu tenho uma verdade absoluta é essa, um momento de extrema felicidade pra mim, é eu estar sentada na minha sala com meus dois filhotes, meu marido e num dia de chuvinha assim, a casa limpinha e organizadinha e a gente ali comendo uma pipoca assim, num momento de aconchego, eu amo a minha casa, amo a minha família, né, e eu consegui passar isso pros meus filhos, esse amor com família, com casa, meu marido tá tendo umas dificuldades lá, tá sem enxergar, e meus filhos estão fazendo tudo pra ele, e, e mais gostoso, essa verdade, ela é mais consolidada porque dia desse aconteceu um negócio muito chato com um amigo do meu filho, ele andou se metendo aonde não devia e acabou levando na cabeça, por causa da situação, aí meu filho falou assim pra mim “ah, mas o Ronildo, o amigo, ele é bobo, ele quer se meter onde ele não é chamado”, ele disse “eu não to nem aí para o que acontece lá fora, eu entrei, botei a chave na porta, eu sei que aqui dentro eu to seguro, que eu sou amado, respeitado, não quero nem sabe quem tá se matando lá fora”, e isso pra mim assim, foi o máximo, e eu tenho dois filhotes maravilhosos, são, nossa, não tenho, só tenho a agradecer, tenho duas criaturas maravilhosas.

**S:** Que ótimo. Então você tem tempo pra ficar com seus filhos?

**Maria:** Arrumo, arrumo, nossa, eu arrumo, mesmo quando não dá, eu, é porque eu também transformo em qualidade né, eu vou com eles fazer uma compra de supermercado, naquele tempinho que tem ali, a gente conversa da vida deles, então, é qualidade, e raramente a gente briga, e a gente dá colinho um pra o outro, u pro outro, é, socorre, então a gente é muito unido.

**S:** E com o marido tem tempo pra namorar também?

**Maria:** Tenho, nossa [risos] eu e meu marido somos dois namorados, a gente briga pra caramba, né, mas a gente se entende pra caramba. Nunca me arrependi de ter casado. As pessoas falam mal do casamento pra mim e eu fico na minha, né, cada pessoa vê a coisa de um jeito, sofre de um jeito, né, mas eu, eu amo meu marido ele é uma pessoa maravilhosa comigo, tudo que eu quero fazer, ele não, se ele não puder ajudar ele também não fala contra, e é um mineirão muito do sistemático, muito rigoroso né, mas eu me dou super bem com ele, e eu não me arrependo de ter casado.

**S:** Que ótimo. Pra gente terminar. No seu trabalho o que te deixa mais feliz, o que te dá mais prazer?

**Maria:** Alfabetizar, eu gosto, olha é duro, é um trabalho que chega a ser braçal, mas eu gosto, eu gosto de ficar observando, eu, eu gosto dessa, dessa, desse processo da criança, que ela chega de um jeito e ela termina completamente de outro e outra coisa, assim, que eu acho engraçado quando ela vai pro segundo ano, você encontra com ela o ano seguinte e parece que ela cresceu, mudou de carinha. Eu gosto disso.

**S:** Dessa...

**Maria:** É, ver essa mudança, ver esse crescimento, porque o primeiro ano é muito violento pra eles né, eles largam uma situação, é como se o primeiro ano falasse assim, peraí, você largou de ser criança, não tem mais direito, não vai mais brincar mais, não vai ficar em parquinho, vai sentar aí e escrever, né, e esse amadurecimento. Eles passam por um sofrimento e eu, no meu modo dever né, o sofrimento [risos] é tanto que eles amadurecem rápido. Você já vê as menininhas assim, com cara de mocinha, eu acho fantástico.

**S:** No seu trabalho o que te deixa mais triste, o que te traz sofrimento?

**Maria:** O que me traz sofrimento é ver o sofrimento da criança, a gente, eu vejo, assim na minha sala de aula, eu vejo, dá pra ler nos olhos deles o sofrimento que eles tem vivido, falta de amor, de família, de, de tudo, se tem criança, se eu pudesse eu levava pra mim, mudava um pouco a história de vida, isso me traz sofrimento. A parte que também faz a gente sofrer um pouco é essa desvalorização que a gente tem, a gente é tudo e nada ao mesmo tempo. A gente não é respeitado na profissão da gente e nem nas outras que eles obrigam a gente a fazer, então agente é tudo e nada, é a gente é babá, a gente é psicóloga, a gente é assistente social, a gente é mãe, mas a gente não é valorizada em nenhuma dessas, é o único profissional que tem trezentas profissões, falando de uma maneira figurativa, e não é bom profissional em nenhuma delas, isso é triste. E às vezes a gente tem que fazer, quem sou eu, às vezes bate essa dúvida na gente, quem

sou eu, qual é minha profissão, o que, quais são as atribuições da minha profissão, porque você não vai no dentista reclamar pra ele que está com dor de barriga e nem vai num clínico geral pra dizer que tá doendo seu dente. O professor não, o professor dá jeitinho em tudo. Então você não é nada e tudo ao mesmo tempo.

**S:** O que você faz nesse momento s de sofrimento? Quando você se depara com essas situações?

**Maria:** Eu busco muito apoio da minha família, eu, eu conto as minhas angústias assim, e na maioria das vezes eles dão aquela palavra amiga, fala, “ah, mas você já pensou isso, pensou aquilo”, leio muito, eu procuro aprender com a experiência dos outros, a experiência que eu digo não é a experiência e dar aula, ninguém tem isso, mas aquela experiência de vida, aquela dinâmica de, de resolver uma situação assim, eu busco apoio, eu tenho, chorar não adianta.

**S:** Vale a pena ser professora?

**Maria:** Vale, eu acho que vale, tenho certeza que vale.

**S:** Porque?

**Maria:** Ah, por, eu gosto de saber que eu faço diferença na cabeça de alguém, lógico que eu não vou fazer diferença na cabeça de todo mundo, mas eu me sinto realizada com três, quatro mentalidades que eu consiga mudar, e eu acho que a educação pode mudar sim a cabeça das pessoas, não do jeito que tá, mas ela tem esse poder de mudar sim.

**S:** Você sente uma desvalorização do professor?

**Maria:** A com certeza, professor ele não é visto como um profissional, ele é tudo e nada ao mesmo tempo, ele atende a todas as, as diferenças, as dificuldades emocionais, econômicas de sala de aula e além disso, a escola por querer dar conta de tudo isso, ela relega um pouco o pedagógico, porque nas cinco horas de aula, você perde duas horas falando sobre, a educação informal, como não jogar papel no chão, não bater no amigo, não pegar as coisas do amigo, e isso é muito desgastante pro professor, porque elas estão chegando cada vez mais sem nada na escola, cabe a gente fazer, então a desvalorização é aí, eu, pra ser sincera, eu acho que a gente é mais mãe e babá do que propriamente professor, e é difícil isso na cabeça da gente, porque se a gente tem uma dor de barriga a gente não vai resolver isso no dentista, se gente tem uma dor de dente a gente não vai resolve isso no médico, e o professor não, projeto que não é a gente que escolheu, é, criança doente, criança com distúrbio de comportamento, agressividade, e o professor tem que dar conta, sem amparo nenhum, não importa o tanto de aluno que ele tenha na sala de aula, ele tem que dá conta. E ele dá , mas o pedagógico fica relegado, o conteúdo fica defasado, por conta destas dificuldades de sala de aula.

**S:** O que é ser professora?

**Maria:** Eu creio que o professor, ele é um colaborador na formação do cidadão, ele não pode tudo, ele é limitado, ele não pode achar que o ato de ser professor é começo, meio e fim, mesmo porque essa é uma visão de político, né, é toda uma campanha eleitoral, em que o político fala “vou tirar a criança da rua, vou por na escola”, como se a escola fosse princípio, meio e fim da educação e chamar às famílias a responsabilidade, porque a escola não pode arcar com toda essa, essa responsabilidade que ela tomou pra si. E eu, eu fico muito triste de saber, que pras famílias atualmente eu sou mais carcereira de alunos do que professora, eu mantenho eles a salvo da rua, por cinco horas e o importante pra família, o importante pra essas mães é que eles estão guardados durante cinco horas, ela não quer saber se é qualidade, se, em que situação se dá essas horas que eles estão na escola, ela quer que eles estejam na escola. Agora, depois que a gente sai da escola, ele vai pra rua, quer dizer, eu acho que pra educação realmente é, exercer o seu papel de colaboração com a sociedade, era preciso que cada um tomasse para si suas devidas responsabilidades, é a escola não pode ser um depósito e nem tão pouco uma gaiola dourada pra protegê-los da rua. E eu gostaria que as famílias e a sociedade em geral pusesse a criança na escola porque ela acredita que a escola é um benefício pro filho, não pra guardar a criança, deixar a criança guardada, trancafiada na sala de aula.

**S:** Se você pudesse voltar atrás o que faria como profissão, que curso universitário faria, por quê?

**Maria:** As vezes eu penso em fazer direito, eu gosto de lei, toda vez que eu penso em direito, a idéia que vem na minha cabeça é fazer direito pra defender a minha profissão, porque a gente fala tudo de cidadania, mas nós mesmos não gozamos dessa cidadania, nós somos, cada quatro

anos muda tudo na nossa vida, então você vive ao bel prazer de política, ao bel prazer de, de políticas tanto municipais quanto estaduais, federais, fora o que vem do banco mundial, estas políticas externas que a gente tem que acatar. Dependendo o sistema que a gente está, um não significa uma demissão, uma retaliação, e o professor, ele se cala, ele está tão cheio de coisas, tão cheio de responsabilidades que ele não tem o tempo de olhar pra ele mesmo, ele não tem esse tempo de parar e pensar “e eu, né, o quê que eu to fazendo por mim mesmo”. Então eu não teria outra profissão, eu gosto do que eu faço, embora eu acredito que uma verdadeira mudança, ela não vai se dar na sala de aula, tem que ser uma mudança de base, ela pode sim, acontecer na sala de aula, mas não só, tinha que Ter uma, uma mudança no geral, na, uma mudança de sociedade, uma mudança de igualdade, mas não essa igualdade é, paliativa, na verdade a única igualdade que temos é a civil, não gozamos de igualdade na sociedade, e ainda temos escolas de pobre, escola de rico, escola de centro, escola de periferia, né, então deveria haver uma mudança estrutural, mas eu acredito que do jeito que está, hora mais, hora menos, vai Ter que acontecer, porque está insustentável, o professor é um vilão, eu concordo que ele tem um parcela de culpa, mas não é só ele, porque mudar, tudo que a gente lê a respeito de educação o professor aparece como primeiro vilão da educação, ele não busca alternativa. E aí eu fico brava, como que eu não busco alternativa? Eu tenho em sala de aula hiperatividade, transtorno de agressividade, é, comportamentos inadequados e eu sobrevivo na sala de aula, então como é que eu consigo isso? É que eu busco alternativas pra tá conseguindo, então é isso, eu acredito sim, eu gosto de ser professora, eu pretendo me aposentar na profissão e o lamento que eu faço é esse, que não é enjaulando, não é achando que a criança por estar na escola, ela está segura, ela não está, depois que ela sai da escola ela volta pro mundo agressivo dela, ela volta pra rua, ela volta pra família desestruturada, ela volta pro caminhar de problemas que ela tem lá fora, e que na maioria das vezes ela não deixa lá fora, ela carrega com ela pra dentro da sala de aula.

**S:** obrigada.

**Maria:** de nada.